

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA**  
**RELIGIÃO**

**ERIC DE OLIVEIRA MARTINS**

**CULTURA VISUAL PENTECOSTAL:**  
**PRESENÇA E USO DO QUADRO “O PLANO DIVINO**  
**ATRAVÉS DOS SÉCULOS” NUMA IGREJA**  
**ASSEMBLEIA DE DEUS**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2019**

**ERIC DE OLIVEIRA MARTINS**

**CULTURA VISUAL PENTECOSTAL:  
PRESENÇA E USO DO QUADRO “O PLANO DIVINO  
ATRAVÉS DOS SÉCULOS” NUMA IGREJA ASSEMBLEIA DE  
DEUS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação, à Universidade Metodista de São Paulo, Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião

Orientação: Prof. Dr. Helmut Renders.

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2019**

A dissertação de mestrado intitulada: Cultura visual pentecostal: presença e uso do quadro “O Plano Divino através dos Séculos” numa igreja Assembleia de Deus”, elaborada por Eric de Oliveira Martins, foi apresentada no dia 09 de abril de 2019, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Helmut Renders (Presidente/UMESP), Profa. Dra. Valéria Cristina Vilhena (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar (Titular/PUC-SP).

---

Prof. Dr. Helmut Renders  
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Helmut Renders  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

**Programa:** Pós-Graduação em Ciências da Religião

**Área de Concentração:** Linguagens da Religião

**Linha de Pesquisa:** Teologias das Religiões

*Para Valéria, minha eterna namorada.  
Para Cainã e Kaique, minhas heranças do  
Senhor nesta terra.  
Aos meus irmãos Evandro, Paola e Pamela,  
meu alicerce.  
Aos meus pais, José Wagner e Bernadete  
Martins, cujo amor, carinho, ajuda e incentivo  
me fizeram chegar até esse momento  
maravilhoso.  
Ao Senhor Jesus, Autor e Consumador da  
minha fé.*

## AGRADECIMENTO

São tantas pessoas para agradecer que não caberia em uma folha.

Agradeço em primeiro lugar a Deus por sua misericórdia e amor. Sem Ele não chegaria até aqui!

À minha esposa Valéria, que sempre me apoiou e me apoia. Obrigado pela compreensão. Eu te amo!

Aos meus filhos, Cainã e Kaique! Minhas heranças! Obrigado por entenderem minha ausência! Eu os amo!

À minha mãe Bernadete, meu pai José Wagner; e meus irmãos, Evandro, Paola e Pamela. A vocês dedico essa pesquisa.

Ao meu sogro, Devanir, e sogra, Cilene, obrigado por tudo!

À Escola Etip Master de Ensino, em Santo André, especialmente à Claudia Zanibonni, por me liberar para realizar as disciplinas no mestrado.

À Fundação Salvador Arena, Colégio Termomecânica, que mesmo ingressando nessa estimada instituição em meio ao mestrado, me liberou para cursar a última disciplina. Aos meus amigos do setor de Disciplina, especialmente ao professor Cesar, por nossas conversas sobre o meu tema. À Adriana Kudrik, pela compreensão e ajuda essencial para cursar a última disciplina do mestrado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Helmut Renders, pela paciência e por sua brilhante orientação. Como aprendi com esse mestre da Academia. Obrigado por me ensinar o caminho da pós-graduação.

À Capes pelo apoio necessário na pesquisa, sem o mesmo, não teria chegado aqui.

Ao IEPG, pelo apoio no momento tão necessário, meu muito obrigado.

Aos professores da Pós-Graduação da Metodista. Aos amigos feitos durante esse grande tempo.

À Igreja Evangélica Casa de Oração, em Vila Luzita. Onde minha compreensão do Evangelho começou.

À Igreja Evangélica Congregacional de Vila Vera, e ao Pastor Douglas Nassif, a qual sigo seus passos.

À Igreja Assembleia de Deus Santo André, em Vila Humaitá, lugar que amo.

Na minha vida tudo acontece  
Mas quanto mais a gente rala, mais a gente cresce  
Hoje estou feliz porque eu sonhei com você  
E amanhã posso chorar por não poder te ver  
Mas o seu sorriso vale mais que um diamante  
Se você vier comigo, aí nós vamos adiante  
Com a cabeça erguida e mantendo a fé em Deus  
O seu dia mais feliz vai ser o mesmo que o meu  
A vida me ensinou a nunca desistir  
Nem ganhar, nem perder mas procurar evoluir  
Podem me tirar tudo que tenho  
Só não podem me tirar as coisas boas que eu já fiz pra quem eu amo  
E eu sou feliz e canto e o universo é uma canção  
E eu vou que vou  
*História, nossas histórias*  
*Dias de luta, dias de glória*  
Charlie Brown Jr

MARTINS, Eric de Oliveira. CULTURA VISUAL PENTECOSTAL: O quadro o plano divino através dos séculos numa igreja Assembleia de Deus. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. 2019, 146f. São Bernardo do Campo – Sp.

## RESUMO

O presente trabalho explora o surgimento e a importância do chamado “quadro dispensacionalista”, uma representação visual da escatologia assembleiana, originalmente publicada depois de 1940 no livro “O Plano Divino através dos Séculos”, do missionário e pastor americano Nelson Lawrence Olson e, posteriormente, divulgada como cartaz autônomo em forma de litografia colorida. Desde já, foi amplamente usada na formação doutrinária de ingressos e membros da Assembleia de Deus. Sua existência e o seu amplo uso demonstram o papel significativa da cultura visual na catequese dessas comunidades, num item essencial da sua identidade, a sua escatologia. Até então, esse fenômeno não foi investigado por pesquisas específicas. O objetivo da pesquisa explora e afirma a existência de uma cultura visual assembleiana e contribui para o estudo do surgimento de uma cultura visual evangélica brasileira. Em um primeiro momento, analisa-se se na história do cristianismo houve questões similares a do dispensacionalismo; em um segundo momento, analisa-se o imaginário dispensacionalista na Assembleia de Deus e, por fim, uma análise pré-iconográfica, iconográfica e iconologia do quadro “O Plano Divino através dos Séculos”.

Palavras-chave: Linguagens da Religião. Cultura Visual Religiosa. Assembleia de Deus. Quadro “O Plano Divino através dos Séculos”.

MARTINS, Eric de Oliveira. VISUAL PENTECOSTAL CULTURE: The picture of the divine plan through the centuries in a church Assembly of God. Master's Dissertation in the Sciences of Religion. (Post-Graduation Program in the Sciences of Religion). Methodist University of São Paulo. 2019, 146f. São Bernardo do Campo - Sp.

### **ABSTRACT**

The present work explores the emergence and importance of the so-called "dispensationalist framework," a visual representation of congregational eschatology, originally published after 1940 in the book "The Divine Plan Through the Ages" by the American missionary and pastor Nelson Lawrence Olson, advertised as a stand-alone poster and colored lithograph form. From now on, it has been widely used in doctrinal training of entrants and members of the Assembly of God. Its existence and wide use demonstrate the significant role of visual culture in the catechesis of these communities, an essential item of their identity, their eschatology. Until then, this phenomenon has not been investigated by specific research. The objective of the research explores and affirms the existence of a congregational visual culture and contributes to the study of the emergence of a Brazilian evangelical visual culture. At first, to analyze if in the history of Christianity there were similar questions of dispensationalism, in a second moment, to analyze the dispensationalist imaginary in the Assembly of God and finally, a pre-iconographic, iconographic and iconological analysis of the picture The Divine Plan through of the Centuries.

Keywords: Languages of Religion. Religious Visual Culture. Assembly of God. "The Divine Plan through the Ages".

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de eras montado por FROOM, segundo colocações de Ribeira.....	32
Figura 2 - Esquema das variações do Milenarismo.....	35
Figura 3 - Jornal Boa Semente – N° 23 – Setembro de 1923.....	45
Figura 4 - Mensageiro da Paz. Ano 1931. Número 2.....	46
Figura 5 - Mensageiro da Paz. Ano 1931. Número 2.....	47
Figura 6 - Mapa O Plano Divino Através dos Séculos CPAD -1943.....	54
Figura 7 - O Pastor Nirton dos Santos ensinando o Plano Divino Através dos Séculos na década de 60.....	56
Figura 8 - Estudo O Plano Divino através dos Séculos ministrado pelo Pastor João A. de França no Templo Sede das Assembleias de Deus de Alta Floresta – MT.....	57
Figura 9 - Capa do livro.....	59
Figura 10 - Josph Mede. Key of the revelation, London: Richard More, 1643 [Apocalyptick Scheme].....	62
Figura 11 - Dispensational Truth.....	64
Figura 12- Dispensational Truth.....	64
Figura 13 - The Seven Cosmic Phases Of The Earth.....	65
Figura 14 – Desenho detalhado das dispensações.....	66
Figura 15 - Desenho detalhado das dispensações.....	67
Figura 16 - Desenho detalhado das dispensações.....	67
Figura 17 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake.....	69
Figura 18 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake.....	69
Figura 19 – Bíblia de Estudo DAKE.....	70
Figura 20 – Mapa do Missionário Olson.....	71
Figura 21 - Pastor Nirton Dos Santos.....	74
Figura 22 - Pastor Nirton Dos Santos.....	74
Figura 23 - O Plano Divino Através dos Séculos.....	81
Figura 24 [Seção C1] - O Plano Divino Através dos Séculos.....	82
Figura 25 [Seção C1 e Seção C2] – O Plano Divino Através dos Séculos.....	83
Figura 26 [Seção C3] O Plano Divino Através dos Séculos.....	84
Figura 27 [Seção C4]: O Plano Divino através dos Séculos.....	84
Figura 28 [Seção C5]: O Plano Divino através dos Séculos.....	85
Figura 29 [Seção C6] - O Plano Divino através dos Séculos.....	87
Figura 30 [Seção C7] - O Plano Divino através dos Séculos.....	88
Figura 31 [Seção C8] - O Plano Divino através dos Séculos.....	89
Figura 32 [Seção C/9] - O Plano Divino através dos Séculos.....	90
Figura 33 [Seção C/10] - O Plano Divino através dos Séculos.....	92
Figura 34 [Seção B2/1] - O Plano Divino através dos Séculos.....	92
Figura 35 [Seção B2/5] - O Plano Divino através dos Séculos.....	93
Figura 36 [Seção B2/6] - O Plano Divino através dos Séculos.....	93
Figura 37 [Seção B2/7] - O Plano Divino através dos Séculos.....	94
Figura 38 [Seção B2/8] - O Plano Divino através dos Séculos.....	95
Figura 39 [Seção B2/9] - O Plano Divino através dos Séculos.....	96
Figura 40 [Seção B2/10] - O Plano Divino através dos Séculos.....	96
Figura 41 [Seção B1/1] - O Plano Divino através dos Séculos.....	96
Figura 42 [Seção B1/2] - O Plano Divino através dos Séculos.....	97
Figura 43 [Seção B1/3] - O Plano Divino através dos Séculos.....	97
Figura 44 [Seção B1/5] - O Plano Divino através dos Séculos.....	97

Figura 45 [Seção B1/6] - O Plano Divino através dos Séculos.....	98
Figura 46 [Seção B1/7] - O Plano Divino através dos Séculos.....	98
Figura 47 [Seção B1/8] - O Plano Divino através dos Séculos.....	99
Figura 48 [Seção B1/9] - O Plano Divino através dos Séculos.....	100
Figura 49 [Seção A/1] - O Plano Divino através dos Séculos.....	100
Figura 50 [Seção A/2] - O Plano Divino através dos Séculos.....	100
Figura 51 [Seção A/4] - O Plano Divino através dos Séculos.....	101
Figura 52 [Seção A/5] - O Plano Divino através dos Séculos.....	101
Figura 53 [Seção A/7] - O Plano Divino através dos Séculos.....	102
Figura 54 [Seção A/8] - O Plano Divino através dos Séculos.....	103
Figura 55 [Seção A/9] - O Plano Divino através dos Séculos.....	103
Figura 56 [Seção D/1] - O Plano Divino através dos Séculos.....	104
Figura 57 [Seção D/2] - O Plano Divino através dos Séculos.....	104
Figura 58 [Seção D/2] - O Plano Divino através dos Séculos.....	105
Figura 59 [Seção D/5 e D/6] - O Plano Divino através dos Séculos.....	106
Figura 60 [Seção D/7] - O Plano Divino através dos Séculos.....	107
Figura 61 [Seção D/8] - O Plano Divino através dos Séculos.....	107
Figura 62 - Clarence Larkin. God's Eternal Purpose as to the Earth, 1914.....	110
Figura 63 (seção C/8-9) - A volta de Cristo.....	115
Figura 64 (seção C/7 e B2/7): A dupla menção das sete Igrejas no livro do Apocalipse.....	117
Figura 65 (seções C8 e B2/8): Os sete anjos.....	118
Figura 66: Clarence Larkin. God's Eternal Purpose as to the Earth, 1914.....	119
Figura 67 - Lições Bíblicas 2º Trim.2019.....	121
Figura 68 - Clarence Larkin. God's Eternal Purpose as to the Earth, 1914.....	125
Figura 69 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake.....	126
Figura 70 - Estudo O Plano Divino através dos Séculos ministrado pelo Pastor João A. de França no Templo Sede das Assembleias de Deus de Alta Floresta – MT.....	127
Figura 71 - Dispensational Truth p. 73.....	138
Figura 72 - Dispensational Truth p. 79.....	138
Figura 73 - Dispensational Truth.....	139
Figura 74 - Dispensational Truth.....	139
Figura 75 - Estudo das sete dispensações e sete festas de Israel.....	140
Figura 76 - Pastora Donizete da Igreja Quadrangular.....	141
Figura 77 - Estudo O Plano Divino através dos Séculos Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Missões- Campo Filiado a COMADEGO e CGADB. Pastor Vicente de Paula.....	141
Figura 78 - Igreja do Evangelho Quadrangular.....	142
Figura 79 – Culto de Ensino.....	142
Figura 80 - Igreja Evangélica Quadrangular Chamada para curso de Escatologia e sobre O Plano Divino através dos Séculos.....	143
Figura 81 - N. Lawrence Olson. O Plano Divino através dos Séculos. 25ª ed. CPAD, 2002 [on-line].....	143
Figura 82 - N. Lawrence Olson. O Plano Divino através dos Séculos. 25ª ed. CPAD, 2002 [on-line].....	144
Figura 83 - William Miller A chronological chart of the visions of Daniel and Jons. Alamy, 1842.....	145
Figura 84 - William Miller, A chronological chart of the visions of Daniel and Jons. Alamy, 1863.....	146

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPITULO I</b>	
<b>A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DO DISPENSACIONALISMO PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO NA ASSEMBLEIA DE DEUS .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 O dispensacionalismo: uma tradição construída.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Supostos precursores do dispensacionalismo na história do cristianismo .....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 Imaginário dispensacionalista pentecostal .....</b>	<b>27</b>
<b>1.3.1 História dos Jesuítas.....</b>	<b>29</b>
<b>1.3.2 Sistematização futurista pelos Jesuítas.....</b>	<b>31</b>
<b>1.4 O dispensacionalismo .....</b>	<b>34</b>
<b>1.5 O dispensacionalismo encontrado na Assembleia de Deus, o caso de Santo André .....</b>	<b>37</b>
<b>1.6 Análise dos jornais oficiais da Assembleia de Deus.....</b>	<b>39</b>
<b>1.7 A doutrina do Destino Manifesto .....</b>	<b>49</b>
<b>CAPITULO II.....</b>	
<b>O QUADRO “O PLANO DIVINO ATRAVÉS DOS SÉCULOS” COMO EXPRESSÃO CHAVE DA CULTURA VISUAL PENTECOSTAL: ORIGEM E SUA IMPORTÂNCIA.....</b>	<b>53</b>
<b>2.1 Qual a importância do quadro nas Assembleias de Deus .....</b>	<b>53</b>
<b>2.2 Origens do quadro “O Plano Divino Através dos Séculos” .....</b>	<b>58</b>
<b>2.2.1 As Setes Dispensações.....</b>	<b>60</b>
<b>2.2.2 Esquema de Lakrin .....</b>	<b>63</b>
<b>2.2.3 O Caso da Bíblia Dake .....</b>	<b>68</b>
<b>2.3 O quadro “O Plano Divino através dos Séculos” e o Imaginário Pentecostal da Cultura Visual na Assembleia de Deus em Santo André.....</b>	<b>71</b>
<b>Considerações intermediárias .....</b>	<b>77</b>
<b>CAPITULO III</b>	
<b>O QUADRO “O PLANO DIVINO ATRAVÉS DOS SECULOS” COMO NARRATIVA VISUAL DA ESCATOLOGIA ASSEMBLEIANA: UMA ANÁLISE PANOFSKIANA .....</b>	<b>78</b>
<b>3.1 Erwin Panofsky e o método pré-iconográfico, iconográfico e iconológico do estudo da leitura das imagens.....</b>	<b>78</b>
<b>3.2 Proposta de leitura de composição do quadro .....</b>	<b>81</b>
<b>3.3 Primeiro nível: A interpretação pré-iconográfica.....</b>	<b>82</b>
<b>3.4 Segundo nível: A interpretação iconográfica.....</b>	<b>108</b>

<b>3.5 O campo C ou o conjunto de motivos que compõem o primeiro eixo da narrativa dispensacionalista .....</b>	<b>108</b>
<b>3.6 Os campos B1 e B2 ou o conjunto de motivos que relacionam a narrativa dispensacionalista com os livros da Apocalipse e de Daniel .....</b>	<b>115</b>
<b>3.7 Terceiro nível: A interpretação iconológica .....</b>	<b>122</b>
<b>3.7 Considerações intermediárias .....</b>	<b>122</b>
<b>3.7.1.A interpretação iconológica .....</b>	<b>123</b>
<b>Considerações intermediárias .....</b>	<b>128</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

Quando se trata de cultura visual e, principalmente, de uma cultura visual religiosa, muitos grupos se destacam por possuírem grandes obras ou imagens. Pode-se usar o exemplo dos católicos e suas grandes contribuições para a arte visual religiosa. Com seus quadros, imagens de escultura ou mesmo desenhos em igrejas e capelas, a cultura visual católica demonstra uma riqueza de meios, formas e significados.

Um dos temas continuamente retratados, especialmente por meio de gravuras e pinturas, diz respeito aos que se concentram nos quatro temas da ressurreição, do julgamento, do céu e do inferno. Esses temas chaves da escatologia católica eram temas populares, por exemplo, nas publicações Jesuítas.

Entre os protestantes há algumas confissões como os anglicanos e luteranos, que frequentemente na sua longa história abraçaram conscientemente sua cultura visual religiosa; por outro lado, há denominações que têm uma cultura visual e convivem com ela sem refletir muito sobre isso, como os metodistas. E, finalizando, há igrejas que se pronunciam contra diversos elementos da cultura visual de outras igrejas, das quais elas fazem parte inclusive da construção da sua identidade, aparentemente sem perceber a importância e o papel da sua própria cultura visual para o cotidiano das suas práticas religiosas. Este trabalho tem como objeto de pesquisa a Igreja Assembleia de Deus.

Este processo é passível de oferecer diversos caminhos. Primeiro, pode-se explorar os prédios da Assembleia de Deus e as suas características, por exemplo, o antigo costume de cobrir a parede do fundo com um pano – uma referência ao templo de Jerusalém fazendo distinção aos menos e mais sagrados, mas optou-se por outro caminho, um caminho que não levará somente à observação dos espaços assembleianos de cultuar a Deus, mas a um dos objetos usados para isso: um quadro. Esse quadro, segundo percepção do autor, de grande importância na construção e fundamentação das referências da fé relevantes nas comunidades da Assembleia de Deus e no cotidiano das suas práticas religiosas, chama-se “O Plano Divino através dos Séculos”.

O quadro foi introduzido nas Assembleias de Deus por Nels Lawrence Olson, por meio de livro escrito por ele com o mesmo nome, tendo a função de explicar aos seus amigos e membros das comunidades da Assembleia de Deus a sua escatologia

como elemento distinto em comparação com a Igreja Católica e as igrejas protestantes históricas (e muitas outras).

Diferentemente, o quadro “O Plano Divino através dos Séculos” desenha como elemento fundamental das convicções religiosas básicas das Assembleias uma escatologia chamada de dispensacionista, enquanto em outras igrejas a escatologia não seja obsoleta, mas não vai muito além de uma escatologia pessoal e a esperança da ressurreição individual – mais ou menos dentro dos ensinamentos das novíssimas dentro do catolicismo romano – apresenta a escatologia dispensacionista uma escatologia com dimensões cosmológicas e uma leitura específica da história da humanidade como esquecida de Deus, decadente e indo para o grande desastre final da sua própria aniquilação, aparentemente, sem se dar conta disso.

Nessa interpretação religiosa da história da humanidade e do mundo, tão essencial à compreensão da sua vocação como igreja Assembleia de Deus e razão de evangelizar o mundo para alertar a humanidade e resgatar dela tantas pessoas quantas possíveis do supostamente inevitável, o “O Plano Divino através dos Séculos” tem um papel fundamental.

Entretanto, o que interessa nessa pesquisa não é meramente o papel que a obra “O Plano Divino através dos Séculos” exerce na divulgação e afirmação dessa crença assembleiana, o que se pensará é o fato de ela ser conhecida para a grande maioria dos assembleianos e ter o seu papel vital na vida da igreja, e apesar disso não ser identificada como uma expressão da cultura visual, não tendo percebido que a própria Igreja Assembleia de Deus desenvolve uma forma única da cultura visual para expor continuamente aos seus membros uma das suas crenças-chaves através da exposição de um quadro.

Um quadro que é tão usado pelos assembleianos para descrever a sua fé tornou-se um elemento indispensável da sua existência ou, no mínimo, um elemento que a maioria dos seus membros reconhece como algo que tinha um papel importante na sua formação religiosa e na forma como a sua comunidade repetidamente explicou as suas convicções religiosas para toda a sua membresia e para as novas gerações, sejam elas as crianças de assembleianos ou pessoas chegando em resposta aos seus esforços missionários.

Nesse contexto, a hipótese dessa pesquisa é que uma Igreja Assembleia de Deus, fazendo uso do quadro “O Plano Divino através dos Séculos”, não somente tem uma

cultura visual, mas entende que a cultura visual desse quadro representa um elemento chave da sua existência que une a comunidade ao redor daquilo que o quadro representa, e que o conteúdo do quadro seja considerado essencial, como algo valioso para a comunidade Assembleia de Deus, sendo que tudo ocorre pela exposição da comunidade a um quadro.

Em seguida, aproximar-se-á do fenômeno do favorecimento e paralelo desconhecimento de uso de uma expressão de cultura visual na Igreja Assembleia de Deus em três passos.

No primeiro capítulo, “A importância da teoria do dispensacionalismo para a construção do imaginário escatológico na Assembleia de Deus”, descreveu-se os elementos chaves ou o conteúdo dessa doutrina.

No segundo capítulo, “O quadro “O Plano Divino através dos Séculos” como expressão chave da cultura visual pentecostal: origem e sua importância”, falou-se sobre as origens iconográficas do também chamado “quadro dispensacionista”, demonstrando que esse quadro não surgiu do nada, ele é resultado de uma longa experiência nas Assembleias de Deus com esse tipo de cultura visual que não somente se aproxima da sua data de formação ou criação, mas até a antecipa.

O que Olson, há cerca de trinta anos depois da fundação da Assembleia de Deus no Brasil, apresenta como síntese visual do ensino dispensacionista assembleiano já tem uma longa pré-história dentro dessa igreja e igrejas afins, o que explica o porquê um quadro assume o papel que ele ocupa com tanto sucesso e sem resistência contra esse uso de uma imagem na vida da igreja.

Finalmente, no terceiro capítulo intitulado o quadro “O Plano Divino através dos Séculos” como narrativa visual da escatologia assembleiana: uma análise panofskiana”, far-se-á uma leitura visual do quadro, descrevendo seus elementos ou motivos parciais e explicando o seu significado, tanto na época da sua criação como hoje.

A escolha por este assunto se deu pelo conhecimento de que não há trabalhos com esse olhar específico, embora a dissertação de Andrea Dos Reis Sebastião, intitulada “*A crença no arrebatamento da Igreja: seus desenvolvimentos e transformações imagéticas*” de 2010, possa dar essa impressão. Entretanto, a autora não usou na sua pesquisa o caminho de interpretar o quadro com detalhamento, mas referiu-se a ele em termos gerais como parte da sua argumentação. O aspecto imagético é ilustrativo e não é considerado na sua originalidade.

A metodologia utilizada segue a proposta do historiador da arte Erwin Panofsky (1892-1968). Ele faz parte de uma nova geração de historiadores da arte que busca interpretar o significado de obras de arte, contribuição dada pelo autor ao grupo de pesquisa RIMAGO (Cultura visual religiosa) sobre o papel da cultura visual religiosa, inclusive no protestantismo brasileiro, e sua busca por encontrar meios adequados de interpretar a cultura visual religiosa, propomos aplicar o método de Panofsky, chamado iconologia, para o quadro “O Plano Divino através dos Séculos”

Dito isso, espera-se que a presente pesquisa contribua com um elemento ainda pouco considerado nos estudos pentecostais, a percepção da importância da sua cultura visual religiosa na e para o pentecostalismo brasileiro, não somente em tempos contemporâneas, mas já na sua fase de estabelecimento, tendo como foco a fase da sua consolidação depois da década de quarenta do século passado com efeitos até hoje.

## CAPITULO I

### **A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DO DISPENSACIONALISMO PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO NA ASSEMBLEIA DE DEUS**

Neste capítulo, abordamos temas sobre a importância da teoria dispensacionalista para a construção do imaginário escatológico assembleiano. No primeiro momento, procurar-se entender como o dispensacionalismo se tornou uma tradição chave na Assembleia de Deus e como essa crença foi construída e institucionalizada. Posteriormente, pergunta-se se existem ideias ou traços nas escatologias desenvolvidas pela igreja cristã durante a sua história que usem o conceito das dispensações, um elemento considerado chave do dispensacionalismo.

Nessa conversa, um dos nossos interlocutores será a Jürgen Moltmann e sua escatologia. Procurar-se fazer uma conexão com a história da igreja, refletindo se houve algum período em que os cristãos estudaram a história do mundo e seu futuro em dispensações. Na verdade, se existiram ideias dispensacionistas na história cristã.

Em um segundo momento, busca-se entender a construção do imaginário apocalíptico dentro do dispensacionalismo assembleiano, qual dispensacionalismo é utilizado na Assembleia de Deus e desde quando ela se utiliza da teoria. Teria sido agregada desde seus primórdios ou teria sido uma tradição construída?

Em um terceiro momento, a proposta é reconhecer a importância do quadro “O Plano Divino através dos Séculos” e responder como ele se tornou primordial para o surgimento de uma cultura visual religiosa no meio da Assembleia de Deus.

O objetivo é mostrar o surgimento da teoria do dispensacionalismo no contexto assembleiano e como este se tornou importante no imaginário na denominação pentecostal andreense.

## 1.1 O dispensacionalismo: uma tradição construída

O dispensacionalismo apresentado nesta pesquisa remete ao século XIX e foi organizado, inicialmente, pelo inglês John Neslon Darby. Os capítulos subsequentes trarão mais detalhes sobre sua teoria de dispensações.

Este capítulo visitará outros textos clássicos do dispensacionalismo da segunda parte do século XIX, chamada da “era de ouro” do dispensacionalismo (VLACH, 2010, p. 22).

Essa teoria escatológica começa a difundir-se na segunda metade do século XIX até chegar em 1940 no seu momento máximo. Essa perspectiva temporal ou ideia de um período específico da popularização da teoria acompanha, em especial, a visão dispensacionalista de líderes americanos e britânicos, sendo marcada, no seu início, pelos escritos de Darby e, ao seu fim, pelo lançamento da Teologia Sistemática de oito volumes (1948) de Lewis Sperry Chafer.

Em termos cronológicos, quase no meio desse período, encontra-se a data da publicação das notas interpretativas da Bíblia de Referência de Scofield (1909, 1917), que são vistas como a representação chave de dispensacionalismo (VLACH, 2010, p. 22) e que contribuíram para a popularização da cosmovisão e compreensão da história, segundo o modelo do dispensacionalismo.

Depois dessa fase de consolidação e popularização da teoria dispensacionalista, que durou quase um século, houve as primeiras modificações significativas. Os historiadores referem-se a esse novo tipo de dispensacionalismo como o dispensacionalismo revisado ou modificado ou o dispensacionalismo progressivo.

O dispensacionalismo revisado ou modificado data aproximadamente de 1950 – 1985. Os adeptos dessa visão propuseram modificações à teologia dispensacionalista clássica incluindo um afrouxamento de algumas das mais nítidas distinções entre Israel e Igreja (VLACH, 2010, p. 24). Alguns nomes do dispensacionalismo revisado incluem John Walvoord, Dwight Pentecost, Charles Ryrie, Charles Feinberg e Alva J. McCain. O dispensacionalismo chamado progressivo aparece de forma mais visível nos debates teológicos nas igrejas pentecostais a partir do ano de 1980. Frequentemente, é associado com a inauguração do *Grupo Estudo Dispensacional*, em 1986: O dispensacionalismo progressivo ofereceu alterações posteriores à teologia dispensacionalista.

A que se refere o dispensacionalismo progressivo?

O título dispensacionalismo progressivo refere-se à progressiva relação das sucessivas dispensações de uma à outra (VLACH, 2010, p. 25). Para todos os dispensacionista progressistas, o pleno cumprimento deste reino davídico aguarda Israel no futuro milênio. Porém, em se tratando do dispensacionalismo clássico, defendido por Darby, teria este sido uma tradição construída e institucionalizada? Quem nos informa sobre a construção de tradições é o historiador Eric Hobsbawm, em seu clássico, *A Invenção das Tradições*. O dispensacionalismo ganha força em um período de guerra civil e a visão dos americanos de que a volta de Cristo estaria próxima foi grande. Período de grandes transformações em solo americano, a questão do fim dos tempos ser torna motivo de análise e estudo. Sobre esse período, escreve Karen Armstrong:

Nos Estados Unidos alguns dos protestantes mais conservadores tinham uma visão semelhante, porém seu pesadelo assumiu uma forma religiosa. Os americanos também haviam passado por um conflito terrível e por seu decorrente anticlímax. Viram a Guerra Civil (1861-65) entre os estados do Norte e do Sul em termos apocalípticos. Os nortistas acreditavam que aluta purificaria a nação; os soldados cantavam a “glória da vinda do Senhor”. Os pregadores falavam de um Armagedom iminente, de uma batalha entra a luz e as trevas, a liberdade e a escravidão (ARMSTRONG, 2009, p. 193).

Seria o momento certo para uma escatologia pré-milenarista ganhar tanto espaço em solo americano. Muitos se interessaram com mais afinco por uma escatologia, sonhando com um Embate Final entre Deus e Satã (ARMSTRONG, 2009, p. 193). Pois foi neste exato período que a teoria de Darby com seu dispensacionalismo e ensino pré-milenarista varreu o território americano:

A nova crença apocalíptica que se arraigou nos Estados Unidos ao terminar o século XIX recebeu o nome de pré-milenarismo, porque sustentava que Cristo voltaria à Terra antes de fundar seu reino de mil anos. [...] Quem pregou o pré-milenarismo aos americanos foi o inglês John Nelson Darby (1800-82), que encontrou poucos seguidores em sua terra, mas realizou seis triunfantes excursões pelos Estados Unidos entre 1859 e 1877 (ARMSTRONG, 2009, p. 193).

O nascimento do dispensacionalismo, ainda que na forma embrionária, ocorreu no contexto de um pré-tribulacionismo do jesuíta Ribeira, conforme será analisado, pois quem sistematiza e divulga a ideia é John Nelson Darby.

O conceito dispensacionalista é muito bem aceito em solo americano e um período de transformações em solo estadunidense. Período de guerras civis, de um imaginário escatológico, de “nação escolhida” e de expansão de território. Faz-se a construção de uma

tradição dispensacionalista criada, em leve variação do conceito da “tradição inventada”, do historiador Eric Hobsbawm. Fazendo referência ao livro *Invenção das Tradições*, Hobsbawm esclarece:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM, 2014, p.7).

Podemos afirmar que o dispensacionalismo que segue Darby pode ser compreendido como uma tradição construída aos poucos e que depois dessa fase criativa acabou sendo totalmente institucionalizada, ou seja, se tornou dentro da Assembleia de Deus regra da fé.

Contribuíram para o processo da construção e criação do imaginário dispensacionalista tanto Darby, com foco nos aspectos das dispensações na história do cristianismo, como os jesuítas com seu acento futurista, e os puritanos com seus modelos e representações de dispensações do século 16 (MORGAN, 2015, p.92). É o contexto dos Estados Unidos do século 19 que favorece uma tradição dispensacionalista pré-milenarista como resposta, especialmente, depois da guerra da secessão. Acabou o mundo sem fim, o sonho da realização do Reino de Deus em *God’s own country*, nas terras que pertencem a Deus. Compreendendo ainda sobre uma tradição construída, Hobsbawm esclarece:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 2014, p. 8).

As conferências de Darby em solo americano impulsionaram sua teoria. Uma nação em plena expansão que acredita ser a “escolhida de Deus” para conquistar territórios não anexados e impor sua superioridade. Algo que ainda prevalece nos dias atuais. É o que Fernand Braudel<sup>1</sup> expõe em seu sistema de longa duração e, no caso do dispensacionalismo, de curta duração.

O dispensacionalismo continua em solo estadunidense sendo referência para igrejas e ainda tendo ampla divulgação. Vemos pelos filmes e livros produzidos. No Brasil não é

---

<sup>1</sup> A longa duração é um conceito histórico criado pelo francês Fernand Braudel, utilizado em sua tese de doutorado de 1949 intitulada *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II*, introduziu uma nova maneira de abordagem dos acontecimentos históricos: aqueles que transcorrem na longa duração.

diferente, amplamente o dispensacionalismo é divulgado e aceito por muitas denominações. Observa-se que a tradição dispensacionalista ganhou seu espaço e seus adeptos em plena época de transformações americanas. Tanto as guerras como modificações sociais, políticas e econômicas fizeram com que um imaginário escatológico mudasse de uma visão pós-milenarista para uma compreensão pré-milenarista da história.

Os americanos tinham de ser construídos. As tradições inventadas dos Estados Unidos neste período eram antes de mais nada destinadas a atingir este objetivo. Por um lado, os imigrantes foram incentivados a aceitar rituais que comemoravam a história da nação – a Revolução e seus fundadores (4 de julho) e a tradição protestante anglo-saxônica (Dia de Ação de Graças) – como eles de fato aceitaram, uma que agora estes dias eram feriados e ocasiões de festejos públicos e particulares (HOBSBAWM, 2014, p.355).

Dentro dessa construção política viria uma construção escatológica. Uma construção moldada em um sistema dispensacionalista pré-tribulacionista. A construção da tradição dispensacionalista de Darby passa por aspectos do uso da fantasia sobre o fim do mundo. As dispensações, como os temas escatológicos sobre a volta de Cristo, principalmente no que tange ao pré-tribulacionismo e no arrebatamento secreto, traduzem essa questão. Não somente nisso, porém, na inauguração da última dispensação.

Então Jesus desceria à terra, derrotaria o Anticristo, travaria a batalha decisiva com Satã e as forças do mal na planície de Armagedon, nos arredores de Jerusalém, e inauguraria a Sétima Dispensação, reinando por mil anos, até o Juízo Final concluir a história. Trata-se de uma versão religiosa da fantasia europeia da guerra futura, segundo a qual o verdadeiro progresso seria inseparável do conflito e da devastação quase total (ARMSTRONG, 2009, p. 194).

Há, porém, uma grande diferença. Na imaginação europeia, a provação da próxima grande guerra afetaria a todos; na versão de Darby, os eleitos se salvariam. A tradição construída se une à fantasia do imaginário americano sobre o fim do mundo.

Ainda dentro desta perspectiva, o pré-milenarismo é uma fantasia de revanche, com os eleitos assistindo aos sofrimentos dos que zombaram de suas crenças, ignoraram, ridicularizaram e marginalizaram sua fé e agora, tarde demais, reconhecem o próprio erro (ARMSTRONG, 2009, p. 195).

Claramente, dentro de todas as circunstâncias dos Estados Unidos, o dispensacionalismo de Darby se torna uma tradição construída e totalmente institucionalizada. O ápice desse ideal foi construído através da colonização dos ingleses para o novo mundo. Com aspectos puritanos e calvinistas os americanos foram se organizando.

Quando os ingleses colonizaram a América, desde os primórdios, tinham a noção e o ideal calvinista do escolhido. Logo em seus primeiros anos de colonização, o capitão John Smith, fundador da Virgínia em 1607, disse: “O céu e a terra nunca se combinaram tão bem para arranjar um lugar que servisse de habitação para o homem” (GRAY, 1973, p. 1).

A influência puritana e calvinista está enraizada desde a criação da colônia inglesa. O calvinismo pressupõe que o homem não tem nenhuma autonomia ou parte da escolha de sua salvação. Ele ensina que Deus, exercendo sua soberania, primeiro elege e depois decreta alguns para a salvação, decisões determinadas em tempos passados. Posteriormente, estendeu a doutrina da “irresistible”, irresistível graça para os homens, significando que Deus predestina, oferecendo a salvação aos escolhidos. O homem não pode refugiar ou escolher. Foi predestinado pelo próprio Deus para tais atributos. A doutrina calvinista vai influenciar os puritanos que vieram à América. Esses foram colonizados no ideal da predestinação e vão cumprir os desígnios da conquista da terra.

## **1.2 Supostos precursores do dispensacionalismo na história do cristianismo**

Teria o dispensacionalismo sido criado de forma semelhante à teoria antes de Darby? É necessário atentar para a história do cristianismo para uma melhor compreensão.

O dispensacionalismo, como é conhecido hoje e principalmente o utilizado pela Assembleia de Deus, é um sistema escatológico de dispensações que remontam eras passadas, em sistemas, até as futuras. Charles C. Ryrie definiu como “uma economia distinguível da realização do propósito de Deus” (RYRIE, 1965, p. 29).

Podemos mencionar diversos autores que definem o dispensacionalismo como uma teoria que teria sido apresentada e sistematizada no século XIX, com o inglês John Nelson Darby. Porém, temos outros autores que mencionam que Darby teria copiado o estilo futurista do pré-tribulacionismo e o dispensacionalismo de alguns jesuítas no século XVI. Antes, porém, há que se refletir se na história da igreja cristã, desde seu início, houve ecos para um sistema em dispensações. Na história do cristianismo, segundo nos coloca Moltmann (2002, p. 171), o milenarismo predominava na escatologia cristã. O autor explica que:

Assim chamado quilianismo – a designação não é muito acertada – encontra-se em toda parte, onde o evangelho ainda não foi helenizado [...] e deve ser considerado como que um item principal da proclamação mais antiga [...]. Nele residia uma parte da força do cristianismo do [1º] século e um dos

meios pelos quais sobrepujou a propaganda judaica no império; é o que explica Adolf von Harnack (HARNACK, 1909, p. 187), com argumento de que a fé no retorno de Cristo tem como decorrência obrigatória um reino da glória de Cristo. Se essa expectativa quiliástica é escatologia de mártires, então certamente ela foi a escatologia predominante nos períodos de perseguição aos cristãos no império romano (MOLTMANN, 2002, p. 173).

A referência de Moltmann ao quiliasmo em vez de ao Milenarismo, ou seja, a preferência à expressão grega em vez de latina, não representa uma outra teoria. No protestantismo europeu existe o costume de usar a expressão grega; já no protestantismo anglo-saxão se usa a designação latina. Quanto ao seu significado ou quanto aquilo que as duas palavras querem articular, elas não se distinguem ou não representam escolas de pensamentos distintas. Moltmann segue a sua referência Adolf von Harnack que em sua obra mestre, “Uma História do Dogma”, não identifica uma teologia escatológica de dispensações nos pais da igreja. Harnack, porém, segue as linhas dominantes da história do dogma, ou seja, o dogma em sua forma e expressão oficial, e nela, a escatologia (no protestantismo) ou as novíssimas no catolicismo sempre era a última parte da teologia e não a primeira.<sup>2</sup> Nas periferias do cânon bíblico, entretanto, há mais vozes teológicas do que a linha oficial representa. Assim, faz Daley em sua obra ‘Origens da Escatologia Cristã’, de 1994, referência a um modelo escatológico que trabalha com a ideia do tempo como dividido em eras distintas, que ele encontra, por exemplo, na Epístola de Barnabé.

Como parte de seu criticismo da prática ritualística judaica, o autor interpreta até mesmo a instituição do Sábado, em Gn 2,2, num sentido escatológico: o fim da história virá em seis “épocas”, ou seis mil anos, depois da criação (15.1-4), uma vez que “para o Senhor, mil anos é como um dia” (Sl 90,4; cf. 2 Pd 3.8). A segunda vinda do Filho, ele continua, trará não somente juízo, mas também drásticas mudanças cósmicas e inaugurará uma sétima época de descanso (DALEY, 1995, p. 28).

Observa-se, a priori, que a sua leitura de Barnabé corresponde a algumas convicções do modelo dispensacionalista da história ou, no mínimo, a um modelo que trabalha com a ideia de dispensações. O interessante é que essa epístola atribuída a Barnabé detalha o período da história da humanidade em seis épocas, sendo a sétima a do descanso. Um dos tipos mais comuns do dispensacionalismo trata também de sete dispensações, que envolve o período do plano divino para a terra. A sétima época da epístola de Barnabé coincide com a sétima

---

<sup>2</sup> No protestantismo existe somente uma vertente teológica que coloca a escatologia no centro e início da sua teologia: a teologia menonita. Essa teologia, entretanto, não é uma teologia dispensacionalista.

dispensação do dispensacionalismo atual, ou organizado por Darby, que seria os mil anos do livro Apocalipse ao qual Barnabé se refere como a época do descanso.

O tema do milênio como tempo de descanso cria um elo forte entre o milenarismo e uma visão particular do destino dos mártires, um vínculo que mostrou-se duradouro e apresenta suas correspondências até hoje, inclusive no dispensacionalismo atual.<sup>3</sup>

Moltmann segue o caminho afirmando essas relações: “Nunca é demais ressaltar que a esperança milenarista é a esperança de mártires” (MOLTMANN, 2002, p. 170). As perseguições que os primeiros cristãos estavam sofrendo, as torturas e conseqüentemente os martírios, levaram os primeiros cristãos a depositar a sua esperança num modelo de história que contava com um retorno iminente de Jesus “em breve”. A promessa de um futuro histórico para aqueles que sofrem o martírio na história é lógica (MOLTMANN, 2002, p. 170) por se tratar, em primeiro lugar, não de uma teoria abstrata ou de uma expressão de um interesse em uma teologia especulativa, mas por ser a forma de manter a esperança viva. Nesse sentido, compreende-se também o pensamento escatológico de Ireneu em relação aos homens mártires e às mulheres mártires: “Pois é justo que eles recebam os frutos de sua paciência na mesma criação em que trabalharam e sofreram opressão, testados de todas as maneiras no padecimento” (XAVIER; NEREO, 2002).

E ainda mais. Em termos existenciais ou pastorais, a esperança milenarista pode gerar, inclusive, sentidos que vão além do conforto dos aparentemente destituídos de seus direitos. Ela pode gerar uma força de resistência, compreendendo que o salvador está vindo salvar os perseguidos e acabar com os martírios ou levar a esperança de acabar com o sofrimento. Ela pode levar à resistência ou à fuga (MOLTMANN, 2002, p. 170). Conforme afirma Moltmann, destacando-se o que ele designa como “esperança milenarista”, e colocando essa leitura em uma clara oposição aos modelos escatológicos dispensacionalistas da década de 70 adiante do século passado:

As inúmeras explicações do Apocalipse e especialmente as interpretações fundamentalistas e as novas interpretações políticas comprovam isso. Quando não se conclama mãos à resistência contra os poderes e seus ídolos, mas se oferece vias de escape para mundos religiosos imaginários em vista de um mundo destinado e entregue à ruína, o sentido da esperança milenarista é convertido no seu oposto. Este é o caso sempre que no centro

---

<sup>3</sup> Apesar de a relação entre milênio e martírio seja, então, de longa duração, ela não necessariamente é vista de uma forma igual. Eventualmente, encontram-se até leituras inversas. Se no passado o milênio era o momento do merecido descanso para os mártires que testemunharam a sua fé pela sua fidelidade até o seu fim, contém hoje a teoria dispensacionalista o apelo de se preparar para o martírio em um mundo sem Deus, o abandonado de Deus.

não está mais a resistência, e sim “o grande arrebatamento”, “the great rapture”, dos crentes antes da destruição do mundo na tempestade de fogo das bombas nucleares<sup>4</sup> (MOLTMANN, 2002, p. 170).

Com isso, adentra-se a uma distinção importante na elaboração do nosso argumento. Não necessariamente, unem-se modelos escatológicos à fuga do mundo, a comportamentos não solidários ou até irresponsáveis, pelo contrário, eles podem articular denúncias de sistemas perversos e mobilizar resistências em favor da vida e contra a morte. Mas modelos escatológicos têm esse efeito automaticamente ou pelo fato de eles serem escatológicos?

Quanto à igreja pré-constatiana, concorda-se com Moltmann que o pré-milenarismo predominava na escatologia cristã (MOLTMANN, 2002, p. 171). Entretanto, isso não significa que essa escatologia seja idêntica em forma e função à teologia pré-milenarista, ou como já especificado acima, pré-tribulacionista do dispensacionalismo que surge no século XIX e desenvolve sua influência maior no século XX. Portanto, para esclarecer essa questão, será necessário mais do que identificar formas com base no aspecto formal e tirar conclusões ultimativas optando ou para uma identificação dos modelos escatológicos com um discurso, ou de resistência ou de fuga, da omissão e do abandono.

De fato, na história da igreja, a questão escatológica continuava posteriormente à época dos homens e mulheres mártires como sendo um assunto que sofreu mudança e ressignificações contínuas, normalmente, em correspondência a eventos históricos. Assim ocorreu, por exemplo, após a queda de Roma, que provocou uma nova ênfase no milenarismo presente. Entretanto, não se tratava de uma simples repetição ou um retorno. Homens como

---

<sup>4</sup> O novo apocalipsismo dos fundamentalistas norte-americanos, como Hal Lindsey, *The Late Great Planet Earth*, Nova York, 1970, difundindo em edições de milhões de exemplares, trabalhava com elementos de ficção científica e dificilmente é mais sério do que as fantasias de Batman. Cf. A.G. Mojtabai, *Blessed Assurance: At Home with the Bomb in Amarillo, Texas*, Londres, 1987, p.181: “When you leave here in the Rapture os the church, you’ re going to be travelling 186.000 miles a second [...] Lord, when the Trump of God sounds we’re going to clear out of here in one split second [...]. And we’d sing on our way like a meteor! Right u pinto the firmament above Amarillo, Texas. Amem! And we can look back down to the houses where we live and we can say: ‘Goodbye, you piece of junk! Goodbye! Goodbye!’ Look back at your automobile and say: ‘Goodbye, old paint, hah! Goodbye! Goodbye! Aha! Oh yes, and then prety soon you’d be seeing the lights os Dallas and the lights os Houston, and you’d look away over to the West and you’ see the lights of Los Angeles. Andy ou ‘d say: ‘Goodbye, Dallas! Goodbye, Houston! Goodbye, Los Angeles! Goodbye world! Goodbye! [Ao partir daqui no arrebatamento da igreja, você viajaria a 186.000 milhas por segundo [...]. Senhor, quando a trombeta de Deus soar, nós sumiríamos daqui numa fração de segundos [...]. E cantaríamos no caminho como um metooro! Diretamente para o firmamento sobre Amarillo, Texas. Amém! E poderíamos olhar para baixo para as casas onde vivemos e poderíamos dizer. ‘Adeus lata velha! Adeus! Adeus!’ Olharia para trás para o seu trabalho lá embaixo e diria: ‘Adeus companheiros! Estou caindo fora daqui! Adeus, Adeus! Há ha! Oh sim, e logo você estaria vendo as luzes de Dallas e as luzes de Houston, e você olharia mais adiante para o oeste e veria as luzes de Los Angeles. E você diria: ‘Adeus Dallas! Adeus, Houston! Adeus, Los Angeles! Adeus mundo! Adeus!’”. Billy Graham esforçou-se por valorizar devidamente o amor de Deus contra esse prazer no “Armagedom” nuclear e no “Apocalypse 2000”. *Approaching Hoofbeats: Four Horsemen os thhe Apocalypse*, Nova York, 1983.

Ticônio e Agostinho interpretaram o período do reino milenar, em contraposição aos modelos apocalípticos angustiantes de sua época, como sendo o tempo da Igreja desde a ascensão de Cristo até o seu retorno (MOLTMANN, 2002, p. 172).

Nasceu o pós-milenarismo, vinculado com a instituição da igreja em vez do estado, do imperador romano e da sua cidade, e uma vez mais para articular nesse império romano em desconstrução à esperança cristã contra a esperança. Poderíamos dizer: muda-se o modelo escatológico quanto às dispensações, mas em todo caso procura-se manter a esperança. Nesse ponto, concorda-se com o teólogo alemão Jürgen Moltmann de que o papel específico da escatologia no prédio da teologia é articular sob qualquer circunstância a esperança cristã e que, sem escatologia, não se mantém a esperança contra a esperança.

Ao longo da história, a compreensão escatológica de Agostinho era importante, porém não era incontestada. Pelo contrário, o pré-milenarismo voltou durante o período da Idade Média em resposta a epidemias, períodos de fome e cálculos do fim do mundo (ano mil). Já o protestantismo, novamente, abraça as duas tendências, dependendo do lugar e da época. Os protestantes, enquanto humanistas, eram em geral protestantes pós-milenaristas que definiam a sua posição com base no milenarismo político ou com base no milenarismo eclesial (MOLTMANN, 2002, p. 174). Mas, durante os séculos da reforma protestante e da reforma católica, houve tempos que correspondiam àquilo que ocorreu no período de mártires cristãos, homens e mulheres, antes de Constantino.

Homens como John Wyclif e Joan Huss, que sofreram nas mãos da Igreja de Roma, suggestionaram que o anticristo era o próprio Papa. Para os protestantes europeus ocidentais, o período da Reforma e posterior à Reforma estava tomado pela luta eclesial e política contra o anticristo em Roma. O naufrágio da armada católica em 1588 fez da Inglaterra a “nação eleita” nessa luta. Se os pós-milenaristas protestantes assumiam o milênio eclesial, eles calculavam os “mil anos” a partir do ano da morte e do despertamento de Cristo (33) e chegavam ao ano de 1033. Eles fixaram a data da apostasia papal no pontificado de Silvestre II. Desde aquele tempo, duas igrejas lutam uma contra a outra: a igreja de Cristo e a igreja do anticristo, o que quer dizer: uma é a perseguida; a outra, a perseguidora.

A nova fase dos mártires dura até o fim do mundo (MOLTMANN, 2002, p. 175). Moltmann trata que depois desse período da Reforma, no século XVI, surgiu na “época moderna” um novo pré-milenarismo que renovou a esperança do futuro de reino messiânico ou mais singelamente a esperança de “tempos no futuro”. Esse novo pré-milenarismo chega no século XVII e XVIII e é aderido por John Nelson Darby e seu grupo dos irmãos.

### 1.3 Imaginário dispensacionalista pentecostal

O dispensacionalismo, conhecido hoje, é uma teoria sistematizada e difundida a partir do século XIX. Vários teóricos afirmam ser um sistema recente e criado pelo inglês John Nelson Darby. O professor Pedro Lima Vasconcellos resume esse entendimento em uma de suas publicações:

Seu primeiro apregoador nos Estados Unidos, o inglês John Nelson Darby, afirmava em meados do século XIX que a história humana é feita de “dispensações” (períodos temporais únicos caracterizados pela forma com que Deus se relaciona com os seres humanos: por exemplo, a dispensação da Lei, a partir de Moises, a dispensação da graça, a partir de Jesus). O mundo moderno, com sua irrefreável tendência ao mal, à depravação e ao afastamento de Deus, era a expressão clara de que estava vivendo o fim de penúltima dispensação, de que estava acontecendo a segunda vinda de Jesus (VASCONCELLOS, 2008, p. 29).

Darby foi um pastor anglicano que deixou a Igreja da Irlanda para tornar-se um dos líderes do movimento a-denominacional, conhecido como *Plymouth Brethren* (Irmãos de Plymouth), aproximadamente no ano de 1825.

Esses homens vindos de outras denominações se reuniam para a oração e estudo bíblico, sem se desligarem de suas igrejas. O movimento se espalhou e chegou a vários países. Em Dublin, Darby começou a frequentar grupos não conformistas, os quais se faziam chamar de “crentes”, “cristãos”, “irmãos” ou “santos” (GONZÁLES, 2004, p. 211). Ali manteve contato com alguns cristãos e, em 1829, redigiu seu primeiro escrito do movimento recente: *Considerations on the nature and unity of the church of Christ* (Considerações a respeito da natureza e da unidade da Igreja de Cristo). Em 1848, o movimento sofreu uma divisão entre um grupo de cristãos exclusivistas e um grupo que se mostrava mais aberto a ter contatos com “não irmãos”, isso é, cristãos e cristãs de outras confissões ou denominações (GONZÁLES, 2004, p. 212).

As instruções dos “Irmãos de Plymouth” consistiam, entre outras ênfases, em voltar a viver o cristianismo simples do Novo Testamento (MT 18.20), partir o pão eucarístico semanalmente, em prescindir de clero ordenado (Mt 23.8-13), distanciar-se das liturgias fixas e enfatizar a iminente volta de Jesus Cristo (GONZÁLES, 2004, p. 212). Em outras palavras, elas abraçaram uma perspectiva pré-milenarista.

Trata-se, neste momento, da perspectiva de que alguns teóricos afirmam, assim como Vasconcellos, que na origem dispensacionalista está a pessoa de Darby. Karen Armstrong, em

sua obra *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, cita que “Quem pregou o pré-milenarismo aos americanos foi o inglês John Nelson Darby (1800-82), que encontrou poucos seguidores em sua terra, mas realizou seis triunfantes excursões pelos Estados Unidos entre 1859 e 1877” (ARMSTRONG, 2000, p.193).

Moltmann também enfatiza a relação de Darby com a difusão do sistema

[...] a partir da interpretação bíblica inicial, de cunho “profético” e “histórico-salvífico”, no século XVII, surgiu, na Inglaterra e nos EUA, um apocalipsismo antimodernista e fundamentalista. O “dispensationalism” foi difundido por John Darby, D.L. Moody e C.I. Scofield com sua famosa Scofield Reference Bible (MOLTMANN, 2002, p. 177).

Todos esses referenciais colocam Darby como o responsável por sistematizar e difundir o Dispensacionalismo. Através de seus estudos e várias conferências, os ensinamentos de Darby se espalharam pelo solo estadunidense. Conforme Armstrong mencionou, entre 1859 e 1877, Darby realizou uma série de viagens aos Estados Unidos a fim de pregar os ensinamentos pré-milenaristas (CARVALHO, 2013, p. 50).

A doutrina de Darby aparece em solo estadunidense no mesmo momento em que acontecia a guerra civil americana. A ideia de que a volta de Jesus estava próxima e que os estadunidenses eram escolhidos por Deus para tomar a posse da terra se espalhou pelo povo americano e, assim, eles foram anexando territórios que pertenciam ao México.

Havia também entre os protestantes norte-americanos a concepção de que o mundo estaria a caminho do fim, de modo que haveria um confronto final entre Deus e o diabo, ao passo que a sociedade corrompida chegaria ao fim. Essa crença foi reforçada nos Estados Unidos, no final do século XIX, pelo pré-milenarismo que é caracterizado pela expectativa de uma “intervenção sobrenatural divina, uma crença na irrupção do sobrenatural na história” (MENDONÇA, 1984, p. 63,64). Tudo isso acabou favorecendo a entrada do pré-milenarismo e dispensacionalismo entre os estadunidenses. Porém, temos outras questões que ajudaram na propagação do dispensacionalismo. A série de conferências do acampamento bíblico de Niagara Falls e a criação de institutos bíblicos como de Moody ajudaram na divulgação da doutrina. Outro grande modo de difusão foi a Bíblia de Scofield. O teólogo Russel Shedd comenta:

Ele (Darby), com sua esquematização escatológica, teve grande aceitação entre os evangélicos (principalmente no norte dos Estados Unidos) no movimento evangelístico que gerou muitos institutos bíblicos, “missões de fé” e a famosa Bíblia de Scofield (SHEDD, 2006, p. 16).

Porém, outros referenciais sugeriram que as ideias de Darby teriam sido sistematizadas por Jesuítas do século XVI e que teriam sido absorvidas pelo teólogo inglês no século XIX.

Na Reforma Protestante, os reformadores aplicavam a maioria das profecias do Anticristo ao papado, algo reconhecido como natural devido às circunstâncias em que a reforma ocorreu e como a Igreja Católica Romana dominava o contexto político, social e religioso.

Para os reformadores, particularmente o Apocalipse era uma inesgotável pedreira onde cavar para acusar a hierarquia romana. As setes colinas de Roma, as vestes escarlates dos cardeais e os abusos da corte papal tornaram a Igreja Católica e o papa alvo fácil para comparações (EDWIN, 1948, p. 485). Entretanto, a Igreja Católica reagiu e deu uma resposta à reforma protestante, designado pelos católicos, reforma católica, e pelos protestantes contrarreforma (protestante).

Foi um esforço teológico, político e militar da Igreja Romana para se reorganizar internamente e externamente, para confrontar o protestantismo que se espalharia por toda a Europa. Houve guerras e muitos conflitos entre católicos e protestantes. Dentro dessa resposta da Igreja Católica e para responder às colocações dos reformadores, os jesuítas lançam suas interpretações futuristas<sup>5</sup>, principalmente em relação à instituição do papado e às pessoas dos papas, de o mesmo ser o anticristo.

Dois Jesuítas, Ribeira e Bellarmine, e com eles os Jesuítas Blasius Viegas e Cornélio Lápide, criaram também um sistema futurista que traria consigo de forma embrionária a ideia do arrebatamento pré-tribulacionista posteriormente defendida por Darby e que aparece na teoria dispensacionalista pré-milenista. Porém, antes de entrarmos no sistema criado pelos jesuítas, precisamos conhecer sua história.

### *1.3.1 História dos Jesuítas*

A história dos jesuítas remete ao século XVI e nasce a partir da vida de um piedoso fidalgo basco de nome Íñigo de Loyola.

---

<sup>5</sup> Complementando a citação, no início do segundo capítulo, serão tratadas as ramificações do dispensacionalismo, considerando o termo “futuristas” ao lado do termo “historicistas”, duas vertentes dispensacionalistas distintas.

Chegou em Paris em 1528, já com 37 anos, queria conseguir um diploma universitário. Íñigo inscreveu-se no Colégio de Montaigu, onde ficou por um ano, antes de ir para o colégio Santa Bárbara. Aí, dividia, o alojamento com dois estudantes sensivelmente mais jovens que ele, Pedro Fabro e Francisco Xavier. Os três homens criaram amizade entre si e, depois, com quatro outros estudantes: Diego Laínez, Alfonso Salmerón, Nicolau Bobadilha e Simão Rodrigues. Foi nesse período que Íñigo começa a se fazer chamar de “Inácio” ou Ignatius”, nome que será agora o seu (O’MALLEY, 2014, p. 9).

Inspirados por Inácio, esses “amigos do Senhor”, como eles próprios se chamavam, no verão de 1534, fizeram votos de irem juntos à Terra Santa, para ficarem pelo menos por algum tempo, onde Jesus viveu, e para trabalharem “pelo bem das almas”.

Caso não pudessem fazer a viagem em razão de perturbações políticas em torno do Mediterrâneo, iriam se pôr à disposição do papa para as missões que ele julgasse mais oportunas. No dia 15 de agosto, durante uma missa celebrada por Fabro, o único padre do grupo, naquela ocasião, eles se comprometeram por voto a seguir esse caminho e a viver em pobreza. Como, de fato, todos desejavam ser ordenados padres, fizeram promessa de castidade no celibato. Eles não sabiam ainda, nesse memorável dia 15 de agosto de 1534, que tinham dado o primeiro passo que levaria, seis anos mais tarde, à fundação da Companhia de Jesus (O’MALLEY, 2014, p. 10).

A ordem continua crescendo, e em 19 de abril de 1541, os companheiros elegeram Inácio como seu chefe, o qual permaneceu como Superior geral até sua morte, em 1556. Composta de dez membros em 1540, a Companhia conheceu um desenvolvimento extraordinário, de sorte que, por ocasião da morte de Inácio, dezesseis anos mais tarde, contava com cerca de mil participantes (O’MALLEY, 2014, p. 11).

Com exceção das Ilhas Britânicas e da Escandinávia, implantou-se praticamente por toda a Europa ocidental, onde, o mais das vezes, abriu colégios, desde então a marca registrada dos jesuítas. Ela se implantou igualmente no além-mar. Dos mil jesuítas recenseados em 1556, 55 se encontram em Goa, na Índia, e 25 no Brasil, onde tinham desembarcados desde 1547 (O’MALLEY, 2014, p. 11).

Onde se instalou, a ordem se tornou importante no ensino dos nativos e povos indígenas. Os inacianos se tornam tão importantes, a ponto de Portugal os expulsarem no século XVIII e, conseqüentemente, serem expulsos da colônia brasileira.

### 1.3.2 Sistematização futurista pelos Jesuítas

No mesmo século da criação da ordem, alguns Jesuítas se destacaram para a defesa do Papa em relação aos ataques de alguns protestantes que acusavam o papa de ser o anticristo. Assim, esses jesuítas criaram um sistema futurista explicando as 70 semanas de Daniel e enfatizando um sistema de 7 anos literais, que o Anticristo ainda se manifestaria. Dentro dessas perspectivas, alguns jesuítas tomaram a iniciativa de criar uma sistematização escatológica sobre como apareceria o anticristo no mundo e lançaram vários livros e tratados. Esses tratados foram aderidos por protestantes do século XIX, e o principal deles, John Nelson Darby.

Harald Schaly cita:

E, por estranho que pareça, no século XIX este sistema escatológico, de origem jesuíta, veio a ser aceito por um crescente número de teólogos protestantes na Inglaterra, dos quais o mais expressivo foi João Nelson Darby, pastor anglicano, que, lá pelo ano 1830, obteve a adesão dos “Irmãos de Plymouth”, que ficaram desde então conhecidos como Darbistas (SACHALY, 1987, p. 13).

Não somente Harald trata dessa ligação, mas no livro *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Le Roy Edwin cita sobre a criação do sistema pelos jesuítas:

Thus in Ribeira’s commentary was laid the foundation for that great structure of Futurism, built upon enlarged by those who followed, until it became the common Catholic position. And then, Wonders, in the nineteenth century this Jesuit scheme of interpretation came to be adopted by a growing number of Protestants, until today Futurism, amplified and adorned with the rapture theory, has become the generally accepted belief of the Fundamentalist wing of popular Protestantism. Although Ribeira launched the Futurist system of interpretation, it was popularized and made to register by the astute Cardinal Bellarmine, with his effective phraings and polemical power, as will be noted nest (FROOM, 1948, p. 493)<sup>6</sup>.

Froom afirma uma ligação direta entre o futurismo jesuíta de Ribeira e o dispensacionalismo de Darby, conforme Figura 1.

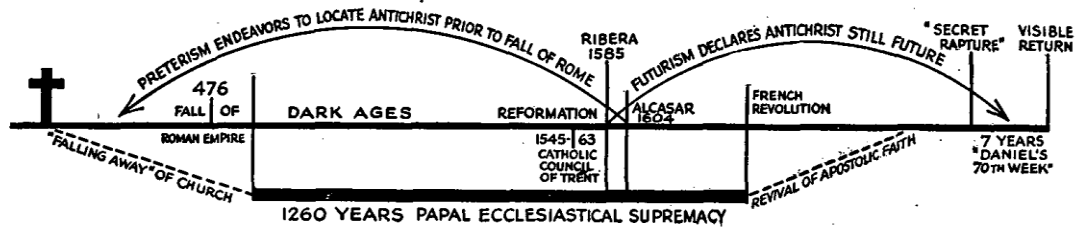
---

<sup>6</sup> Assim, no comentário da Ribeira, foi lançada a base para a grande estrutura do Futurismo, construída sobre os que os seguiram, até se tornar a posição católica comum. E então, Wonders, no século XIX, esse esquema jesuítico de interpretação veio a ser adotado por um número crescente de protestantes, até hoje o futurismo, amplificado e adornado com a teoria do arrebatamento, tornou-se a crença geralmente aceita da ala fundamentalista do protestantismo popular. . Embora Ribeira tenha lançado o sistema futurista de interpretação, foi popularizado e feito para ser registrado pelo astuto cardeal Belarmino, com seus vigorosos phraings e poder polêmico, como será notado ninho (FROOM, 1948, p. 493, tradução nossa).

Figura 1 - Esquema de eras montado por FROOM, segundo colocações de Ribeira

508

## PROPHETIC FAITH

**ANTICHRIST SHIFTED EITHER FORWARD OR BACKWARD**

Ribera Thrust Antichrist Into the Future, Confined to Three and One-half Literal Years; Alcazar Pushed Antichrist Back Into the Early Centuries—Both of Them Outside the Middle Ages and the Reformation Period, Designated by All Protestants for Antichrist's Reign of 1260 Literal Years

Fonte: Froom (1948)

Segundo Froom, “Ribeira impulsiona o Anticristo para o futuro, confinado literalmente a três anos e meio; Alcazar empurrou o Anticristo de volta aos primeiros séculos – ambos fora da Idade Média e do período da Reforma, designado por todos os Protestantes para o reinado do Anticristo de 1260 anos (FROOM, 1948, p. 493, tradução nossa).

Parecido com Froom, Clarence Larkin<sup>7</sup>, em sua obra *Dispensational Truth*, afirma também que o sistema pré-tribulacionista teria sido originado pelos jesuítas:

In its present form it may be said to have originated at the end of the Sixteenth Century, with the Jesuit Ribera, who, actuated by the same motive as the Jesuit Alcazar, sought to rid the Papacy of the stigma of being called the "Antichrist," and so referred the prophecies of the Apocalypse to the distant future. This view was accepted by the Roman Catholic Church and was for a long time confined to it, but, strange to say, it has wonderfully revived since the beginning of the Nineteenth Century, and that among Protestants<sup>8</sup> (LARKIN, 1929, p.16).

A argumentação dos jesuítas está na linha da construção de um ideário pré-tribulacionista e tem diversos desdobramentos, especialmente para o nosso contexto latino-americano. Fica claro que essa perspectiva não anula a contribuição de Darby, senão à sua própria convicção de originalidade em contradição às igrejas estabelecidas da sua época.

<sup>7</sup> Iremos consultar este autor ainda no segundo capítulo, por ser uma referência para o próprio Olson,

<sup>8</sup> Em sua forma atual, pode-se dizer que ela se originou no final do século XVI, com o jesuíta Ribera, que, impulsionado pelo mesmo motivo que o Alcazar Jesuíta, procurou livrar o papado do estigma de ser chamado de "Anticristo"., e assim se referiu às profecias do Apocalipse para o futuro distante. Essa visão foi aceita pela Igreja Católica Romana e ficou por muito tempo confinada a ela, mas por estranho que pareça, ela reviveu maravilhosamente desde o início do século XIX, e entre os protestantes. (Tradução Nossa).

Portanto, quem sistematiza e torna a teoria conhecida é o líder do Movimento dos Irmãos, apesar de a teoria não ter nascido com ele. Entretanto, encontrando nessa cosmovisão correspondências ou pontos de concordância no pensamento jesuíta tão importante para a América Latina Colonial, entende-se a difusão do imaginário dispensacionalista pré-tribulacionista, não como rompimento, mas em continuidade com imaginários difundidos no país já antes da chegada do pentecostalismo.

Há ainda suposições que Darby teria tido contato como a obra de um delegado escocês chamado Edward Irving, ministro da Igreja da Escócia que teve uma vida um tanto conturbada. Sua crença no retorno iminente de Cristo e a prometida restauração de Israel ganharam proeminência a partir da publicação de seu livro *Babilônia e infidelidade renunciada* (1826). Wilkinson afirma que a escatologia pré-milenista de Edward Irving se manteve como “a única e maior influência sobre seu pensamento” (WILKINSON, 2007, p. 92), devido, em pequena medida, à leitura de Darby do *The coming of Messiah in glory and majesty*, um livro que “acendeu a alma de Edward Irving” e o impulsionou a liderar o movimento restauracionista<sup>9</sup> (WILKINSON, 2007, p.147).

Entre os dispensacionalistas históricos, a conexão com o catolicismo e principalmente com os jesuítas não é muito aceita. Paul Richard, em sua obra *For Zion's Sake (Por amor de Sião)* usada por muitas denominações dispensacionalistas, cita:

Apesar das similaridades, qualquer afirmação de que os futuristas protestantes, em geral, e Darby, em particular, adotaram e adaptaram o futurismo de Ribeira é completamente sem fundamento. A teologia da substituição agostiniana e amilenarista de Ribeira e a ausência de uma posição escatológica quanto ao arrebatamento pré-tribulacionista o separam completamente de Darby em nível teológico (WILKINSON, 2007, p. 159).

O comentário significa, primeiro, que o debate já chegou por um tempo nos círculos dispensacionalistas, o tom apologético demonstra que para um grupo de dispensacionalistas, a qual o autor pertence, a origem darbista das ideias do pré-milenismo dispensacionalista é um assunto importante, por evitar assim uma conexão com o catolicismo, algo comum no grupo liderado por ele. Isso se torna mais claro na próxima citação:

Isso aliado ao “amplo e variado arsenal de polêmica anticatólica” que Darby empregou na libertação de camponeses irlandeses da igreja romana é

---

<sup>9</sup> Movimento Restauracionista ou Primitivo Cristão é a postura histórico-teológica presente em algumas denominações religiosas que acreditam que o cristianismo histórico apostatou em algum ponto de sua existência, sendo necessário restaurar o cristianismo primitivo da era apostólica.

evidência suficiente para destruir qualquer conexão artificial que os críticos tenham forjado entre Darby e os jesuítas (WILKINSON, 2007, p. 159).

Fora da questão da veracidade histórica dos processos da transmissão da tradição e do imaginário escatológico, considerando-se que seja impossível adquirir conhecimentos e práticas religiosas de um grupo religioso em conflito com o primeiro grupo, encontra-se muita fragilidade, mas não é incomum. Há também protestantes históricos que acreditam que a história da igreja começa com Lutero no século XV, mas o que se apresenta como algo bizarro pode vir a tornar-se um país pluricultural e religioso como o Brasil, que carrega um grande problema de compreensão das religiões e dos imaginários religiosos que se comunicam entre si.

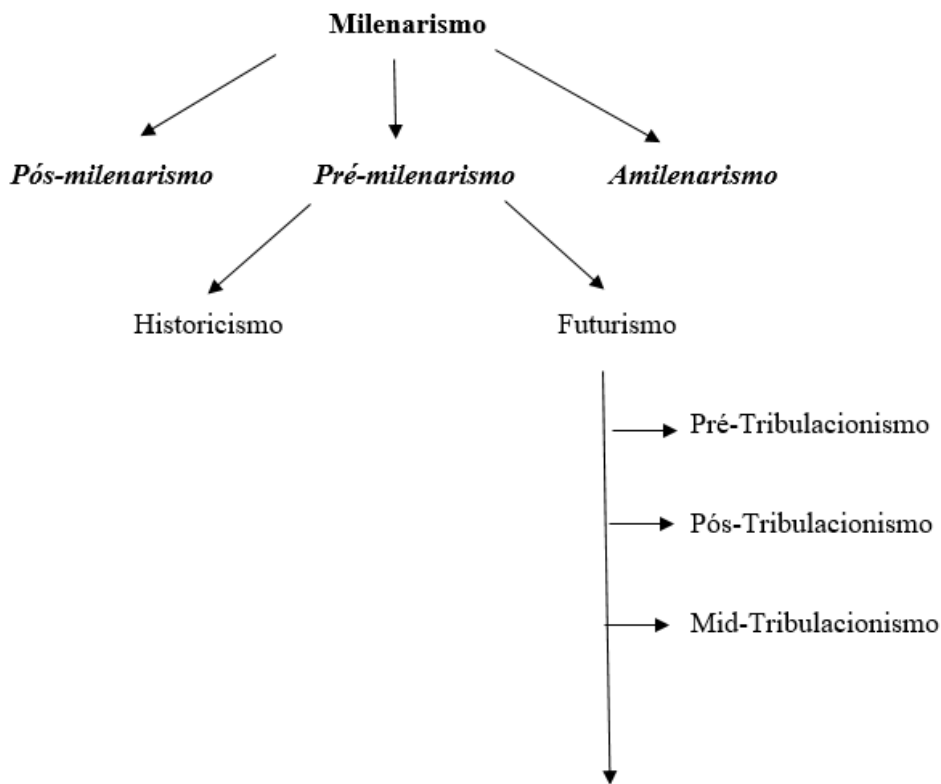
A citação demonstra, por um lado, a atitude anticatólica dos seguidores de Darby e a consequente negação da ideia que o sistema pré-tribulacionista tenha nascido entre os jesuítas. Também demonstra dificuldade para a presente pesquisa, por fazer referência à importância da cultura visual no pentecostalismo. Pode-se supor um impedimento por parte de pensadores pentecostais de acolher essa ideia baseada na argumentação apresentada por Wilkinson.

#### **1.4 O dispensacionalismo**

Neste subitem, dar-se-á atenção às características e ramificações do pensamento dispensacionalista na Assembleia de Deus, para que se compreenda qual dispensacionalismo de fato foi agregado pela AD Americana e passado à AD brasileira.

No terreno da teologia, podemos dizer que o dispensacionalismo apresenta diferentes interpretações. No caso da AD, sua doutrina é dispensacionalista e pré-milenarista. Necessário se faz esclarecer que o dispensacionalismo é pré-milenarista, mas o pré-milenarismo não é, necessariamente, dispensacionalista (ROCHA, 2017, p. 129). No quadro a seguir, é possível observar algumas divisões e ramificações que precisam ser devidamente esclarecidas.

Figura 2 - Esquema das variações do Milenarismo



Fonte: Rocha (2017, p. 129)

Uma primeira divisão importante no pré-milenarismo é entre historicistas – ou, como alguns autores preferem utilizar, pré-milenaristas históricos – e futuristas. A tradição historicista entende que as profecias bíblicas sobre os últimos dias, como as de Daniel e do Apocalipse de João, já se cumpriram, em sua quase totalidade, na história da Igreja. Timothy Weber (1979, p. 10) diz que os adeptos dessa corrente “olham para o passado e para o presente da Igreja a fim de encontrar o cumprimento das profecias e, assim, saberem onde estão situados no ‘calendário’ profético de Deus”.<sup>10</sup> Por exemplo, vários entendem que os conflitos descritos no livro do Apocalipse se referem a fatos já ocorridos, como a perseguição dos cristãos pelos romanos, a destruição do templo em Jerusalém etc. Muito pouco do predito na Bíblia, excetuando-se a segunda vinda de Jesus, ainda está por se cumprir. Sua diferença em relação aos amilenaristas se limita quase que somente à afirmação de que haverá um reinado literal de Cristo na terra e que este precedido pela *parousia*. Os futuristas, por outro

<sup>10</sup> No original: “look into the church’s past and present to find prophetic fulfillments and to see where they are in God’s prophetic timetable”.

lado, acreditam que as principais profecias escatológicas apontam para um futuro ainda não realizado.

Tomando novamente o Apocalipse de João como exemplo, entende-se que o que está ali descrito se refere ao futuro e não ao passado da Igreja: o Império Romano não seria o da Antiguidade, mas um novo império que seria restaurado nos últimos dias, a perseguição aos judeus não se refere ao século I, mas a uma perseguição que ainda há de ocorrer etc.

Entre os futuristas compartilha-se a crença numa progressiva decadência da sociedade, em uma visão pessimista da história, que culminaria no reinado do Anticristo na terra. O período do governo do Anticristo – conhecido como “Tribulação” – chegaria ao fim na Batalha do Armagedom com o retorno pessoal de Cristo. Ele derrotaria as forças malignas e reinaria na terra por mil anos – período no qual Satanás ficaria preso. Ao fim dos mil anos, ocorreria a rebelião final de Satanás, que seria rapidamente derrotado.

Após isso, os mortos ressuscitariam, haveria o julgamento final e a criação de novos céus e nova terra. O desacordo entre os futuristas se dá na questão do momento em que os cristãos irão ao encontro de Cristo nos céus, no que é normalmente chamado “Arrebatamento” (rapture). Os pré-tribulacionistas acreditam que o Arrebatamento procederá o governo do Anticristo, portanto, os santos de Deus não passarão pelo período da Tribulação. Os mid-tribulacionistas creem que os verdadeiros cristãos serão arrebatados durante da Tribulação (ROCHA, 2017, p.131).

Os pós-tribulacionistas acreditam que os crentes enfrentarão todo o período de Tribulação e irão encarar o Anticristo, e no final da Grande Tribulação, no momento exato da segunda vinda de Cristo, os crentes serão arrebatados. Assim, o utilizado pela Assembleia de Deus, conforme defendido, é o dispensacionalismo futurista, e em se tratando dessa linha teológica, a grande esmagadora maioria é pré-tribulacionista. Por uma explicação do esquema dispensacionalista usado pelos assembleianos, as dispensações tratam da divisão de um mundo em sete dispensações. Divulgada por Darby, em suas conferências em solo americano, afirmava que “uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus”.<sup>11</sup> Conforme afirma Rocha:

As dispensações, ou as diferentes formas como Deus teria lidado com a humanidade ao longo do tempo, seriam as seguintes: 1) a “Inocência”, que

---

<sup>11</sup> No original: “a dispensation is a period of time during which man is tested in respect of obedience to some specific revelation of the will of God.

terminaria com a Queda e a expulsão de Adão e Eva do Paraíso; 2) a “Consciência”, que se findaria como Dilúvio; 3) “O Governo Humano”, que seria encerrado em Babel; 4) a “Promessa, que acabaria na escravidão no Egito. 5) a “Lei”, que terminaria com a rejeição e crucificação de Cristo; 6) a “Graça” ou “Período da Igreja”, que se encerraria com o governo do Anticristo durante a Tribulação, a Batalha do Armagedom e a Segunda Vinda de Cristo; e, por fim 7) o “Milênio”, no qual Cristo reinaria pessoalmente na Terra junto aos seus santos. Após os mil anos, Satanás iniciaria uma última rebelião que seria aniquilada pela intervenção divina. Com a derrota de Satanás, entrar-se-ia na eternidade da Jerusalém Celeste (ROCHA, 2017, p.132).

O sistema dispensacionalista usado no quadro PDadS é claramente pré-milenarista e consequentemente pré-tribulacionista. Conforme demonstrado no esquema de Rocha (2017), as variações do milenarismo chegam até o futurismo do dispensacionalismo e esse é o que será usado pela Assembleia de Deus andreense através do quadro e dos livros.

Esta pesquisa dá um passo à frente e questiona se aquilo que é identificado como situação atual possa ser o resultado final de uma construção mais demorada, que aos poucos chegou nas conclusões e definições atualmente entendidas como “a” doutrina dispensacionalista da Assembleia de Deus. Para isso, estudar-se-á as revistas da Assembleia de Deus no Brasil. Antes, porém, serão expostas algumas informações a respeito da igreja em Santo André.

### **1.5 O dispensacionalismo encontrado na Assembleia de Deus, o caso de Santo André**

Qual dispensacionalismo é utilizado na Assembleia de Deus? Quando o sistema foi anexado na denominação? É importante achar as repostas para essas questões, visto que a igreja se utiliza do sistema de dispensações para o ensino e a doutrinação de seus membros. O objeto de estudo será o caso local da Assembleia de Deus em Santo André para demonstrar como o dispensacionalismo está enraizado em sua doutrina. Porém, antes de tentarmos chegar ao cerne da questão, precisamos conhecer a história da Assembleia de Deus em Santo André e como o movimento pentecostal chegou à cidade do Grande ABC.

A igreja Assembleia de Deus chega ao Brasil no ano de 1911 através dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, em Belém do Pará. Na verdade, os missionários fundam a Missão da Fé Apostólica mudando o nome somente em 11 de janeiro de 1918. A igreja se espalha pelo Brasil e chega a São Paulo em 1924.

Importante analisar a chegada da denominação pentecostal em São Paulo em um momento de grande crescimento do estado, impulsionado pelo negócio do café. A primeira

Assembleia de Deus em São Paulo se estabelece em Santos, lugar onde chegavam os imigrantes pelo Porto e partiam para São Paulo capital e interior para trabalhar na lavoura. Neste momento, não só o café, mas muitos outros produtos estavam sendo produzidos em São Paulo, fazendo com que o estado crescesse e viesse a ser o coração econômico do Brasil. Com esse crescimento, muitos vieram de todas as partes do país em busca de emprego, na esperança de terem uma nova vida. É o que nos informa Boris Fausto em *História do Brasil*:

Ao mesmo tempo que a produção cafeeira tendeu a aumentar, ocorreu em São Paulo uma diversificação agrícola que se liga à ascensão dos imigrantes. Estimulada pela demanda das cidades em crescimento, a produção de arroz, feijão e milho expandiu-se. Além disso, o plantio combinado de café e algodão, com maior ênfase no café, chegou a ser providencial para os fazendeiros (FAUSTO, 2009, p. 284).

Impulsionado por esse crescimento, dois missionários suecos, Bertil e Ingrid Fransson, vieram de Recife para ajudar a igreja em Santos em 1930. Após um período no litoral, partem para São Paulo em 1932 para ajudar o Pastor Samuel Nystrom no bairro do Brás, e em 1934, partem para Santo André:

O casal de missionários Bertil e Ingrid Fransson teve a direção de Deus para se dirigirem à cidade de Santo André e fundar, no bairro de Príncipe de Gales, um orfanato. Lá começaram a realizar cultos, já que eram pentecostais (PEPELIASCOV, 1997, p. 71).

Assim, o período de implantação da Igreja Assembleia de Deus em Santo André se dá em um momento de crescimento de todo o estado de São Paulo. Santo André, como as demais cidades do Grande ABC, começa a receber indústrias e comércios. Ainda assim, uma cidade pequena, mas que se tornaria uma das maiores do Estado.

Com o crescimento da cidade e a chegada dos missionários suecos, o casal começa evangelizando as crianças através do orfanato.

No início, as crianças compareciam às reuniões com o desejo de ouvir histórias bíblicas e decorar versículos da Palavra de Deus. Instruídas e ensinadas pela missionária, as crianças comentavam entre si: “vamos à casa da gringa chamar chuva e comer bolachas”, pois ela ensinava o primeiro hino da harpa, “chuvas de graça”. Ao final de cada reunião ela dava-lhes chá com bolachas. Logo os pais passaram a frequentar a Escola Bíblica Dominical (PEPELIASCOV, 1997, p. 74).

Hoje, a Igreja Assembleia de Deus em Santo André conta com 68 templos e mais de 10 mil membros. Duas décadas depois da chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg a Belém

do Pará, o movimento chega em Santo André. Como forma de contato e notícias sobre as igrejas e os pastores, os jornais oficiais da Assembleia de Deus eram o meio pelo qual eles se comunicavam. Assim, para tentarmos entender qual dispensacionalismo é encontrado na Assembleia de Deus em Santo André, precisamos investigar quais as referências dos jornais que os missionários tiveram, bem como os pastores e membros.

Fui membro de forma ativa durante alguns anos da Assembleia de Deus em Santo André, no bairro do Humaitá. Ali, criei vínculos e conheci minha esposa, foi onde meus filhos nasceram. Nesta igreja, o interesse pelo estudo da Bíblia cresceu, principalmente o interesse sobre o tema da Escatologia. Foi por conta da estima pelo tema que em uma aula na escola bíblica dominical me foi apresentado o livro o PDadS, juntamente com o quadro.

Assim, a Assembleia de Deus em Santo André, como em muitas outras Assembleias, nasce através dos frutos de missionários que trouxeram em suas percepções teológicas o dispensacionalismo de Darby.

Entende-se que será necessário analisar como o dispensacionalismo foi agregado na doutrina das Assembleias de Deus e, para isso, dar-se-á relevância ao estudo dos seus jornais oficiais.

## **1.6 Análise dos jornais oficiais da Assembleia de Deus**

Para analisarmos quando o dispensacionalismo começou a fazer parte do contexto assembleiano, é necessário olhar para os primeiros textos que serviram de doutrina ou estudo para os assembleianos. E nenhum livro teve mais importância do que os jornais que circularam nas Assembleias desde seu início.

No início do século XX, quando os missionários suecos chegaram em território brasileiro e, posteriormente, com a criação da Assembleia de Deus, o acesso aos livros era algo penoso. Além do alto custo, era extremamente complicado adquirir livros. A educação estava restrita à elite brasileira, sendo que em sua grande maioria, os membros assembleianos eram de classe baixa. A principal forma de acesso à leitura dada aos membros, com assuntos e notícias trazidas sobre a denominação, estudo, testemunhos, pedidos de oração, era designada aos jornais oficiais da Assembleia de Deus. Analisar o texto do jornal é importante para que se contextualize a história da igreja e se compreenda a sua estrutura voltada ao Dispensacionalismo. E sobre a análise do texto, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas escrevem em sua “História e Análises de Textos”:

As vantagens de se pesquisar a estrutura formal do texto em perspectiva histórica não foram descobertas recentemente. Já Lucien Febvre, um dos fundadores do movimento dos *Annales*, havia percebido as potencialidades de uma investigação desse tipo ao debruçar-se sobre a obra de Rabelais em seu *L'époque de l'incroyance* (1942) (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 377).

É importante a análise dos jornais oficiais da AD, porque desde as primeiras edições até os que são publicados nos dias de hoje estes são documentos em que os líderes escrevem e passam informações sobre notícias das igrejas pelo Brasil. Assim, os primeiros jornais eram fontes essenciais em um país onde o acesso aos livros era inacessível ou até mesmo informações que, por via impressa, eram ainda escassas, esses jornais ou periódicos da denominação eram extremamente importantes para esses tipos de divulgação. Então, temos uma rica fonte de informação para entender se em seus primórdios a AD ensinava sobre o dispensacionalismo.

Cardoso e Vainfas ainda informam uma sequência para uma análise de texto em sua publicação, no capítulo *Os historiadores e o trabalho com os textos: da hermenêutica do método tradicional aos contatos com a linguística e a semiótica*, do livro *Domínios da História*. O método utilizado por eles são:

*A Palavra* – Todas as palavras do texto podem ser consideradas, selecionando-se as mais frequentes ou as aprioristicamente escolhidas pelo investigador.

*O Tema* – O tema é a “unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado” e sua validade não é necessariamente de ordem linguística.

*O Objeto Referente* – Temas-eixo em redor dos quais o discurso se organiza.

*O Personagem* – Caso em que o pesquisador deve estabelecer as características ou atributos que se lhe conferem os discursos selecionados (traços de caráter, papel, posição social, familiar etc).

*O Acontecimento* – Um fato singular. Poder ser uma batalha, uma greve, um motim etc (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 382, 383).

O último método e particularmente o que mais nos auxiliou no estudo dos jornais e periódicos é o *Documento* (ou unidade do gênero): um artigo, um livro, um relatório, um texto, enfim, também pode funcionar como unidade de registo de uma análise de conteúdo, caso em que – o que não deixa de ser problemático – discurso, fonte e objeto acabam confundidos na metodologia (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 383).

Chamada pelo historiador francês Jacques Le Goff de “imperialismo dos documentos escritos”, essa tradição foi cedendo lugar a uma perspectiva que incorporou outros tipos de documentos, sobretudo iconográficos (como pintura, fotos, moedas, mapas), mas reservando a estes um caráter decorativo ou por demais colado à estrutura explicativa anterior. Aqui, porém, vamos não apenas dar aos retratos, gravuras e pinturas um papel de reflexo explicativo (feito um espelho que só cópia), mas mostrar como as imagens produzem realidades, representações e muita imaginação.

Le Goff explica a importância do documento para o profissional historiador:

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 2013, p. 486).

O estudo dos documentos oficiais se torna algo importante. E em se tratando do nascimento de uma tradição dispensacionalista, documentos como os jornais oficiais da Assembleia fazem referência sobre a crença em seus primórdios. Pelo que Le Goff ainda diz:

Por isso, Samaran desenvolve a afirmação anteriormente citada, “não há história sem documentos”, com esta precisão: “Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, pela imagem, ou de qualquer outra maneira (LE GOFF, 2013, p. 490).

A estrutura escatológica da Assembleia de Deus está ligada ao Dispensacionismo e Pré-tribulacionismo. Isso se torna claro quando se estuda a escatologia promovida pelos livros publicados pela editora oficial da Assembleia de Deus, a Casa Publicadora da Assembleia de Deus ou CPAD.<sup>12</sup>

O próprio livro “O Plano Divino através dos Séculos”, escrito pelo missionário N. Lawrence Olson, em uso contínuo na igreja desde a sua primeira edição em 1943 é exemplo nato de uma escatologia dispensacionalista com reflexos diretos naquele quadro “O Plano

---

<sup>12</sup> Em 1940, foi organizada uma gráfica em nome de pessoas particulares e funcionava no prédio da Assembleia de Deus de São Cristóvão. Em 1946, quando a Convenção assumiu personalidade jurídica, foi que oficialmente existiu a CPAD.

Divino através dos Séculos”<sup>13</sup>, que serão interpretados nessa pesquisa, a CPAD editou e publicou. Daqui em diante, usaremos a sigla PDadS para relacionar o quadro.

Como o livro do missionário remete à década de 1940, fica a pergunta se nos primórdios a Assembleia de Deus teria em sua raiz o dispensacionalismo ou teria sido agregada ao sistema somente com Olson. Temos alguma relação de que o pré-tribulacionismo está desde os primórdios do movimento pentecostal:

Quando em 1914 um grupo de pentecostais se reuniu em Hot Springs, no Arkansas, para formar nos Estados Unidos a organização que viria a ser conhecida como as Assembleias de Deus (a maior denominação pentecostal norte-americana formada majoritariamente por pessoas brancas), que se regozijaram não somente por causa do impacto internacional do Movimento Pentecostal, mas também devido à “profecia de que ‘Jesus em breve virá’ a este mundo, da mesma forma como ele o deixou para estabelecer o seu Reino, doutrina esta que se tornou dominante em todo este derramamento do Espírito Santo (DAYTON, 2018, p. 240, 241).

Com as conferências de John Nelson Darby nos Estados Unidos da América, o dispensacionalismo passou a influenciar várias igrejas. A atuação na Assembleia de Deus estadunidense, automaticamente, influencia a AD brasileira, pelo menos na questão do arrebatamento secreto e o pré-tribulacionismo. O importante aqui é analisar que o dispensacionalismo assembleiano usado na PDadS é oriundo dos Estados Unidos e destas conferências de Darby.

Ressaltando-se tais fatos, podemos facilmente afirmar que o direcionar-se para a doutrina do Espírito Santo no final do século XIX necessariamente incluiu também o direcionar-se para a escatologia. Então, de imediato, devemos observar o crescente impacto do movimento pré-milenista do século XIX desde suas origens entre os Irmãos de Plymouth na Inglaterra, especialmente entre os seguidores de John Nelson Darby, e seu grande impacto na América do Norte nas séries de conferências proféticas desde 1878 e, finalmente, no surgimento, na virada daquele século, dos “Institutos Bíblicos”, que se tornaram o modelo das instituições educacionais dos pentecostais (DAYTON, 2018, p. 244).

Que houve um contato desses institutos bíblicos com o movimento pentecostal está claro. “A esquematização escatológica teve grande aceitação entre os evangélicos (principalmente no norte dos Estados Unidos) no movimento evangélico que gerou muitos institutos bíblicos, “missões de fé” e a famosa Bíblia de Scofield” (SHEDD, 2006, p. 16).

---

<sup>13</sup> Daqui para a frente usaremos no lugar do nome extenso a sigla PDadS.

Não está claro quando o termo dispensacionalismo ou quando a teoria das dispensações entrou na teologia pentecostal da AD. Está claro quanto ao sentido da crença da volta iminente de Cristo, na teoria pré-tribulacionista e na ênfase no arrebatamento secreto. Antes mesmo da criação da AD estadunidense, o movimento pentecostal do final do século XIX tem, podemos dizer, origens Europeias e Americanas. O pentecostalismo em si vem do E.U.A<sup>14</sup>, mas é trazido por europeus e faz toda a diferença (ALENCAR, 2014, p. 169). Nos EUA, é fenômeno urbano, interdenominacional, nas classes pobres, e apesar de historicamente ter um marco, a Missão da Fé Apostólica, sob a liderança de W. Seymour (1870-1922), teve manifestações distintas em diferentes locais e países (ALENCAR, 2014, p. 169).

Já nasce, portanto, como um movimento multifacetado (Hollenweger, 1976). Daí, sempre se falar de pentecostalismos no plural (Campos, 1995). Foi, no início, majoritariamente formado por negros, e na época – outra especificidade –, teve muitas lideranças femininas (ALENCAR, 2014, p. 169).

Os missionários pentecostais que chegam primeiro ao Brasil tiveram o contato com a Missão da Fé Apostólica, tanto que o nome da denominação antes de ser AD, em solo brasileiro, era o mesmo nome do movimento da rua Azuza. Daniel Berg, Gunnar Vingren e mesmo o fundador da Congregação Cristã no Brasil, Louis Francescon, tiveram contato com o movimento. Portanto, Azuza Street se tornou, a partir de 1906, a “Jerusalém norte-americana”. Embora se dirigissem para essa cidade caravanas de cristãos, negros e brancos, indistintamente, todos estavam ansiosos por uma “experiência com o Espírito Santo” (CAMPOS, 2005, p. 112). Mas mesmo dentro do movimento, a passagem pelos missionários até a fundação da AD no Brasil ou mesmo com a fundação da AD estadunidense, teria em seus primórdios o dispensacionalismo como parte do cânone da denominação? Ao que parece, não teria tido uma definição a esse respeito.

Não pretendendo desmerecer inteiramente a força deste argumento, diversos fatores devem ser considerados a fim de que ele possa ser devidamente afirmado. Em primeiro lugar, não fica claro que a escatologia pentecostal com sua ênfase na inauguração da “nova ordem da chuva tardia” e na “restauração dos dons espirituais” como prelúdio da volta de Cristo, se

---

<sup>14</sup> A ligação não é automática, como chama a atenção Campos (2005), pois esta é “uma relação ainda pouco avaliada”. O pentecostalismo se realizará como “continuidade” e “descontinuidade”, tanto de suas origens americanas como de sua herança europeia (principalmente da sueca), mas também em tensão e adequação com a religiosidade brasileira (ALENCAR, 2005).

encaixa com facilidade dentro das categorias dispensacionalistas como muitas vezes se tem pretendido. Geralmente pré-milenial foi uma expectativa num reino milenial a ser inaugurado pelo iminente retorno de Cristo, que contradiz, porém, os distintivos dispensacionalistas quando adota diferentes periodizações da história humana (em geral tripartite), ao aplicar à Igreja muitas das promessas do Antigo Testamento e ao apropriar-se mais diretamente de textos (como a oração do Pai Nosso, o Sermão da Montanha e outros) que os dispensacionalistas relegam ao reino milenial (DAYTON, 1987, p. 245).

Dayton explica que o movimento pentecostal nasce pré-milenarista, porém contradiz com certos pontos do dispensacionalismo. Isso se mostra interessante pelo desenvolvimento dispensacionalista na AD no Brasil, principalmente posterior a Olson na década de 50. Agora, sabemos que o dispensacionalismo está enraizado na AD brasileira, tanto pelos livros publicados e principalmente pelo quadro PDadS, que vem junto ao livro do missionário Olson, que claramente ensina as dispensações.

A pergunta neste momento seria quando o dispensacionalismo entrou na Confissão de Fé da denominação? Ou quando a doutrina das dispensações aparece em seus textos?

Para analisarmos os textos mais antigos da Assembleia de Deus, é primordial olharmos para os jornais Boa Semente, Mensageiro da Paz e a Seara. Sobre os jornais oficiais da Assembleia de Deus, Valéria Cristina Vilhena nos informa:

O primeiro jornal, *Voz da Verdade* (1917-1918), não era específico do movimento pentecostal, mas comum aos evangélicos da época e teve pouco tempo de circulação. Posteriormente, o primeiro jornal da Assembleia de Deus, em Belém do Pará, o jornal *Boa Semente* (1919 a 1930), antecedeu o jornal *Mensageiro da Paz*, até hoje em circulação (VILHENA, 2016, p. 99).

Olhando para os primórdios da AD brasileira, nesses jornais oficiais, encontramos notícias sobre o “fim do mundo”, “a volta de Jesus iminente”, e logo em umas de suas primeiras edições, em Julho de 1923, um texto escatológico editado de um sermão de despedida de Samuel Nystrom de Stockholm na Suécia em partida ao Brasil e publicado no jornal Boa Semente de número 26. Samuel traz um estudo em seu sermão sobre a volta iminente de Cristo, com o título: *Eis, que venho à pressa!* Baseado em Apocalipse 3.7-12. O jornal Boa Semente citado em seguida, com a direção de Samuel Nystrom, em julho 1923, traz uma fonte do *Documento*, conforme escreveu Vainfas. Ele traz a referência ao dispensacionalismo, conforme o texto do jornal:

Quando eu, alguns mezes atrás (Jan. de 1923), vi nos jornais os telegramas de Londres acerca do povo judaico, que recebia nova afirmação de que

havam de continuar na posse da Palestina encheu-se o meu coração de jubilo e de alegria, porque vi nisto um signal de que em breve esta *dispensação* ha de findar e uma outra ha de começar. O que nos faz comprehender que Jesus virá em breve. Louvado seja o Cordeiro de Deus”! (JORNAL BOA SEMENTE, 1923, n.23, grifo e negrito nosso).

Na matéria, o jornal continua tratando de escatologia e da volta de Jesus como um dos seus subtemas e, mais uma vez, usa-se também a palavra dispensação:

Todos nós que lemos as Escripturas sabemos que depois da *dispensação* da igreja virá afflicção e grande aperto sobre a terra, antes que comece o reino millenial, do qual as Escripturas fallam. (JORNAL BOA SEMENTE, 1923, n. 23, p.1, grifo e negrito nosso).

Notemos que a perspectiva, conforme o texto, é de uma escatologia pré-tribulacionista, com referências ao dispensacionalismo, e como se pode ler no próximo parágrafo, ao arrebatamento da igreja:

Sabemos também pela Palavra de Deus, que antes que venha a afflicção – a vingança de nosso Deus – o Senhor tirará o seu povo da terra. Este evento – o mysterio do nosso arrebatamento, para encontrar o Senhor nos ares. O antigo povo de Deus tem estado na grande *dispensação*, mas será outra vez reconduzido para sua terra. (BOA SEMENTE, 1923, n.23, grifo e negrito nosso).

O sermão e estudo do pastor e missionário Samuel Nystrom trata do dispensacionalismo, com a referência de que uma dispensação está no final.

Temos outro exemplo na edição do Jornal Boa Semente, de setembro de 1923, número 28 (Figura 3). O jornal traz um estudo sobre as setenta semanas do livro de Daniel.

Figura 3 - Jornal Boa Semente – N° 23 – Setembro de 1923

"O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo."  
Mat. 13-24.

# BOA SEMENTE

ORGÃO DAS ASSEMBLÉAS DE DEUS

Direção de SAARUL NYSTRÖM      Redação - Trav. 4 de Janeiro, 73

Anno V      Pará-Belem, Setembro de 1923      Num. 28

## As setenta e duas semanas do livro de Daniel

(Dan. 9:24-27)

Como nos dois números passados entrou em serião em qual eu me referi um pouco ás setenta e duas semanas do livro de Daniel, sinto-me detido de dar algumas explicações neste assumpto. O livro de Daniel é um dos livros da Bíblia que tem chamado mais no fôco do combate durante os seculos passados e ainda hoje é uma espinha na garganta do chamado «alto criticismo bíblico». Daniel foi lançado uma vez na cura dos lobos, mas o livro que tem o seu nome tem chamado muitas vezes, entre os stantes dos lobos a critica, mas como Deus cuidou do seu servo assim tambem tem cuidado da sua palavra que chegou intacta até nós.

Muitas vezes tambem tem o livro estado em desacatamento do publico pelos seus amigos que se têm desviado da palavra, propalando os seus próprios pensamentos em defesa de certas escolas de interpretação. Não vou aqui occupar-me da critica do livro e defender os pontos atacados, porque para mim é bastante, que Jesus reconheceu o livro e o escritor, dizendo: «Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que fallou o propheta Daniel, está no lugar sancto; quem lê, attenda» (Mat. 24:15); nem me hei de occupar com as diversas escolas de interpretação, mas buscarei simplesmente mostrar o que os versiculos acima citados nos ensinam.

Daniel, meditando nas palavras que o Senhor fallou ao propheta Jeremias acerca das assolações de Jerusalem durante setenta e duas semanas, dirigiu-se ao Senhor Deus com este assumpto para o buscar com oração e rogos, com jejum, e saço e choro. Elle disse: «Órei ao Senhor meu Deus, e confessei-me. Mostrando que era um verdadeiro participante do seu povo, elle confessou de fora que se fez culpado juntamente com o povo, não fazendo como Bala' anteriormente, colocando a culpa sobre

## Homem, sê perfeito!

Homem: olha por tí p'ra Jesus Christo  
E terás que Ellé, por teu respeito,  
Morreu em uma cruz com o unico fôto  
De conduzir-te ao caminho direito.

Porque é que no coração conservas  
Os sentimentos negros do «Adão Velho»?  
Quando podas resplandecer nas travas  
Noliante a pura luz do «Evangelho»?

Semeia o bem, e tem por certeza  
Fructo efrenamente a recolha  
Existente na terra prometida!

E' deste modo bom, sancto e perfeito,  
Que aqui podes viver bem satisfêto,  
E apresentar-te a Deus, do fronto erguido!

— Domingos Lira.

Sabe a' vicenda: d'endo a sahida da palavra para fazer tornar, e para edificar a Jerusalem, até ao Messias, o Principe, sete semanas e sessenta e duas semanas: as ruas e as tranqueiras se reedificarão, porém em tempos angustiosos.

E depois das sessenta e duas semanas seri desapparecido o Messias, e não será mais e o povo do principe, que virá, destruirá a cidade e o sanctuario, e o seu fim será como uma inundação; e não ha' fim da guerra, estão determinadas as assolações.

E confirmará concerto com muitos—uma semana: e na metade da mesma será cessar o sacrificio e a offerta de manjar; e sobre a ala das abominações virá assoldador, e o que está determinado será derramado sobre o assoldado.

Fonte: Site RELEP

Encontramos no texto referências ainda mais específicas sobre o dispensacionalismo:

Se estudarmos de modo em que Deus trata com o seu povo, veremos como Elle durante certos tempos trata com os seus debaixo de certas condições e privilégios e podemos chamar a estes tempos, *dispensações*. Depois podemos encontrar durante uma *dispensação* certos tempos de regularidade ou eyelos de annos. Como durante a *dispensação* da lei vemos depois da sahida do Egypto, eyelos de 490 annos (JORNAL BOA SEMENTE, 1923, n.28, grifo e negrito nosso).

Não é só o jornal Boa Semente que traz informações sobre as dispensações. Em sua Declaração de Fé no livro *Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*, organizado por Esequias Soares da Silva e editado pela CPAD relata sobre uma confissão de fé de Gunnar Vingren:

Gunnar Vingren publicou em 16 de abril de 1919, no Jornal Boa Semente, um artigo intitulado “O que nós cremos”, com as linhas mestras de nossas crenças. Essa matéria foi reeditada no jornal O Som Alegre em março de 1930. Nesse mesmo ano, na primeira Assembleia Geral da CGADB, os dois jornais fundiram-se num só, recebendo o nome de Mensageiro da Paz, desde então publicado ininterruptamente como órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil. O missionário sueco Otton Nelson (1881-1982) publicou em janeiro de 1931, no Mensageiro da Paz, um artigo intitulado “o que ensinamos” (SILVA, 2018, p. 18).

Não tivemos acesso ao jornal Boa Semente de 1919, ou mesmo ao Som Alegre de 1930.

Figura 4 - Mensageiro da Paz. Ano 1931. Número 2



Fonte: Site RELEP

Mas tivemos acesso ao Mensageiro da Paz, citado por Esequias, que traz a seguinte mensagem (figura 5):

Figura 5 - Mensageiro da Paz. Ano 1931. Número 2



Fonte: RELEP

Reproduzimos o texto pela sua importância e citamos uma parte dele em seguida:

*Segunda vinda de Christo* – No momento da Assumpção de Jesus, vieram dois Anjos, vestidos de branco; os quaes, deram estaa gloriosa promessa aos discípulos: Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima do Céu, há de vir, assim como para o Céu os vistes ir. Actos 1:11. É claro, que estamos chegando perto do fim desta **dispensação**. Profecias e sinais estão sendo cumpridos com grande rapidez (JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, 1931, n. 2, grifo e negrito nosso).

É notável que o termo dispensacionalismo não aparece nesses escritos, porém, temos escrito dispensação. Quando Esequias escreve: “É claro, que estamos chegando perto do fim desta dispensação”; ele demonstra uma familiaridade com o dispensacionalismo, visto que o dispensacionalismo ensina sobre as dispensações e cada dispensação tem um tempo específico. Quando ele escreve que a dispensação está no fim, especificamente a da Igreja, ele demonstra que a próxima dispensação, que será a do Milênio, está próxima, que o arrebatamento está próximo e que se iniciará a Grande Tribulação, segundo a visão do dispensacionalismo clássico.

Em sua declaração de fé atual – CGADB (Convenção das Assembleias de Deus no Brasil), a Assembleia de Deus continua usando o termo dispensação, não usa o termo dispensacionalismo, mas em várias partes do que creem, usa as palavras dispensações.

Esses sinais anunciavam a chegada de alguém muito importante, o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, para inaugurar a Igreja, iniciando, assim, sua jornada histórica. Eram sinais particulares que não se repetiram posteriormente nos batismos no Espírito Santo subsequentes, pois se tratava de um evento solene e único, que marcou o início de uma nova **dispensação**. [...] Isso mostra que o Pentecostes foi o início da **dispensação** (Grifo nosso) do Espírito Santo, (conhecia também como **Dispensação** (Grifo e negrito nosso) da Graça ou da Igreja). [...] A Grande Tribulação durará sete anos; trata-se de um período de transição entre a **dispensação** da Igreja e o Milênio (CGADB, 2016, p. 91, 92 e 102, grifo e negrito nosso).

Em seu livro *Nosso Cremos: Uma introdução às principais doutrinas da fé Cristã ensinadas pelas Assembleias de Deus*, Silva trata do dispensacionalismo dentro do contexto assembleiano e na declaração de fé:

5 – A Manifestação de Jesus em Glória (2 fase da Segunda Vinda). Conforme a interpretação literalista e dispensacionalista, na segunda fase do seu retorno à terra, Cristo se manifestará com a sua igreja por Ele já glorificada, juntamente com seus anjos com poder e glória. (SILVA, 2018, p. 134).

Claramente, com os textos dos jornais antigos, o dispensacionalismo está enraizado na denominação pentecostal. Mesmo não aparecendo o termo dispensacionalismo, os termos dispensações aparecem, e seu uso aponta numa direção similar.

### 1.7 A doutrina do Destino Manifesto

Apresenta-se neste subitem a concepção do Destino Manifesto (*Manifest Destiny*), por entender que o grande auge em solo estadunidense do dispensacionalismo de Darby se deve também ao ideal dos estadunidenses serem a nação escolhida por Deus. Uma importante reflexão – e que estabelece um interessante “diálogo” com a nossa discussão até aqui – sobre a consolidação da crença no Destino Manifesto norte-americano que é feita por Arthur Schlesinger Jr. (1992).

O autor trabalhou com a ideia de que, a partir de meados do século XIX, houve uma gradual passagem da concepção dos Estados Unidos como uma “experiência” de futuro incerto para a crença no excepcionalismo da nação e na inviolabilidade da missão dos norte-americanos no mundo. A origem das duas ênfases estaria na tradição calvinista. De um lado, as incertezas advindas da crença na “total depravação” do homem, da noção de Deus como o “justo juiz” do mundo (ímpiedoso em relação ao pecado), da corruptibilidade das instituições criadas pelo homem “pecador”, etc. Do outro lado, a crença na “eleição incondicional” e na “perseverança dos santos”, a certeza da salvação e do destino inviolável do “povo eleito” (ROCHA, 2017, p. 85).

A nação escolhida, a nação do arrebatamento a não eleita, seria impulsionada pelo Destino Manifesto. A expressão Destino Manifesto foi primeiramente utilizada por John L. O. Sullivan, num artigo escrito em 1839, mas só publicado em 1845 (OLIMPIO; MAIA, 2006). Era defendido que os E.U.A estavam destinados à realização dos melhores feitos e a manifestar para a humanidade a excelência dos princípios divinos, eles seriam a nação do progresso, da liberdade individual e da emancipação universal, e não haveria dúvidas que no futuro seria a maior de todas (OLIMPIO; MAIA, 2006).

Essa concepção nasceu desde os primórdios da colonização americana e foi influenciada pelo ideal puritano - calvinista. Ramos e Miranda (2007), em artigo para a revista *Ameríndia*, colocam a importância do discurso religioso e sua influência no aspecto político dos Estados Unidos ao longo de sua história:

Ao estudar os acontecimentos político-sociais dos Estados Unidos na própria emancipação das ditas “Treze Colônias”, base territorial fundante do país,

percebemos a importância da coletividade, diversificada, porém agregada pelo discurso unificador de “One Nation Under God”, que se apropria dos valores que estas sociedades já traziam, tais como a família, o trabalho, o esforço individual (aquilo que Weber coloca como Ética Protestante) e os difundem, legitimando-os como valores-base para a nova Nação que se coloca no cenário mundial. Em suma, uma sociedade de imigrantes que quer se unir em torno do discurso do nacionalismo (RAMOS; MIRANDA, 2007, s/p).

A doutrina Destino Manifesto tem em sua raiz os preceitos calvinistas de que “Deus escolhe seus eleitos” e é um conceito estruturado a partir da premissa de que o povo estadunidense é escolhido por Deus e tem como missão levar o esclarecimento aos povos considerados inferiores. Também cresce a ideia de que os estadunidenses são superiores, portanto todos seriam submetidos a eles nesta missão.

Shane Mountjov, professor de História da Universidade de York e autor de um esclarecedor livro sobre o tema, explica que o termo Destino Manifesto, criado no século XIX, condensava sentimentos nacionalistas e expansionistas já enraizados nos estadunidenses. A origem do termo está ligada à política expansionista de meados do referido século. Foi John O. Sullivan quem o utilizou para descrever seu sonho a respeito do futuro da América. No ensaio chamado “Annexation”, escrito em 1839 (publicado somente em 1845), declarou apoio à aquisição do Texas pelos estadunidenses, defendendo que era o cumprimento do destino manifesto espalhar o continente e que lhe era atribuído pela Providência (MOUNTJOV, 2009, p. 9).

Why, were other reasoning wanting, in favor of now elevating this question of the reception of Texas into the Union, out of the lower region of our past party dissensions, up to its proper level of a high and broad nationality, it surely is to be found, found abundantly, in the manner in which other nations have undertaken to intrude themselves into it, between us and the proper parties to the case, in a spirit of hostile interference against us, for the avowed object of thwarting our policy and hampering our power, limiting our greatness and checking the fulfillment of our manifest destiny to overspread the continent allotted by Providence for the free development of our yearly multiplying millions (O’SULLIVAN, 1945, p.15).

---

<sup>15</sup> Porque, foram outros desejos razoáveis, em favor de agora levantar esta questão da recepção do Texas à União, fora da região inferior das nossas divergências partidárias, até o nível adequado de alta e ampla nacionalidade, seguramente devem ser encontradas, encontradas com abundância, de forma que outras nações afirmaram comprometer-se e interferir entre nós e as partes interessadas, num espírito de interferência hostil contra nós, pelo objeto declarado de impedir nossa política e dificultando nosso poder, limitando nossa grandeza e impedindo a realização do nosso *destino manifesto* de espalharmos-nos sobre o continente atribuído pela Providência para o livre desenvolvimento dos nossos milhões de habitantes que anos passados se multiplicam. (Tradução livre).

Neste documento, fica claro que a percepção dos americanos era de que eles eram responsáveis pela propagação dos princípios divinos e que se sentiam capazes de espalhar o progresso e o desenvolvimento, colaborando com a Providência Divina. Pensando dessa forma, não podiam parar de conquistar os territórios, pois estariam falhando na missão dada pelo próprio dono da terra, Deus.

No início do século XIX, surge a manifestação nacionalista que considera seu destino a anexação de territórios. O Destino Manifesto está inserido num contexto histórico, de uma religiosidade e uma missão divina, permitindo a anexação e governo de territórios que não pertenciam aos Estados Unidos. Os americanos, que já se consideravam privilegiados e enviados por Deus, acreditavam ter a responsabilidade de civilizar o bárbaro e o impuro. Isso explica a cultura estadunidense dos dias atuais. A política de expansão e conquista em nome de Deus, pela cultura ou pela força, teve suas raízes nas concepções puritanas/calvinistas, e foi passado ainda com mais força no Destino Manifesto. Tratando-se de um sistema de longa duração, conforme apresenta o autor Fernand Braudel<sup>16</sup>, muito do que houve tanto na colonização como no século XIX, ainda se mantém no espírito dos americanos.

Nos conflitos que se seguiram, dentre os territórios anexados, estavam as colônias espanholas (Cuba, Porto Rico, Filipinas e a ilha de Guam). Os habitantes destas colônias eram considerados “raças indesejáveis” e indagava-se o que fazer com eles. Albert Beveridge (historiador e senador – 1900) declara:

Ele [Deus] nos fez os mestres organizadores do mundo para estabelecer um sistema onde reina o caos. [...] Ele nos fez adeptos do bom governo para que possamos administrá-los aos povos selvagens e senis [...] ele marcou o povo americano como Sua nação escolhida para finalmente liderar no trabalho de regeneração do mundo. Essa é a missão divina da América [...]. Nós somos depositários do progresso mundial, os guardiões da paz virtuosa (FERES JUNIOR, 2004).

Feres Júnior ainda explica que, “segundo essa concepção, a graça divina é o princípio organizador da história humana, e os americanos seus agentes verdadeiros e legítimos” (FERES JUNIOR, 2004, p.85). E continua: o expansionismo estadunidense se dá por terra, mas essas ações se justificam, pois são de ordem divina e o estadunidense é o portador dessa

---

<sup>16</sup> A longa duração é um conceito histórico criado pelo francês Fernand Braudel, utilizado em sua tese de doutorado de 1949 intitulada *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, introduziu uma nova maneira de abordagem dos acontecimentos históricos: aqueles que transcorrem na longa duração.

missão, tendo ele o conhecimento privilegiado do divino, ficando inviável contra-argumentar com uma razão prática de ordem secular.

Assim como para os primeiros puritanos, havia a crença de que a missão seria posta à prova. Mas, diferentemente da noção de experiência, essas provações não ameaçavam, nem traziam incertezas sobre o sucesso último do projeto. As dificuldades viriam para aperfeiçoar o povo escolhido. “Deus corrige àqueles que ama”. A vitória sobre as provas, como seria encarada a Guerra Civil, só reforçavam a convicção no destino providencial. “Os norte-americanos naturalizaram Deus, como naturalizaram muitos outros conceitos. Como eram otimistas, insistiam em crer na Sua benevolência e encontravam em todos os lugares manifestações de Seu favor (ROCHA, 2017, p. 87).

A doutrina do Destino Manifesto (1845) nasce em um período transformador dos Estados Unidos e, neste período, John Nelson Darby está fazendo conferências em países próximos da Inglaterra. Ente o ano de 1862 ao ano 1877, Darby, com seu dispensacionalismo, faz conferências nos Estados Unidos. Com o final da Guerra Civil e com novos territórios sendo anexados, os escritos de Darby se encaixam no contexto americano de povo escolhido, o povo da dispensação da graça, geração eleita a igreja da volta de Jesus.

### **Considerações intermediárias**

O tema da presente pesquisa é uma expressão específica da cultura visual pentecostal, uma litografia colorida chamada o “Plano Divino através dos séculos”, que por sua vez representa por meios gráficos as convicções escatológicas às quais se refere, geralmente, como dispensacionalismo. Para poder contextualizar e localizá-la dentro da história da Igreja Assembleia de Deus fizemos curtas investigações em relação às suas raízes, sua forma atual e o debate interno na Assembleia de Deus que levou a essa expressão atual.

Quanto às suas origens, nós não seguimos a leitura apologética que limita qualquer reflexão mais ecumênica por centrar a narrativa da origem dos conceitos milenaristas em Darby. Mas vimos que esse debate já está consagrado nos Estados Unidos.

## CAPITULO II

### **O QUADRO “O PLANO DIVINO ATRAVÉS DOS SÉCULOS” COMO EXPRESSÃO CHAVE DA CULTURA VISUAL PENTECOSTAL: ORIGEM E SUA IMPORTÂNCIA**

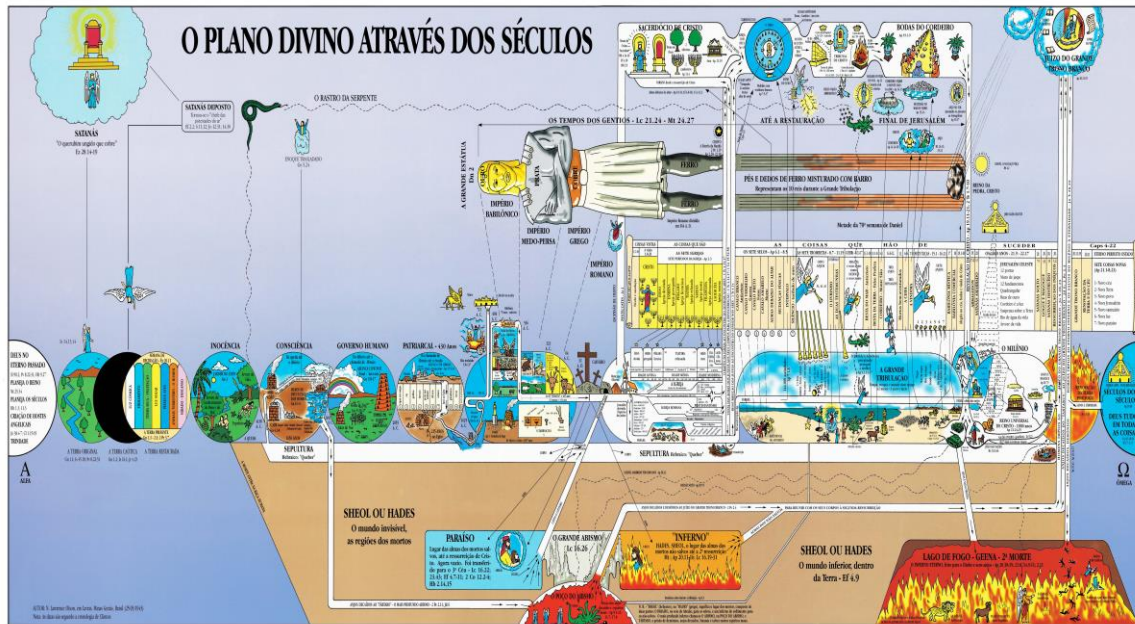
Neste capítulo, no primeiro momento, a ênfase será dada na importância do quadro PDadS para a formação do imaginário dos assembleianos. Tratar do nascimento de uma cultura visual, através do quadro PDadS, desde sua origem até a sua importância para a denominação como forma de ensino e explicação da doutrina dispensacionista e pré-milenarista. Serão colocados pontos de reflexão quanto à concepção do quadro, aspectos anteriores e posteriores e como chegou ao formato que se usa hoje.

#### **2.1 Qual a importância do quadro nas Assembleias de Deus**

O quadro PDadS, do missionário Olson, popularizou o dispensacionismo entre os assembleianos. Não somente entre os pentecostais, mas também entre várias denominações que fizeram uso do dispensacionismo como estudo. O quadro PDadS aparece junto com o livro do missionário Olson. O livro publicado pela CPAD, “O Plano Divino através dos Séculos”, é lançado no final da década de 40 e começo da 50. O livro hoje chegou a mais de 100 mil cópias vendidas. Originalmente, o PDadS vinha com encarte do livro, hoje, o quadro PDadS é vendido separadamente. A questão pontuada nesta pesquisa está relacionada com a forma com a qual os evangélicos receberam as mensagens proclamadas por Lawrence Olson, e como tal pensamento modelou o imaginário assembleiano.

O quadro foi importante para o avanço do movimento pentecostal no Brasil, uma vez que ajudou a sedimentar uma escatologia de fácil explicação e que poderia ser rapidamente replicada na forma de estudos bíblicos e pregações apocalípticas, sem a necessidade de passar por seminários teológicos e, com isso, ficar longo tempo em preparação.

Figura 6 - Mapa “O Plano Divino através dos Séculos” CPAD -1943



Fonte: Acervo pessoal

Ao contrário, os líderes eram preparados no front evangelizador. Isso deu aos pentecostais enorme vigor evangelístico e consistência no anúncio missionário (MARIANO, 1999, p. 28). O fenômeno da aceitação e divulgação chama a atenção, uma vez que o movimento pentecostal é o principal responsável pela divulgação do livro e do quadro PAdS que o acompanha.

Em 1938, quando o missionário Olson chegou ao Brasil, dirigiu-se para a cidade de Belo Horizonte - MG, onde aprendeu o idioma português. Lá, o missionário teve como grande desafio o fato de que neste período havia um alto índice de analfabetismo, principalmente no meio rural, ambiente por onde plantou vários templos das Assembleias de Deus (FERREIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SERENO; SOUSA, 2016, p. 157).

Em 1940, segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 56,8% da população brasileira ainda era analfabeta (IBGE, 1940/2000). Benatte escreveu: “É plausível inferir que, quando o movimento começou a se propagar, uma década antes, oito em cada dez brasileiros não soubessem ler e escrever” (BENATTE, 2011, s/p).

Ao se observar os dados, é possível inferir que uma das razões do sucesso de vendas do livro estava no encarte oferecido. Assim, mesmo que houvesse a impossibilidade da leitura do livro pelos fiéis, o PAdS possibilitava a compreensão do conteúdo, tornando seu ensino

acessível e amplamente disseminado nas igrejas evangélicas à época (FERREIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SERENO; SOUSA, 2016, p. 158).

Em se tratando da imagem, o quadro se torna uma ferramenta essencial para a divulgação do dispensacionalismo como também da própria AD. Em sua grande maioria, os membros tinham dificuldade com a leitura e escrita, conforme mostrou os dados do IBGE, consequências previstas de um país que sofreu e sofre com acesso à educação. Porém, esses membros poderiam “ler” as imagens e entender as questões das dispensações e sobre o futuro da igreja, na perspectiva pré-tribulacionista e pré-milenarista. O termo e o estudo sobre as dispensações, conforme abordado, já estavam familiarizados com os membros assembleianos. O que muda é a forma que foi distribuído o quadro PDadS.

Sobre ler as imagens, Peter Burke afirma:

O uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado à evidência no sentido escrito do termo. Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”. [...] Em resumo, imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida (BURKE, 2004, p. 59).

Os membros imaginavam as imagens através do quadro. O interessante é que o quadro PDadS mostra as imagens das dispensações e de uma escatologia pré-tribulacionista. Porém, o quadro apresenta muito mais do que o dispensacionalismo, traz referências e imagens da história do homem na terra, referências ao céu e ao inferno. O quadro ensinava aos cristãos muito mais do que as dispensações, ensinava através das imagens.

Também teve um grande impacto a distribuição do quadro juntamente com o livro. Não raramente, as pessoas não tinham o livro, porém, mantinham o quadro em suas casas. Então, a importância do quadro para a criação do imaginário dispensacionalista e escatológico da Assembleia de Deus foi extremamente importante.

A tradição construída do dispensacionalismo se institucionaliza na Assembleia de Deus brasileira através do quadro PDadS. Isto é muito interessante, pois temos a criação do imaginário escatológico dispensacionalista assembleiano.

O quadro PDadS se popularizou entre os assembleianos que não tinham acesso à leitura e à escrita, conforme apontado pelos dados do IBGE. A porcentagem de 56,8% da população brasileira, em 1940, atingia também os assembleianos. O chamado Assembleianismo Rural, usando a tese de Gedeon Alencar, era predominante:

É dominante. No primeiro momento, por razões óbvias (pois o país é rural), mas mesmo na atualidade ainda é muito presente. Essa igreja nasce com *ethos rural* e mesmo em zonas urbanas mantém as características anteriores. Indicaremos três características fundamentais: a mentalidade rural, a estrutura patriarcal da liderança e o abismo comportamental entre Igrejas Sedes e Congregações (ALENCAR, 2012, p.73).

Figura 7 - O Pastor Nirton dos Santos ensinando “O Plano Divino através dos Séculos” na década de 60



Fonte: Blogspot<sup>17</sup>

Vivemos em um tempo em que o acesso à informação é rápido. Olhamos nossos celulares e a notícia chega em tempo real. Bíblias de estudo, livros e jornais são lidos em tablets. Tudo muito facilitado, graças ao avanço da tecnologia, mas na década de 40 a informação era escassa. Os jornais demoravam até para publicarem suas notícias. O quadro PDadS supria essa necessidade da leitura. Nele, explicava-se a história do homem, as dispensações, o futuro escatológico e a Eternidade dos crentes e ímpios.

Outro fator que contribuiu para a rápida difusão tem a ver com o fato de que, “em verdade, a desqualificação científica ou erudita dos usos populares dos textos bíblicos é o avatar laico de uma série de exclusões que percorre a história da igreja desde a idade apostólica (BENATTE, 2011). O quadro PDadS, ainda que tenha sido fundamentado por uma leitura literal da Bíblia, rompe com certas exclusões, pois em seu conteúdo tenta apresentar-se

---

<sup>17</sup> BLOGSPOT. Memórias da Assembleia de Deus. Disponível em: <http://mariosergiohistoria.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 nov.2018.

apto para o meio acadêmico de sua época (FERREIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SERENO; SOUSA, 2016, p. 160).

Considera-se que um dos fatores de sucesso da difusão do quadro PDadS seja sua forma didática de fácil aplicação, pois uma vez aprendido, também poderia ser repassado. O quadro teve tão rápida aceitação que passou a fazer parte de várias salas de aula, até mesmo fora do pentecostalismo; não era incomum encontrar o quadro PDadS entre grupos como os Batistas e os Presbiterianos (FERREIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SERENO; SOUSA, 2016, p. 160).

O quadro se tornou uma excelente ferramenta de evangelização, pois não só os grupos religiosos tinham pouca escolaridade, mas também seu público-alvo missionário, que via no quadro ou nas explicações ilustradas, um elemento didático facilitador. O quadro ainda nos dias atuais é muito estudado, e não só na Assembleia de Deus, mas também em outras denominações, como foi desde sua publicação. Inúmeras igrejas utilizaram e utilizam o quadro. Abaixo, exemplos de como o quadro é estudado e ensinado em outras denominações.

O vídeo em seguida é só um exemplo de como uma ferramenta como o You Tube pode espalhar o conteúdo de um quadro. O vídeo tem 1h31min21s, e o pastor que está ensinando explica passo a passo as imagens do quadro.

Figura 8 - Estudo “O Plano Divino através dos Séculos” ministrado pelo Pastor João A. de França no Templo Sede das Assembleias de Deus de Alta Floresta - MT



Fonte: Youtube

## 2.2 Origens do quadro “O Plano Divino Através dos Séculos”

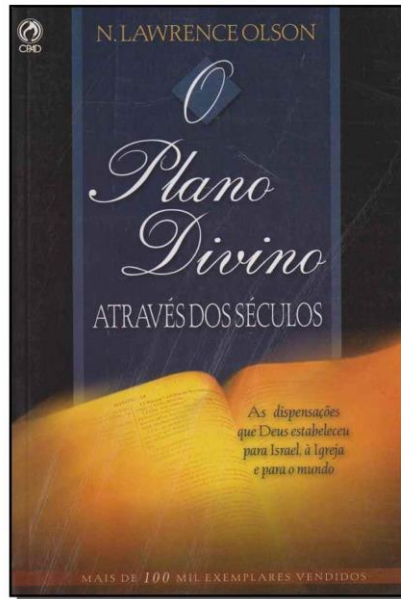
O quadro PDadS foi apresentado pelo missionário Olson em Lavras, Minas Gerais, em 25/03/1943, conforme nota de rodapé do quadro. Olson o lança junto com o livro “*O Plano Divino através dos Séculos*”: *As dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à Igreja e para o mundo*. É importante a análise da obra de Olson para entender como se deu a construção do quadro PDadS.

Antes da análise da obra de Olson, é importante conhecer um pouco a história do missionário:

Nasceu em Kenosha - Wisconsin - USA. Radicado nos EUA desde 1904, seus pais eram suecos, de formação religiosa luterana estatal. Nos Estados Unidos, tiveram contato primeiramente com a Igreja Batista e, em seguida, com a Igreja Assembleia de Deus. Estudou no Central Bible College Springfield Missouri, casou-se com Alice em 1932. Aportou no Brasil em 1938 junto com esposa e os seis filhos. Sendo um dos fundadores da CPAD, o Pastor Lawrence trabalhou na evangelização, plantação de igrejas e escrita de materiais para a Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus. Foi editor e articulista do Jornal *Mensageiro da Paz*, tradutor de livros (do inglês), e também atuou como professor no ensino teológico (em 1961 fundou no Rio de Janeiro o Instituto Bíblico Pentecostal, tendo publicado ao menos 7 livros: *A Bomba atômica: precursora do Armagedom*, *Enoque: o arauto da vinda de Cristo*, *Profecias Bíblicas*, *O Servo de Jeová* (1951), “*O Plano Divino através dos Séculos*” (1956), *O batismo bíblico e a trindade* (1956) e *O alinhamento dos planetas* (1980) (FERREIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SERENO; SOUSA, 2016, p. 157).

O sucesso do livro é notório pelo tempo em que foi lançado e pelo número de exemplares vendidos. Em sua última edição, do ano de 2013, estampa em sua capa a impressionante marca de 100 mil exemplares vendidos. Atualmente, o quadro PDadS é vendido separadamente, mas em sua 1ª edição, ele vinha como encarte no livro.

Figura 9 - Capa do livro



Fonte: Acervo pessoal<sup>18</sup>

Olson usa o estudo das dispensações para a criação do mapa. Na apresentação do livro, ele conta qual obra consultou para escrevê-lo.

“As obras consultadas na preparação desta matéria tão palpitante para os crentes em Jesus, vivendo nos dias atuais que precedem o iminente regresso de Jesus Cristo à terra, são: “Dispensational Studies”, por Ralph M. Riggs, e “Ages and Dispensations”, por Frank M. Boyd, autores que eram meus professores no Central Bible College em Springfield, Missouri, EUA. Outras obras incluem “Dakes Annotated Bible”, “The Schofield Bible”, “Strong’s Concordance”, “Bible Dictionary”, por Merrill F. Unger, e “Dispensational Truth”, por Clarence Larkin” (OLSON, 2013, p. 7).

Todo o livro é voltado para o estudo das dispensações. Antes, porém, Olson faz algumas considerações preliminares para o estudo do “O Plano Divino através dos Séculos”. Ele esclarece sua percepção sobre o período de dispensações. Ele chama de os “três principais séculos do Tempo”. Olson informa que esses séculos não se referem a períodos de 100 anos, mas sim, períodos longos que podemos chamar eras ou épocas (OLSON, 2013, p. 25).

---

<sup>18</sup> Em destaque em vermelho a informação de 100 mil exemplares vendidos.

Olson ainda faz uma explicação sobre o original grego dessas palavras. Assim, ele informa sobre essa condição:

O conhecimento do assunto depende da interpretação de quatro palavras gregas usadas no Novo Testamento, as quais em várias traduções tem sido traduzidas por “mundo” ou expressão semelhante. Olson traz uma perspectiva sobre o conceito de eras para a escrita das dispensações. Ele explica como utilizar o PDadS logo no início do livro. O estudante, disse Olson, deve identificar esses três “Séculos” no *Mapa das Dispensações* (OLSON, 2013, p. 27, grifo nosso).

Conforme apontado, as edições mais recentes do livro não vêm mais com o quadro PDadS, porém, as antigas vinham no encarte do livro, e Olson dá uma breve explicação de como usá-lo. Ainda nas considerações preliminares, o missionário explica de forma introdutória, como o livro trataria a estrutura das dispensações:

### 2.2.1 As Setes Dispensações

Estas dispensações são as seguintes: Inocência, Consciência, Governo humano (ou seja, a primeira organização em sociedade), Patriarcal ou da família, a Lei, a Graça e o Milênio, que será o governo divino. Isto não significa que as Escrituras compõem-se de seções independentes umas das outras. O fato é que as dispensações, até certo ponto, se sobrepõem, e algumas que vigoram em passado distante continuam de pé, quanto ao trato de Deus com os homens (OLSON, 2013, p. 30).

O livro se fixa na explicação das dispensações a alguns assuntos relacionados ao tema. Fixa também no termo da escatologia pré-milenarista e pré-tribulacionista. As novas edições do livro não disponibilizam o quadro PDadS, o livro faz referência ao acompanhamento do estudo junto ao mapa.

#### Capítulo 9

O século presente

A Segunda Vinda de Cristo

F. A Igreja e a Segunda Vinda de Cristo

(O leitor deve localizar este período no *Mapa das Dispensações*) (OLSON, 2013, p. 153, grifo nosso).

A recomendação para localizar no Mapa se repete no capítulo 10. O livro contém ao todo 230 páginas e não tem as referências bibliográficas. O que é citado, conforme informado, são os nomes no começo do livro que, segundo Olson, foram base para sua pesquisa.

Mas quais seriam os antecedentes do quadro PDadS? Como Olson organizou o quadro? Teria sido ideia sua ou ele teria copiado ou tirado referências de outros autores para a construção do quadro?

Quando tratamos de um quadro como o de Olson, vemos que sua estruturação se deu com o pastor missionário, porém outras imagens de esquema de dispensações surgiram antes do quadro dispensacionalista.

Um dos primeiros esquemas vem da época dos puritanos ingleses. Temos um exemplo na obra de David Morgan, em seu livro *The Forge of Vision: A Visual of Modern Christianity*, de 2015. Essa pista na obra de Morgan remete ao século XVII:

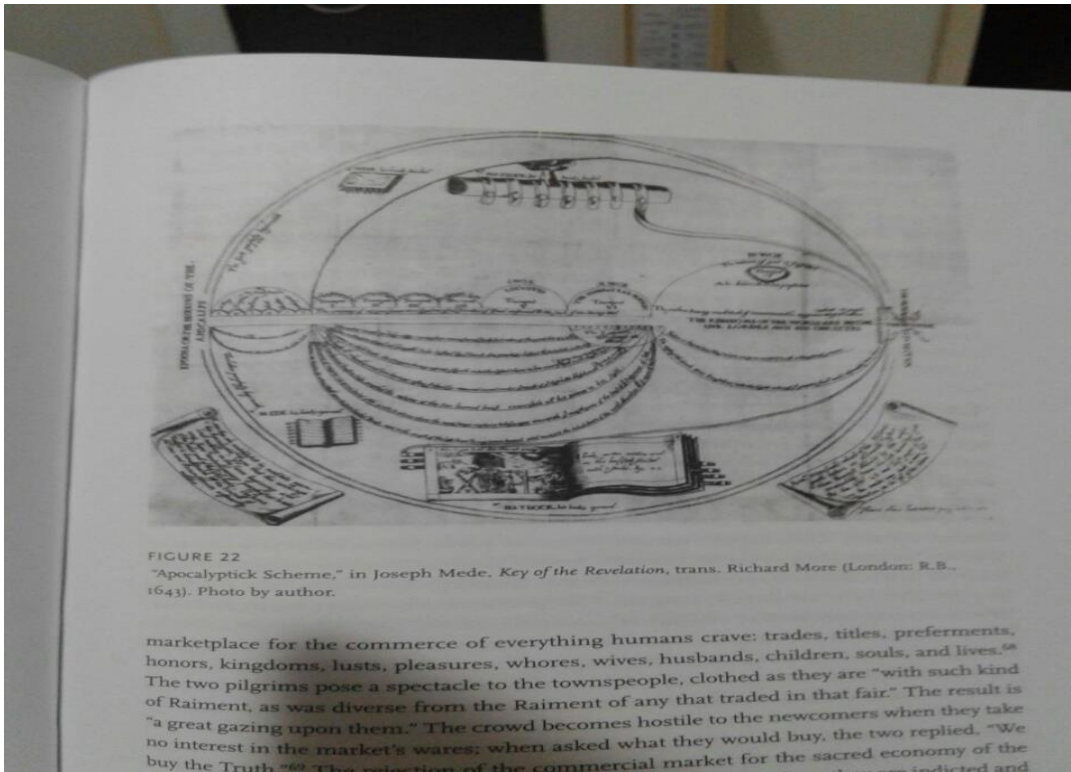
Puritan spirituality is often regarded as inimical toward visuality, but in fact, it pivoted on acts of seeing understood in the register of time. Puritans in Europe and America alike both made use of images in this search and their imagery consistently reflects the dimension of temporality (MORGAN, 2015, p. 92)<sup>19</sup>.

Essa pista nos traz uma ideia de que já no século XVII os puritanos fizeram uso das imagens para a difusão de suas ideias. A imagem que Morgan trata em seu livro, na página 93, traz um esquema de sistematização de imagens do Apocalipse, trazendo eras passadas até a atual e futura, um claro antecessor do quadro dispensacionalista de Olson.

---

<sup>19</sup> Espiritualidade puritana é muitas vezes considerada inimiga em relação à visualidade, mas na verdade ele gira em torno de atos de visão entendidos no registro do tempo. Os puritanos na Europa e na América, ambos, usaram as imagens nesta pesquisa e suas imagens refletem consistentemente a dimensão temporal. (Tradução nossa).

Figura 10 - Joseph Mede. Key of the revelation, London: Richard More, 1643 [Apocalyptick Scheme]



Fonte: Morgan (2015, p. 93)

Included with it was a diagram titled "Apocalyptick Scheme". The diagram and the book it illustrated provided an interpretation of the book of Revelation that prophetically plotted the course of time to the present age and looked for the possibility of the end not far off. Mede calculated this by aligning prophetic utterances, visions, symbols, and numbers with historical events, situating the past in relation to the present age. The purpose of the diagram in figure 22 was to assemble into a single scheme the events described in the fifth and following chapters of Revelation, where a seven-sealed scroll held by God is opened by Christ, culminating in the opening of the seventh seal, the end of the world (MORGAN, 2015, p. 92)<sup>20</sup>.

Este ponto é muito relevante para a pesquisa, pois mostra que houve um sistema de imagens anterior ao quadro de Olson. Pretende-se aprofundar os antecedentes do quadro e fazer uma trajetória até o quadro sistematizado pelo pastor assembleiano. Algumas outras

<sup>20</sup> Incluído com um diagrama intitulado "Apocalyptick Scheme". O diagrama e o livro que ilustrou forneceram uma interpretação do livro de Apocalipse que traçou profeticamente o curso do tempo até a idade atual e procurou a possibilidade do fim não muito longe. Mede calculou isso ao alinhar expressões proféticas, visões, símbolos e números com eventos históricos, situando o passado em relação à idade atual. O propósito do diagrama na Figura 22 era reunir em um único esquema os eventos descritos nos quinto e seguintes capítulos do Apocalipse, onde um rolo de sete selos de Deus é aberto por Cristo, culminando na abertura do sétimo selo, o fim do mundo (Tradução nossa).

imagens mostram que houve mapas ou quadros anteriores ao de Olson, conforme o exemplo do Morgan do século XVII. Isso é muito importante para a criação de uma cultura visual pentecostal assembleiana, pois cria um elo com pós-reformadores. Mas como Olson teria chegado à conclusão do quadro PDadS? Teria usado algum outro quadro semelhante como base para criação?

O dispensacionalismo, conforme discutido, foi uma tradição construída por Darby. Em nenhum de seus escritos foi deixado algum sistema em desenhos, mapas ou quadros. Então, Olson teria que ter pensado no quadro PDadS com alguma referência de outro autor. No começo do livro, Olson dá algumas indicações sobre autores consultados, conforme exposto. Um desses autores é o americano Clarence Larkin e seu livro *Dispensational Truth*. Larkin escreveu alguns livros e produziu inúmeros desenhos sobre céu, planetas, esquemas escatológicos e alguns com esquema de Dispensações. Antes de entrarmos nos esquemas produzidos por ele, é importante conhecer sua história.

### 2.2.2 Esquema de Larkin

Larkin nasceu em 28 de outubro de 1850, em Chester, Condado de Delaware, Pensilvânia. Ele foi convertido ao cristianismo na idade de 19 anos e quando tinha 21 anos entrou para a faculdade, tornou-se Engenheiro Mecânico e também desenhista projetista profissional. Isso será muito importante para seus futuros desenhos sobre o mundo e as dispensações. Assume seu primeiro pastorado na Pensilvânia, e um segundo em Fox Chase, onde permanece por 20 anos. Sobre sua visão escatológica, encontramos no site da fundação que leva o seu nome e a história de quando ele começou a produzir gráficos proféticos:

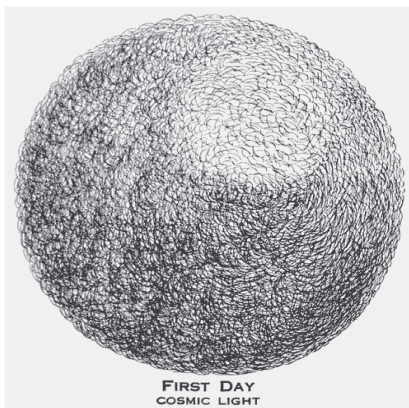
Ele não era um pré-milenista quando da sua ordenação, mas o seu estudo das Escrituras, com a ajuda de alguns livros que foram para em suas mãos, levou-o a adotar a posição pré-milenista. Ele começou a fazer painéis de grandes dimensões, que ele intitulou, “Verdade Profética”, para uso no púlpito. Estes o levaram a ser convidado para ensinar, em conexão com seu trabalho pastoral, em dois institutos bíblicos. Durante esse tempo ele publicou uma série de gráficos proféticos que foram divulgados (LARKINSTATE.COM)

Suas produções se intensificaram no período da primeira guerra mundial em 1914. Impulsionado por uma perspectiva escatológica de fim dos tempos, ele produz muitos desenhos e textos:

Então, Deus colocou no seu coração preparar um trabalho sobre a verdade Dispensacional (ou Plano de Deus e Propósito ao longo das Eras), contendo uma série de gráficos com a matéria descritiva. Ele passou três anos de sua vida projetando e desenhando os gráficos e preparando texto. A recepção favorável que teve desde que foi publicado pela primeira vez em 1918, parecia indicar que o mundo estava esperando esse livro (LARKINSTATE.COM).

O texto escrito faz uma clara defesa de suas produções e desenhos. O interessante neste ponto é que o livro onde foi lançado os mapas e os textos é o *Dispensational Truth*, conforme informado. O livro com os desenhos, gráficos e mapas é de 1918. Já o PDadS de Olson é de 1943, ou seja, 25 anos antes da primeira edição da versão tradicional do PDadS. Quando Olson menciona que utilizou como referência a obra de Larkin, fica evidente que seus desenhos serviram como base para a produção do quadro PDadS.

Figura 11 - Dispensational Truth



Fonte: Larkin (1918, p. 53)

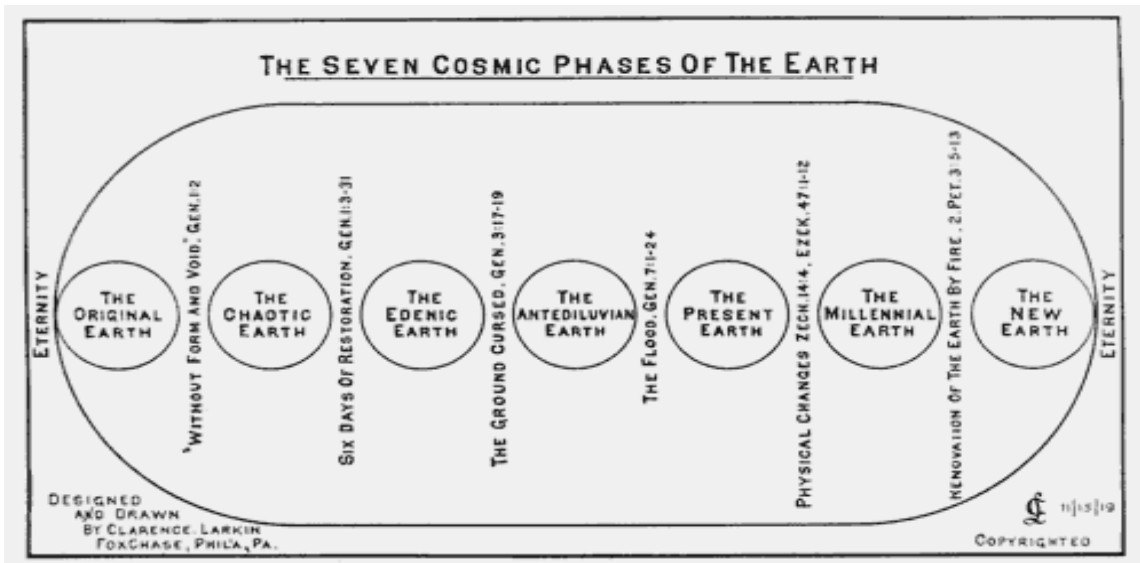
Figura 12- Dispensational Truth



Fonte: Larkin (1918, p. 55)

Observa-se em seu livro como ele era um ótimo desenhista. Dá início à criação do mundo, quando começa a tratar da dispensação da Inocência. Ele desenha o mundo pré-adâmico. Os desenhos vão se encaixando dentro das explicações de Larkin. Quando ele trata da *The Seven Cosmic Phases Of The Earth* (As sete fases cósmicas da terra), temos uma primeira imagem no estilo de dispensações. O desenho data de 15/11/1919.

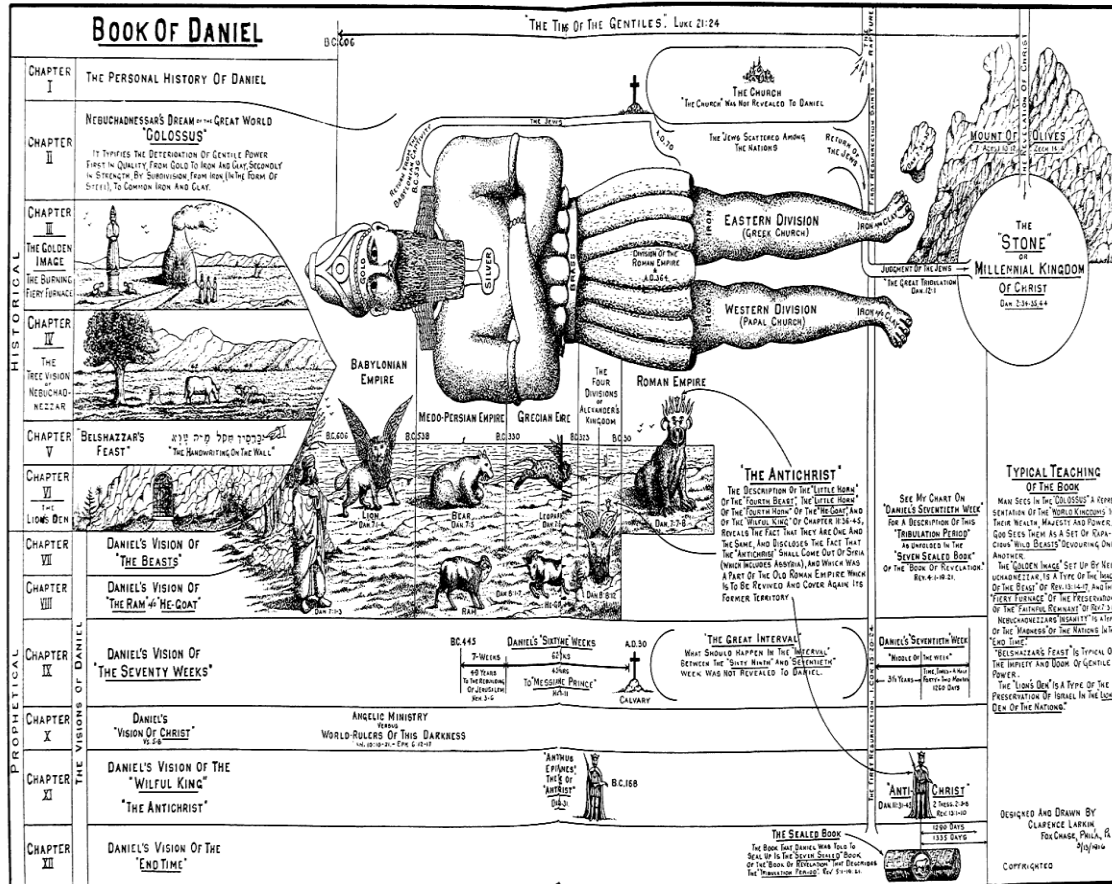
Figura 13 - The Seven Cosmic Phases Of The Earth



Fonte: Larkin (1918, p. 64)

Larkin inicia com as dispensações e, conforme vai escrevendo, passa a desenhar para dar base e estrutura para seus escritos. Abaixo, os desenhos mais detalhados das dispensações. Vê-se ricos detalhes em que Larkin desenha sobre as dispensações. Porém, existem outros desenhos dentro do próprio livro em que ele desenha um mapa completo da história da terra, passando pelas dispensações e sobre o futuro. Quando ele vai falar das profecias de Daniel, desenha sobre o sonho de Nabucodonosor. A estátua do sonho de Daniel já faz lembrar o desenho de Olson no PDadS. Nos próximos desenhos, Larkin vai produzindo seus esquemas e muitos são parecidos com o PDadS. Nas figuras que seguem, podemos observar os mais parecidos. A cada desenho produzido, mais parecido eles vão ficando com o PDadS. Essa semelhança se confirma quando Olson reitera no começo do livro, “O Plano Divino através dos Séculos”, que ele usa Larkin como referência e, além de seus escritos, os desenhos por ele produzido são a base para a criação do quadro PDadS.

Figura 14 – Desenho detalhado das dispensações



Fonte: Larkin (1918, p. 147)



### 2.2.3 O Caso da Bíblia Dake

Não temos muitas referências em bibliografia que conte a história de Finis J. Dake. Temos alguns materiais em inglês e alguns livros que são de sua autoria. Além da *Bíblia Anotada Dake*, ele escreve o *Plano de Deus para o Homem*, *Revelação Exposta* e as *Verdades da Bíblia Desmascaradas*. O que sabemos sobre sua vida são de fontes de sites que tratam do tema e principalmente da bíblia publicada que leva seu nome, *Bíblia de Estudo Dake*. O site CACP (Centro Apologético Cristão de Pesquisa) traz um resumo de sua história.

O pesquisador Les Brown relata alguns fatos importantes sobre Dake: Finis Jennings Dake nasceu em 1902 e morreu em 1987. Seu filho Finis Junior diz que levou sete anos de constante trabalho para completar as 35 mil notas incluídas na Bíblia de 1.400 páginas.

É uma teologia sistemática virtual e uma compilação dos pontos de vista e doutrinas de Dake. Dake foi ordenado pela Assembléia de Deus do Texas. Por um tempo, ele fez trabalhos evangelísticos em Oklahoma. Mais tarde, mudou-se para Zion, no Estado de Illinois, onde as coisas se complicaram depois de um escândalo que envolveu uma garota de 16 anos de idade.

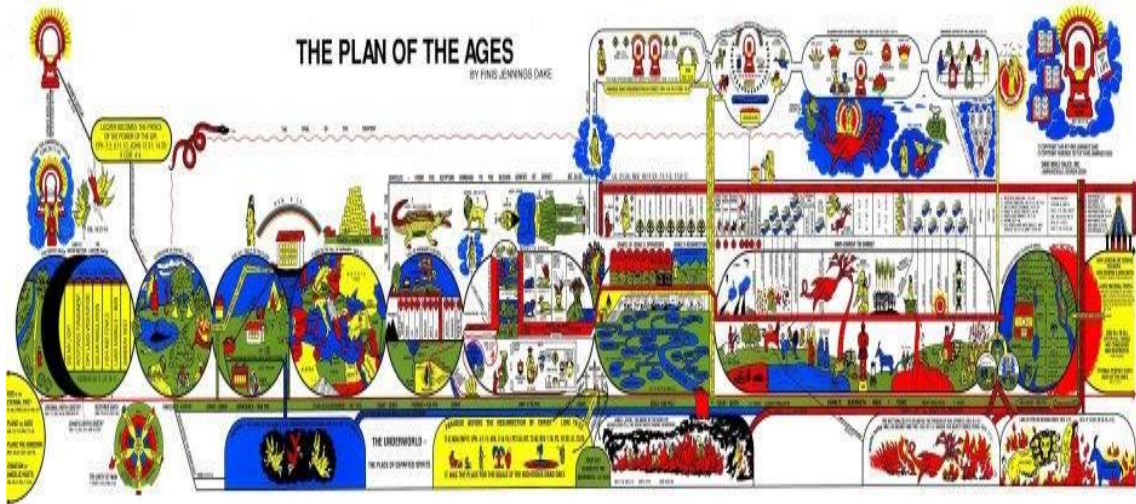
Ele foi sentenciado a seis meses de reclusão na Casa de Correções de Milwaukee. Dake admitiu ter trocado carícias com a garota, mas, novamente, negou que quaisquer relações impróprias tivessem ocorrido entre ele e ela.

O jornal News-Sun de Waukegan informou: “Se tivesse sido declarado culpado por um processo de júri, o reverendo Dake teria sido condenado a uma sentença máxima de 10 anos numa prisão federal e uma multa de 10 mil dólares” (10/02/1937). Dake chamou a sentença de prisão de “férias” e disse que usaria o tempo de prisão para pregar aos presos e dedicar o tempo para escrever um comentário sobre a Bíblia.

As Assembléias de Deus cortaram seus relacionamentos com Dake e ele mais tarde uniu-se à Igreja de Deus em Cleveland, Tennessee (ROMEIRO, s/d).

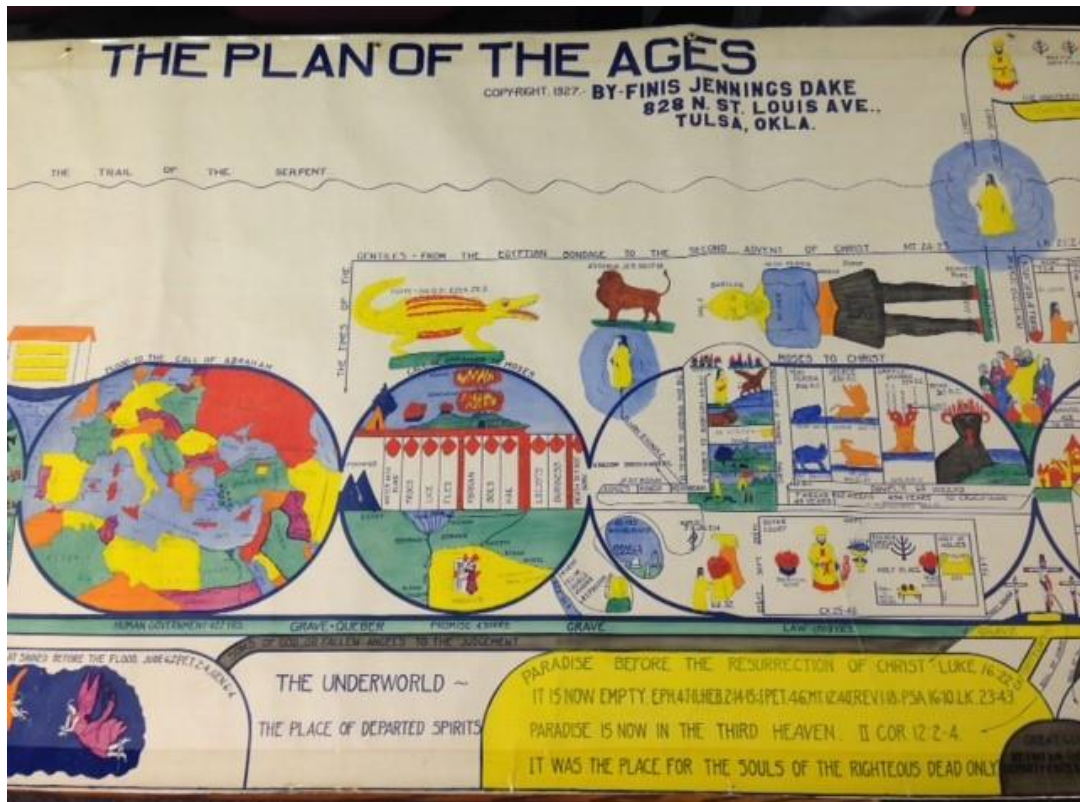
Os direitos autorais no Brasil estão sob a responsabilidade da Editora Atos. Porém, a CPAD, por muitos anos, vendeu a Bíblia, mesmo com os citados problemas. Podemos colocar um ponto central nessa discussão e na questão de o porquê a CPAD não publicar mais a Bíblia DAKE. Na edição original de Dake também era disponibilizado um encarte de um mapa, conforme figura.

Figura 17 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake



Fonte: Google

Figura 18 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake



Fonte: Google

Analisando atentamente, vemos que o mapa de Dake é de 1927, ou seja, 16 anos antes do PDadS do Olson. Quando a CPAD lança a Bíblia DAKE não utiliza o mapa original de Dake e sim o do missionário Olson, conforme exemplo abaixo.

Figura 19 – Bíblia de Estudo DAKE



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 20 – Mapa “O Plano Divino através dos séculos”



Fonte: Acervo Pessoal

Houve algum problema neste sentido. A Bíblia Dake, lançada pela Editora Atos e pela Editora CPAD deveria vir com o mapa de Dake de 1927. A CPAD lança com o quadro PDadS do Olson. Houve algum desentendimento durante esse período. Entrei em contato com ambas as Editoras, e a resposta foi que, em razão do mercado, a parceria entre as editoras para publicação da Bíblia Dake não era mais viável. Com todo esse histórico, vimos que Olson usa referências de Larkin para produção de seu livro e para a publicação de seu quadro PDadS. Os desenhos feitos por Larkin são a principal base para a publicação do quadro. Provavelmente,

Olson usa o mapa de Dake, pois até mesmo o nome é parecido, e ele cita a referência “*Dake’s Annotated Bible*” (OLSON, 2013, p. 7). Não sabemos se Dake usa como base Larkin, mas que eles se completam e tiveram acesso um ao outro isso fica evidente.

### **2.3 O quadro “O Plano Divino através dos Séculos” e o Imaginário Pentecostal da Cultura Visual na Assembleia de Deus em Santo André**

Conforme vimos o quadro PDadS, organizado por Olson, na década de 40, confirmamos que este recebeu influências de Larkin. Com a institucionalização do quadro, surge um imaginário pentecostal na Assembleia de Deus andreense. Sobre o processo de constituição do imaginário, Christoph Wulf nos informa:

No contexto da cultura visual moderna, as imagens assumiram um novo significado. Através dos meios de comunicação de massa, elas penetraram todos os campos e facetas da vida humana e passaram a exercer sua influência em todos os lugares. Com a difusão da cultura visual, a percepção de que as imagens desempenham um papel central para qualquer compreensão da modernidade tornou-se inevitável (WULF, 2013, p. 21).

A importância da Cultura Visual vem ganhando espaço no tempo e na história. Burke trata do assunto em sua obra e mostra a relação entre o sagrado e a imagem:

Uma série cronológica de imagens representando um único tema constitui-se numa fonte particularmente valiosa para o historiador da religião. Por exemplo, na década de 1960, o historiador Francês Michel Vovelle e sua esposa estudaram uma série de retábulos de altar da Provença, representando almas no Purgatório, como fonte para a história das mentalidades e também da sensibilidade, bem como para a história da devoção, descrevendo as imagens como ‘um dos mais importantes registros das atitudes humanas em relação à morte na medida em que mudam ao longo do tempo’ (BURKE, 2004, p.58).

Assim, o quadro reúne um sistema cronológico de dispensações de imagens e acaba sendo uma ótima fonte para o estudo de um entendimento das imagens das dispensações utilizada pelos assembleianos andreense. O quadro foi feito para servir de estudo sobre as sete dispensações e doutrinar o pensamento dispensacionalista entre os assembleianos. A ideia de doutrinação é explicada por Burke:

Imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de cultos, como estímulos à meditação e como armas em controvérsias. Portanto, elas são um meio através do qual historiadores podem recuperar experiências religiosas passadas, contanto que eles estejam aptos a interpretar a iconografia (BURKE, 2004, p.58).

As imagens, conforme foram demonstradas, eram a forma de leitura dos menos letrados. Os que não sabiam ler, poderiam ler as imagens. Colabora a ideia de Burke, o qual faz referência ao Papa Gregório:

A iconografia era importante na época porque imagens eram uma forma de ‘doutrinação’ no sentido original do termo, a comunicação de doutrinas religiosas. As observações do Papa Gregório, o Grande, sobre o assunto (c. 540 – 604) foram repetidamente citadas ao longo dos séculos. ‘Pinturas são colocadas nas igrejas para que os que não leem livros possam ‘ler’ olhando as paredes’ (*in parietibus videndo legant quae legere in codicibus non valent*) (BURKE, 2004, p. 59).

No caso da citação do Papa Gregório, as imagens que são pintadas nas Igrejas servem para os analfabetos lerem as imagens. O quadro “O Plano Divino Através dos Séculos” também parte do mesmo conceito, pois contribui para que os membros menos letrados leiam as figuras e aprendam sobre as dispensações. Foi importante para a doutrinação dos membros e da criação do imaginário dispensacionalista pentecostal. Ainda tratando de uma cultura visual pentecostal, Tamar Gordon, em sua obra *Introduction: Visual Cultures of pentecostalismo*, de 2002, traz referência sobre a existência de uma cultura visual no pentecostalismo, como na Assembleia de Deus.

Visual artifacts do more than divulge how the miracles of health, prosperity and conversion to the spirit they operate in daily life. They also drive the public to imagined communities where there is tangible evidence of the spirit operating through people, villages, neighborhoods, cities, nations and the world (GORDON, 2002, p.310)<sup>21</sup>

O quadro PDadS fez com que nascesse nos assembleianos um imaginário de uma cultura visual pentecostal. É o que Wulf afirma quando se refere à questão da imaginação, dizendo que é a energia que liga o homem ao mundo e vice-versa. A linguagem expressa a característica da imaginação que tornou o mundo exterior em imagens e transferiu-se a um mundo interior de imagens (WULF, 2013, p. 23). As imagens assumem um papel importante

---

<sup>21</sup> Os artefatos visuais fazem mais do que divulgar, como os milagres da saúde, prosperidade e conversão ao espírito que operam na vida cotidiana. Eles também impulsionam o público para comunidades imaginadas onde há evidências tangíveis do espírito que opera através de pessoas, aldeias, bairros, cidades, nações e o mundo (Tradução Nossa).

na história e dentro de uma cultura visual. O quadro de Olson mostra o quanto é essencial o uso da imagem para ativar o imaginário.

Que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas, tem pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos (BLOCH, 2002, s/p).

Para a criação desse imaginário, foi muito importante a forma que os PAdS foram usados. O sucesso do livro que trazia como encarte o quadro era ensinado na igreja. Eles eram usados em Escolas Dominicais, Cultos de Ensino e em conferências escatológicas. O sucesso do quadro não ficou restrito à Assembleia de Deus em Santo André, conforme apontado, ele se espalhou por tantas outras denominações. Abaixo um chamado para os estudos do PAdS:

Nos dias 28, 29, 30 e 31/08, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Caçador receberá em seu templo Sede o Pastor Nirton dos Santos, presidente de honra da CIADESCP – Convenção das Igrejas Evangélicas Assembléia de Deus de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, também escritor do livro “Refúgio para um Pardo”. Pastor Nirton ministrará o estudo “Plano Divino Através dos Séculos”, no qual o participante poderá entender as diversas Alianças de Deus com a humanidade, também as diversas Dispensações pelas quais Deus trabalhou na salvação do homem e ainda receber a oração dos pastores da Igreja. O estudo vai iniciar na sexta-feira (28) às 19h30, continua no sábado (29), também às 19h30 e vai até o domingo (30) às 19h00. Durante os três dias as palestras serão gratuitas e abertas ao público. Na segunda-feira (21) Pr. Nirton dos Santos ministrará na Reunião Geral com os Obreiros e Líderes da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de todo o Campo Eclesiástico de Caçador. Você que deseja aprender mais sobre a Origem do Ser Humano, o Desenvolvimento da História da Humanidade e sobre o que Acontecerá no Final dos Tempos, este evento é uma excelente oportunidade de aprofundamento intelectual, bíblico e teológico. Durante o evento os pastores e obreiros da Igreja estarão orando por você e sua família.” (UNIÃO.NET.COM, s/p).

Figura 21 - Pastor Nirton Dos Santos



Fonte: Google

Figura 22 - Pastor Nirton Dos Santos



Fonte: Google

O informativo da igreja ainda continua falando como foi importante o evento com o estudo do PDadS:

Pastor Nirton Dos Santos Realizou O Estudo “O Plano Divino através dos Séculos”, Na IEAD em Caçador.

Nos dias 29, 30, 31/08 e 01/09 a Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Caçador recebeu em seu templo Sede o Pastor Nirton dos Santos, presidente de honra da CIADESCP, que ministrou o estudo “O Plano Divino através dos Séculos”. Através deste Estudo a igreja pôde entender as diversas Alianças de Deus com a humanidade, também as Dispensações e ainda aprender sobre a área escatológica e o destino final do ser humano.

O estudo iniciou na noite de sábado (29); no domingo (30) pastor Nirton ministrou a Escola Dominical, depois no Programa “A voz da Assembleia de Deus”, e, à noite continuou com o Estudo na Igreja. Na segunda-feira (31), Pr. Nirton dos Santos ministrou na Reunião Geral para todos os Obreiros e Líderes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de todo o Campo Eclesiástico de Caçador. E, na terça-feira (01/09) Pastor Nirton trouxe a Palavra, na reunião do Conselho de Pastores da 5ª Região da CIADESCP, no período matutino, e, à noite concluiu o estudo no Templo Sede da Igreja. Este evento foi uma oportunidade de aprofundamento intelectual, bíblico e teológico, onde o povo de Caçador aprendeu mais sobre a Origem do Ser Humano, o Desenvolvimento da História da Humanidade e o que Acontecerá no Final dos Tempos. Foram dias de um grande mover do Espírito Santo, com salvação de almas e renovação espiritual da Igreja do Senhor (UNIÃO.NET.COM, s/p).

Como esses estudos e conferências, o imaginário assembleiano foi sendo moldado. Não só no caso da Assembleia de Deus em Santo André, porém, o estudo era realizado e ainda o é em várias igrejas.

O principal imaginário do dispensacionalismo assembleiano se deu pelo quadro. E, conforme pesquisado, veio pelo estudo sobre o PDadS, os livros de Olson e as conferências também foram importantes. Porém, as imagens usadas no PDadS moldaram o pensamento assembleiano andreense. Temos um quadro PDadS na Igreja Assembleia de Deus em Santo André da década de 50. Atualmente, ele se encontra na Igreja Assembleia de Deus em Santo André em Vila Humaitá, onde estou inserido. Esse quadro está disponível para consulta. Em todos os estudos que remetem às dispensações, a estátua do sonho de Daniel, o estudo sobre o Fim dos Tempos, ou na Escatologia em geral, é usado o quadro para o ensino. Ele é usado principalmente na EBD (Escola Bíblia Dominical), que acontece todos os domingos. As imagens estudadas no quadro contam uma história e, entre elas, o dispensacionalismo. Porém, conforme vemos no quadro, as imagens vão além das dispensações. O PDadS mostra muitas outras imagens com referências ao período bíblico, escatológicos e iconográficos. Realmente, o quadro é uma narrativa visual. Sobre essa narrativa visual, Burke relata:

Imagens têm evidência a oferecer sobre a organização e o cenário de acontecimentos grandes e pequenos: batalhas, cercos; rendições; tratados de paz, greves; revoluções; concílios da igreja; assassinatos; coroações; as entradas de governantes ou embaixadores em cidades; execuções e outras punições públicas, e assim por diante (BURKE, 2004, p. 175).

A narrativa visual do PDadS mostra os períodos das dispensações, e mesmo sem ter a percepção de Burke ou o estudo sobre como ler as imagens, os membros entendiam o quadro. Assim, o imaginário assembleiano se caracteriza por uma leitura de uma narrativa visual do quadro.

E a questão que aborda-se é: como esse imaginário contribuiu para a criação de uma cultura visual pentecostal? Joly (2012) esclarece que através da função da Imagem considera-se:

a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. Por isso, umas preocupações necessárias para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual é buscar para quem ela foi produzida (JOLY, 2012, p. 55).

No entanto, identificar o destinatário da mensagem visual não basta para compreender para que ela serve. A função da mensagem visual é também, efetivamente, determinante para a compreensão de seu conteúdo. Assim, para distinguir o destinatário e a função de uma mensagem visual, são necessários critérios de referência. Nesse sentido, são propostos dois métodos por JOLY:

o primeiro consiste em situar os diversos tipos de imagens no esquema da comunicação; o segundo, em comparar os usos da mensagem visual com os das principais produções humanas destinadas a estabelecer uma relação entre o homem e o mundo (JOLY, 2012, p. 55).

A comunicação do quadro PDadS com os membros fazia e faz com que o esquema se comunicasse com os assembleianos. O esquema de Joly (2012) colabora com essa ideia, pois no segundo ponto procura estabelecer uma relação entre o homem e o mundo, entre as dispensações e a Assembleia de Deus.

Quando se tenta determinar a função de linguagem ou a função comunicativa da imagem é preciso distinguir a função explícita da função implícita, que pode ser muito diferente. A observação do uso da mensagem visual analisada, assim como seu papel

sociocultural, pode mostrar-se muito preciosa a esse respeito (JOLY, 2012, p. 59). A qualidade de modelo, das funções da linguagem, insiste no fato de que a função comunicativa de uma mensagem visual, explícita ou implícita, determina com força sua significação. Portanto, é imperativo levar isso em conta no caso de uma análise da imagem.

### **Considerações intermediárias**

A institucionalização do dispensacionalismo por meio do quadro moldou o imaginário de uma cultura visual pentecostal. A grande aceitação se deu principalmente pelo fato de que mesmo os menos letrados ou analfabetos poderiam acompanhar o estudo ministrado pelo pastor ou líder. Torna-se mais evidente quando vemos nos vídeos do YouTube pessoas de diversas denominações que explicam o conteúdo do quadro.

Nossa pesquisa é uma expressão específica da cultura visual pentecostal, e para complementar o estudo, no terceiro e último capítulo que segue, os encaminhamentos se darão com base na análise pré-iconográfica, iconográfica e iconológica do PDadS.

## **CAPITULO III**

### **O QUADRO “O PLANO DIVINO ATRAVÉS DOS SECULOS” COMO NARRATIVA VISUAL DA ESCATOLOGIA ASSEMBLEIANA: UMA ANÁLISE PANOFSKIANA**

Este capítulo analisará o PDadS segundo as suas qualidades e significados visuais. Para isso, investiga-se o desenho com integralidade dando ênfase aos detalhes que fazem parte da estrutura do quadro. A metodologia seguirá a leitura de Panofskiana, que tem base nos três passos propostos por Erwin Panofsky. São eles: primeiro, uma análise pré-iconográfica; segundo, um diagnóstico iconográfico e; terceiro, uma interpretação iconológica. Em seguida, apresenta-se, o método em si, e posteriormente o exercício de aplicá-lo.

#### **3.1 Erwin Panofsky e o método pré-iconográfico, iconográfico e iconológico do estudo da leitura das imagens**

Para desenvolver a análise e interpretação do PDadS, apresentamos, brevemente, o método proposto por Erwin Panofsky para o estudo de imagens, que gira ao redor de dois conceitos principais: “Os termos de iconografia e iconologia foram relançados no universo da história da arte durante as décadas de 1920 e 1930” (UNFRIED, 2014, p. 1). Unfried refere-se à obra “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença”, publicado por Erwin Panofsky em 1986, que resume a sua pesquisa referente à interpretação de imagens renascentistas desenvolvida pelo autor desde a década 20 do século XX.

Neste trabalho, Panofsky (2011, p. 50) classifica três níveis de interpretação que correspondem a três níveis de significado. O primeiro, voltado ao significado primário ou natural, é o da descrição pré-iconográfica. Esta descrição consiste na identificação de formas puras, bem como de objetos e eventos presentes na imagem. O segundo nível, voltado ao significado secundário ou convencional, é o da descrição iconográfica. Diferente do nível anterior, este consiste não somente na descrição pura e simples dos objetos retratados, mas na

ligação das composições da imagem com assuntos e conceitos. O terceiro e último nível, voltado ao significado intrínseco ou conteúdo, é denominado descrição iconológica. Esta descrição é definida pela descoberta e interpretação dos valores simbólicos presentes na imagem (UNFRIED, 2014, p. 3). Assim, torna-se necessária a análise desses três pontos no quadro PAdS.

A iconografia em si é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma (PANOFSKY, 1979, p. 47). Ele usa o exemplo do cumprimento com o chapéu para elucidar um exemplo de pré-iconográfico, da iconografia e da iconologia. Panofsky trata em um primeiro momento o que ele chama de “Tema primário ou natural” (PANOFSKY, 1979, p. 50), para tratar do pré-iconográfico. Assim ele informa:

É aprendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, como representativos de objetos naturais tais como seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressionais, como o caráter pesaroso de uma pose ou gesto, ou a atmosfera caseira e pacífica de um interior. O mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos. Uma enumeração desses motivos constituiria uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte (PANOFSKY, 1979, p. 50).

Para quem não é contextualizado com quadro PAdS ou com temas inseridos na obra, ou não é familiarizado com temas específicos do quadro como dispensacionalismo, teologia e escatologia, tem a impressão que o quadro é meramente feito de imagens aleatórias de desenhos de mundo, céu, inferno e sem um significado específico. É o que Panofsky vai chamar de análise pseudoformal (PANOFSKY, 1979, p. 64). Tudo se apresenta apenas como um quadro com figuras e desenhos.

Depois, Panofsky introduz seu segundo conceito sobre a análise de imagens, a análise iconográfica.

Assim fazendo, ligamos os motivos (composições) com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de *invenzioni*; nós costumamos dar-lhes o nome de estória e alegorias. A identificação de tais imagens, estória e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por “iconográfica” (PANOFSKY, 1979, p. 50,51).

Ou seja, procura-se identificar uma familiaridade com as imagens do quadro PDadS e com os receptores da obra. O personagem que acompanha o quadro sabe que os desenhos remetem a um estudo. Panofsky explica que é o “conhecimento de fonte literárias e familiaridades com temas específicos” (PANOFSKY, 1979, p. 65).

Os receptores do quadro PDadS, no momento iconográfico, reconhecem os mundos, desenhos, céu, inferno, dispensações, porém não identificam como algo cronológico. Entendem que se trata de elementos bíblicos, mas não com teologias dispensacionalistas e escatologia pré-tibulacionista, é uma análise de motivos e combinações de motivos (composições) (PANOFSKY, 1979, p. 51). O momento da análise iconográfica é o reconhecimento da “história dos tipos (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos)” (PANOFSKY, 1979, p. 65).

O terceiro ponto analisado por Panofsky é designado como a fase da interpretação iconológica, em que ele trata do significado intrínseco ou conteúdo:

É apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensado numa obra.[...] A descoberta e interpretação desses valores “simbólicos” (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, deferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por “iconologia” em oposição a “iconografia” (PANOFSKY, 1979, p. 52,53).

A iconologia é o momento da análise da imagem em relação à sua totalidade considerando-a em toda a sua complexidade, mas também identificando todos os seus elementos específicos. É o ponto em que o quadro é analisado em vários aspectos com suficiente familiaridade com o assunto.

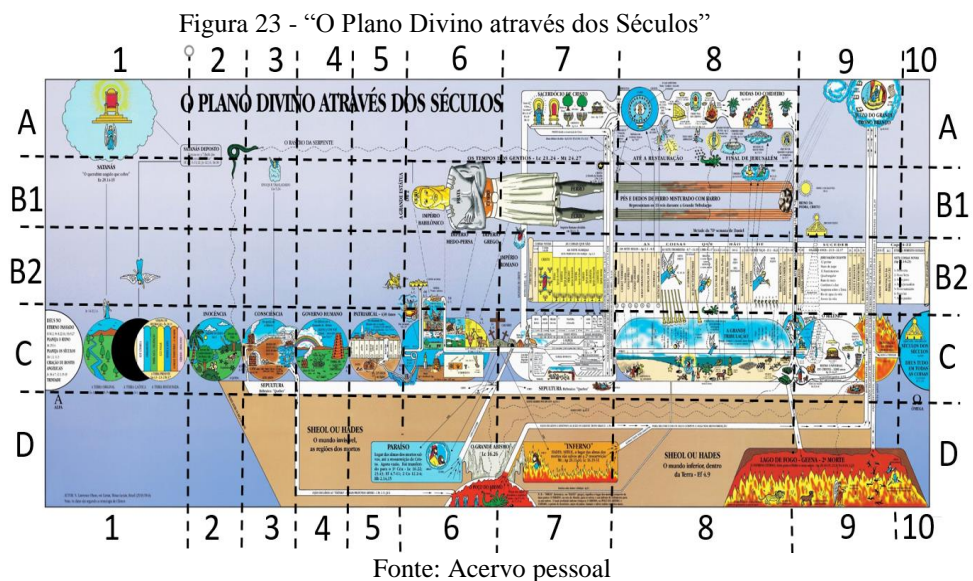
A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por motivos específicos (PANOFSKY, 1979, p. 53).

O conhecimento dentro da perspectiva Iconológica, trata, então, do total significado da obra e da sua compreensão. Em suma, um estudo completo da imagem. A interpretação iconológica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática.

Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral (PANOFSKY, 1979, p. 58). Aqui finalizamos a descrição dos três conceitos principais da análise de imagens proposta por Erwin Panofsky. Em seguida, aplicamos o método proposto em nossa análise do quadro PAdS.

### 3.2 Proposta de leitura de composição do quadro

Na sequência, apresenta-se uma proposta para a identificação de todos os elementos e motivos singulares que compõem o quadro, tanto nas partes visuais quanto nas partes textuais (Figura 23). Parece-nos adequado distinguir entre cinco campos horizontais (“A” a “D”), cujo centro é formado pelo campo “C”. Como segundo e terceiro campo de cima, já antecipando os resultados, tendo em comum representar dois livros da Bíblia, destaca-se essa semelhança pela designação “B1” e “B2”. Já em nível vertical, identificamos 10 seções distintas (“1” a “10”).



Com base no quadro da figura 23, observa-se uma forma retangular, multicolorido e que contém diversos desenhos e motivos menores e maiores, aparentemente relacionados entre si. As suas formas são as mais variadas, desde composições pequenas em círculos, até tabelas nas quais domina-se a escrita, e uma figura que se sobressai acima de todas as outras. Para as análises, tanto pré-iconográfica como iconográfica e iconológica utilizaremos o

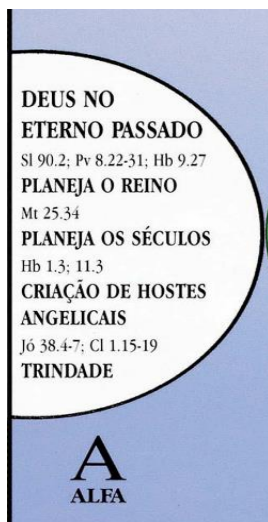
esquema acima, da seguinte forma e ordem: Todos os campos serão interpretados do lado esquerdo para o lado direito, isso é do segmento 1 até o segmento 10, enquanto eles contêm informações visuais e textuais. Começaremos com o campo C, para depois avançar aos campos B2, B1, A e D.

### 3.3 Primeiro nível: A interpretação pré-iconográfica

Identificamos o campus C como o único campo que contém imagens, tabelas ou informações textuais individuais em todos os 10 segmentos. Por causa disso, supomos tratar-se, na perspectiva visual, pela contínua concentração visual e textual, do campo chave desse quadro que serve como ponto de partida. Em seguida, como o método pré-iconográfico exige, há a descrição de todos os seus elementos.

Na seção C1 (Figura 24), não há desenhos, mas indicações de passagens de textos, títulos em maiúsculo, sob um fundo branco. São estes os títulos e as passagens: Abaixo desse círculo branco, encontra-se uma letra A e abaixo dela a palavra “alfa”. Infere-se que se trata não de uma letra latina, mas de uma letra grega.

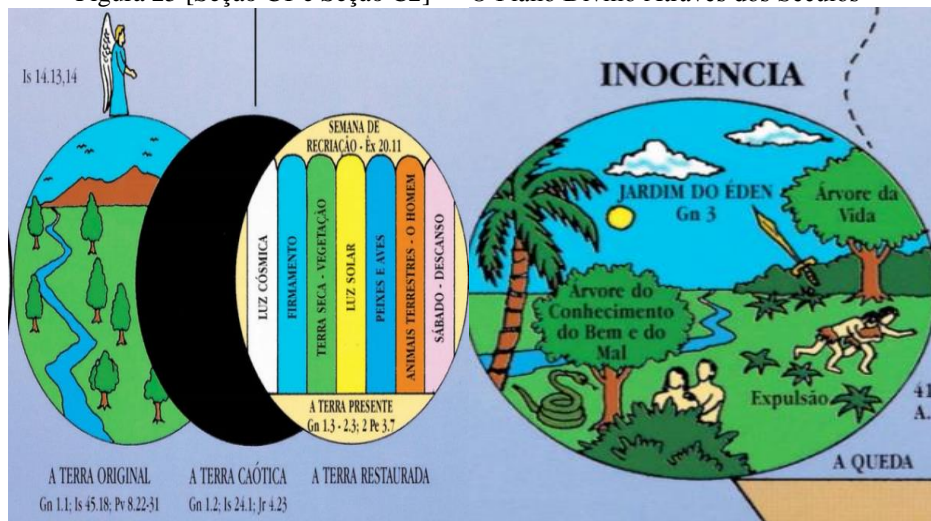
Figura 24 [Seção C1] - “O Plano Divino através dos Séculos”.



Fonte: Acervo pessoal

Ainda na seção C1 (Figura 25), encontramos três círculos com vários desenhos e textos inseridos, os dois primeiros estão parcialmente cobertos pelo círculo seguinte. O fundo desse círculo é dividido por três cores: o azul do céu, uma silhueta marrom de uma montanha e o verde do pasto. No azul há pássaros; no verde, um rio que cruza o pasto na vertical, e nas suas margens encontram-se árvores. Em cima do círculo, está uma figura humana com asas brancas e cabelo loiro que olha para o lado direito. Ao seu lado esquerdo, há uma referência de texto: Isaias 14.13,14. Embaixo desse círculo, está escrito “Terra Original”, com algumas referências de textos bíblicos.

Figura 25 [Seção C1 e Seção C2] – “O Plano Divino Através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

O segundo círculo está totalmente preto. Logo abaixo está escrito “Terra Caótica”, acompanhado por mais três referências. O terceiro círculo não contém desenhos, mas o seguinte texto logo acima, “Semana da Recriação”, e na parte de baixo, “Terra Presente”, sempre com referências a textos bíblicos. Entre eles, dividido em sete retângulos com fundos em diversas cores, lê-se: “Luz Cósmica”; “Firmamento”; “Terra Seca – Vegetação”; “Luz Solar”; “Peixes e Aves”; “Animais Terrestres”; “O Homem”; “Sábado – Descanso”. Logo abaixo do círculo está escrito “A Terra Restaurada”.

A seção C2 (Figura 25) traz um círculo com o título de “Inocência. Dentro deste círculo temos algumas árvores, duas com designações. Na coroa da árvore, ao lado direito, lemos “Árvore da Vida”, e na árvore ao lado esquerdo, “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”. O círculo contém também uma Palmeira ou um Coqueiro, uma serpente, o sol, nuvens, mato e um rio que corta toda a imagem de cima para o lado de baixo esquerdo. Um pouco deslocado aparece uma espada dourada que parece voar no ar, abaixo dela duas pessoas, provavelmente, uma mulher e um homem, vestidos, correndo para o lado direito, e abaixo do casal a palavra “expulsão”. No ponto mais inferior do círculo, há ainda um casal atrás de um arbusto. Abaixo do próprio círculo está escrito “Queda”. Entre o círculo “Inocência” e o próximo círculo “Consciência”, encontramos um novo detalhe, a data 4138 a.C.

Figura 26 [Seção C3] “O Plano Divino através dos Séculos”.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 27 [Seção C4]: “O Plano Divino através dos Séculos”

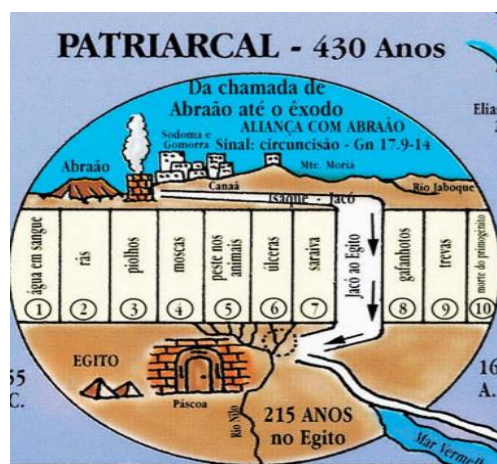


Fonte: Acervo pessoal

Na seção C3 (Figura 26), o quadro apresenta duas construções de pedras, uma acima que a fumaça sobe e outro abaixo que a fumaça desce, e ao que parece cobre uma cidade. À direita, um barco com uma casa em cima, e nuvens com chuva caindo sobre o barco com seres humanos na água, com uma saída para baixo. Na escrita, temos “Consciência”. Dentro do círculo, está escrito “Abel – Adão”, uma saída à esquerda para um lugar abaixo do círculo que chama “Sepultura”. Vários nomes aparecem nesse local. Nomes que estão escrito dentro de um túnel da “linhagem de Sete”, e abaixo, nomes que seguem a “linhagem de Caim”. Ao centro, está escrito “Filhos de Deus” e Filhas dos Homens. Abaixo tem a data 1656 anos, e entre as imagens intitulados “Consciência” e o “Governo Humano” aparece uma data de 2482 A.C

A seção C4 (Figura. 27), o quadro apresenta em destaque um arco-íris sobre uma nuvem branca sobre as montanhas marrons. Uma construção de pedra subindo fumaça, plantas e uma torre com várias aberturas. Um lugar verde com algumas plantas em detalhes, e à esquerda em azul, um rio. A figura traz os seguintes escritos: “Governo Humano”; “Do Dilúvio até a chamada de Abraão”; “Aliança com Noé”; “Sinal – “arco-íris””; “Vinha de Noé”, com referências de textos bíblicos e embaixo a “Torre de Babel Dispersão”. Há uma mostrando 427 anos.

Figura 28 [Seção C5]: “O Plano Divino através dos Séculos”



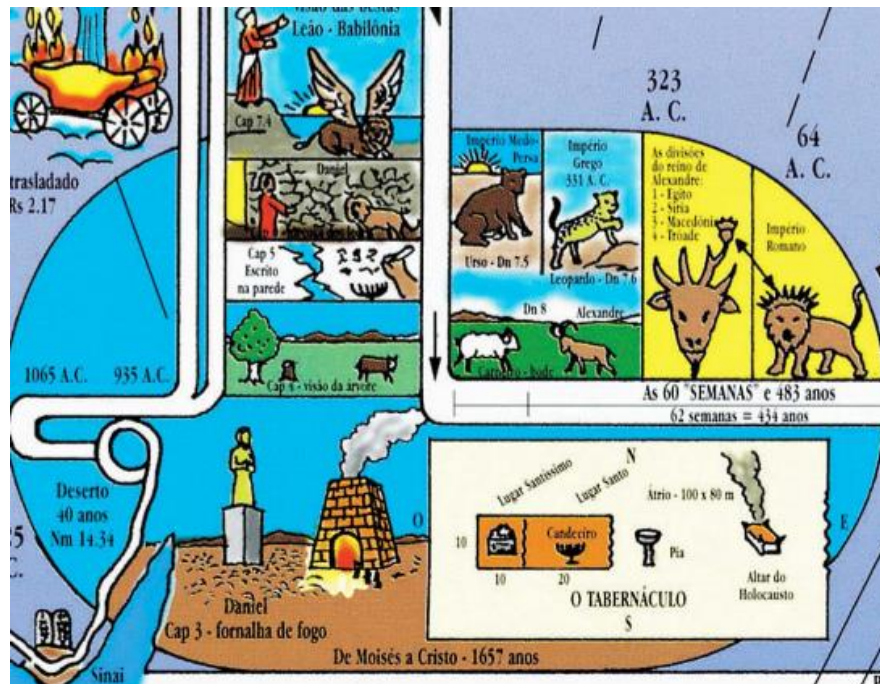
Fonte: Acervo pessoal

Na seção C5 (Figura 28), encontramos uma tenda e uma construção saindo fumaça. Algumas construções que parecem casas e prédios em cima de montanhas marrons, abaixo pirâmides, muro com uma porta e uma saída que lembra um rio. No textual, aparece acima

escrito “Patriarcal – 430 anos”. Na área azul, está escrito “Da chamada de Abraão até o êxodo”. “Aliança com Abraão”. Aparece à esquerda a palavra “Abraão; “Sodoma e Gomorra”; “Sinal”; “Circuncisão”, com referência ao texto bíblico. Ainda no meio da figura, aparecem os nomes de “Canaã”; “Isaque; “Jacó”; “Monte Moriá”; “Rio Jaboque”. No centro do círculo, um esquema de retângulos brancos de 1 a 10: “1 - água em sangue”; “2 - rãs, 3 - piolhos”; “4 - moscas”; “5 - peste nos animais”; “6 - úlceras”; “7 - saraiva”; uma pausa escrito “Jacó ao Egito” com uma seta para baixo, “8 - gafanhotos”; “9 - trevas”; e “10 - morte do primogênito. Embaixo escrito “Egito”; “Páscoa”; “Rio Nilo”; “Mar vermelho” e “215 anos de Egito”.

Na seção C6 (Figura 29), não aparece mais um círculo e sim uma área mais aberta. Como uma junção de dois círculos. A imagem descreve muitos animais. Há um urso, Leopardo, carneiro, cabrito, um animal que lembra um bode e um leão. Um animal de asas, um animal no campo. Aparece o sol em vários recortes, algumas áreas verdes, duas partes totalmente com fundo amarelo. Acima, um homem em cima de uma pedra, abaixo uma estátua com algo ao lado que parece ser uma fornalha com três sombras que lembram pessoas. Ao lado, uma parte destacada em branco, com alguns acessórios. No meio, uma mão escrevendo. À esquerda no alto e fora do esquema, um carro com rodas e um homem em pé. Esse carro está em chamas. A figura traz os seguintes escritos e datas: “721 A.C”; “606 A.C”; “536 A.C”; “323 A.C”; “64 A.C”; “C-6”; “32. A.D”. “Visão das Bestas – Babilônia”, com uma referência a um capítulo 7.4; sem referência de livro. Logo abaixo está escrito “Daniel, capítulo 5 escrito na parede”; “capítulo 4 – visão da árvore”. À esquerda duas datas, “1065 A.C” e “935 A.C”. Ainda à esquerda está escrito um pouco acima “Elias trasladado” e uma referência bíblica. À direita em cima do primeiro animal está escrito: “Império Medo-Persa”, com o nome do animal “Urso” e a referência de Daniel 7.5. Ao lado, “Império Grego” e a data de “331 A.C” e o nome do animal de “Leopardo” “carneiro” e “bode” com referência de Daniel 8 e “Alexandre”. Ao lado, na parte amarela com animal de chifre, está escrito “as divisões do reino de Alexandre” e uma sequência: “1 – Egito”; “2 – Síria”; “3 – Macedônia”; “4 – Troade”. Do lado, com o outro animal com fundo amarelo está escrito “Império Romano”. Embaixo desses animais, um local branco que dá passagem para outro esquema e está escrito as “60 semanas de Daniel” e “483 anos: 62 semanas = 434 anos”.

Figura 29 [Seção C6] - “O Plano Divino através dos Séculos”

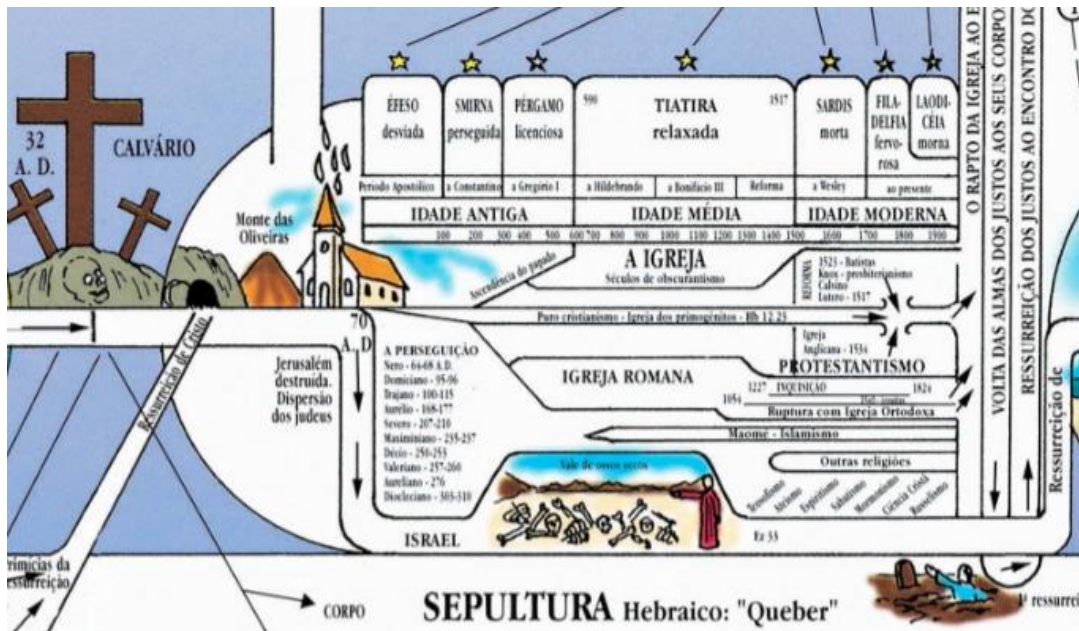


Fonte: Acervo pessoal

Ainda nesta figura, está escrito “Daniel - capítulo 3 - fornalha de fogo”. Ainda está escrito de “Moisés a Cristo – 1657 anos”; “deserto de 40 anos”, com referência bíblica de “Números 14.34”. Ao lado, está escrito “lugar santíssimo”; “lugar santo”; “átrio”; “100 x 80m”; “pia”; “altar do holocausto” e alguns números, “10”, “10” e “20”.

Na seção C7 (Figura 30), vemos poucas imagens e mais escritos. No limite da figura, ao lado esquerdo, vemos três cruzeiros sobre uma pedra, e na pedra, uma imagem com aspecto de caveira. Ao lado, uma pedra com uma abertura, um monte e uma igreja. Embaixo, temos uma personagem que aponta para a esquerda e para o chão, vários ossos. Um pouco mais abaixo, um homem saindo da terra. Em cima, temos sete estrelas sobre os textos.

Figura 30 [Seção C7] - “O Plano Divino através dos Séculos”



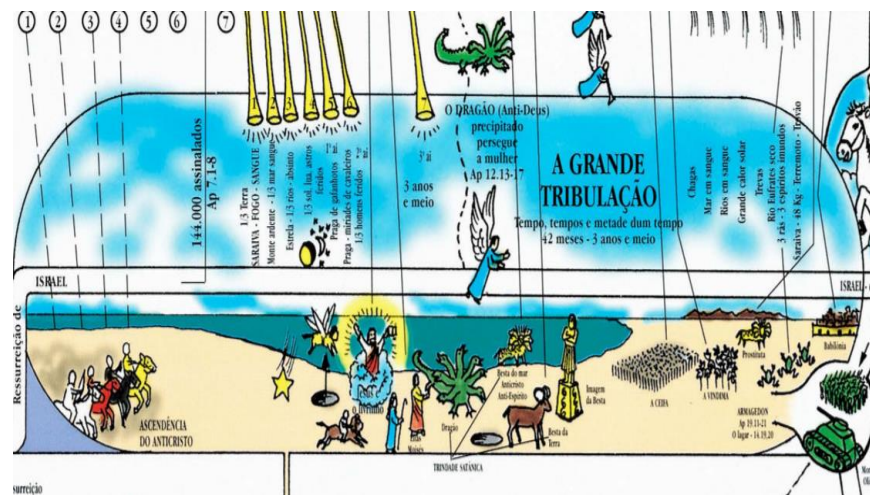
Fonte: Acervo pessoal

Em relação aos textos, observa-se à esquerda uma data de “32 A.D” e escrito “calvário”. Ao lado da pedra está escrito “Monte das Oliveiras”. Os textos estão com um esquema de divisão em pequenos retângulos brancos que está separado. O esquema está escrito: “Éfeso – Desviada”; “Período Apostólico”; “Smirna – Perseguida”, “a Constantino”; “Pérgamo – Licenciosa – a Gregório I”; “Tiatira – Relaxada” – “a Hildebrando”; “a Bonifácio III” “e Reforma”. Aqui aparece a data de “590” e “1517”. Continuando, “Sardis” – “Morta” – “a Wesley”; “Filadélfia – Fervorosa” – “ao presente e Laodiceia – Morna”. Embaixo, temos escrito “Idade Antiga”; “Idade Média” e “Idade Moderna”. Logo abaixo dessas inscrições, temos datas que vão do ano “100” até “1900”. Embaixo das datas, escrito e maiúsculo “A Igreja – Séculos de obscurantismo”. Uma linha à esquerda escrito “Ascendência do Papado” e direita “Reforma 1523” – “Batistas; Knox” – “Presbiterianismo”; “Calvino e Lutero – 1517”. Há uma ruptura nessa linha onde está escrito “puro cristianismo” – “Igreja dos primogênitos”; – com referência a Hebreus 12.23. À esquerda, está escrito “A Perseguição”; que vai de “Nero até Diocleciano”; com data de “64 A.D., até 310 A.D”. Embaixo da imagem da Igreja, está escrito “70 A.D”, com setas para baixo. Ao lado está escrito “Jerusalém destruída”; “Dispersão dos judeus”. Perto da ruptura das linhas, está escrito “Igreja Anglicana – 1534 – Protestantismo”. Ao lado “Igreja Romano – 1227 – Inquisição – 1824 – 1540 – Jesuítas”.

Abaixo, “Ruptura com Igreja Ortodoxa”; “Maomé – Islamismo”. Mais abaixo, está escrito: Outras religiões; “Teosofismo”; “Ateísmo”; “Espiritismo”; “Sabatismo”; “Mormonismo”; “Ciência Cristã”; “Russelismo. Na parte mais baixa está escrito “Sepultura – Hebraico: “Queber”. Ao lado, escrito “1° ressurreição”.

Na seção C8 (Figura 31), a figura do quadro se descreve começando por quatro animais, que parecem ser homens montados neles. Cada um tem uma cor específica, branco, vermelho, preto e amarelo. Duas cores predominam ao fundo, acima azul e abaixo marrom claro. Há um sol com estrelas e também uma lua. Um ser ao centro com asas voando em cima de uma seta e um buraco preto. Ao lado esquerdo, uma estrela; ao lado direito, um homem envolto por uma nuvem azul, com luz brilhante e segurando algo na mão esquerda. Embaixo, um outro animal com algum personagem em cima.

Figura 31 [Seção C8] - “O Plano Divino através dos Séculos”



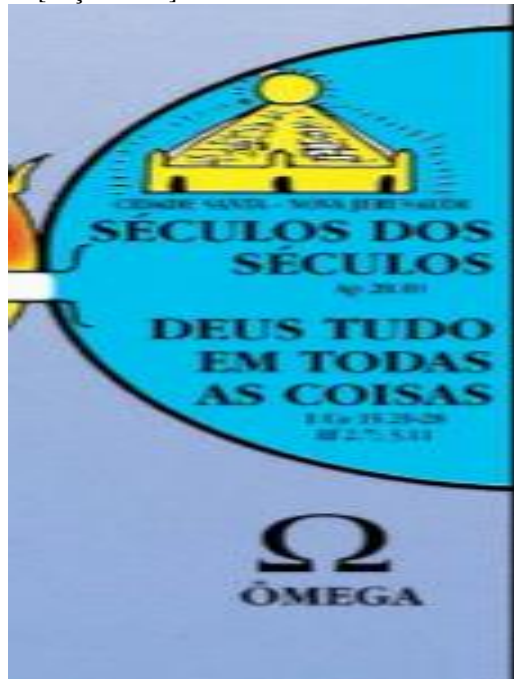
Fonte: Acervo pessoal

Ao lado, mais dois personagens segurando alguma coisa do lado de uma criatura com sete cabeças totalmente verde. Nesta parte, mais duas criaturas aparecem, uma com seis cabeças e outra com cifer. Uma estátua dourada. Ao lado, alguns riscos, plantas, mais uma criatura dourada, três imagens que parecem ser rãs, uma cidade com muro dourado, um tanque de guerra, e ao lado do tanque, algo que parece ser soldado. Na parte escrita da figura, está escrito “Israel”, e mais abaixo, “Ascendência do Anticristo”. Acima, “144.000 assinalados”, com uma referência bíblica de Ap. 7-18. Analisando ainda embaixo, temos uma referência a “Jesus e o livrinho”; “Moisés”; “Elias”; “Dragão”; “besta do mar”; “anticristo”; “anti-espírito”; “besta da terra”; com uma linha que junta as três e chega em uma palavra “Trindade Satânica”. Mais ao lado, “Imagem da besta”; “a ceifa”; “a vindima”; “prostituta”;



dourado. Ao lado, uma cidade pequena dourada, com um personagem de asas abaixo. Mais à direita, uma nuvem azul, com uma parte dourada que desce e encontra uns rabiscos. Ao lado direito do círculo, um outro círculo que está em chamas. Mais abaixo, um personagem que sai de um buraco e está todo marrom. Nos escritos da figura, em cima e em destaque está escrito: “Milênio”. Ao lado esquerdo está escrito “Israel – cabeça das nações”. Abaixo, duas referências bíblicas, Ez. 40.48 e Dt. 28.13. Acima, está escrito “Grande Mar”; “Cristo e Santa oblação”. Mais ao centro, de cima para baixo, as “12 de tribos de Israel com a observação de Porção do príncipe”. Ao centro está escrito “A Glória”; “Templo Milenal”; com referência de Ez. 43.44. Em tamanho de letra alta, está escrito “Reino Universal de Cristo – 1000 Anos”; com referência ao livro de Ap. 21.24,25. Embaixo, “Nações Ovelhas, (gentílicas) – Zc. 8.23, da 2º vinda à revolta de Satanás”. “Juízo das Nações – Mt. 25.31-46”. Mais à esquerda, está escrito, “Jerusalém, Gogue e Magogue – Ap. 20.7-9 e 2º Ressureição”. Saindo do círculo, três linhas que estão escritos em alta, “Homens Ímpios ao Juízo do Grande Trono Branco – Jo. 5.28,29”. “Anjos Caídos do “Tártarus” ao Juízo do Grande Trono Branco – Jd. 6; 2 Pe. 2.4”. “Homens Ímpios ao Eterno Inferno e os Salvos do Milênio à Eternidade – Jo. 5. 28, 29”. Uma seta da esquerda para a direita que está escrito “Salvos à Eternidade”. Em cima, em destaque “Renovação da Terra por Fogo e abaixo”, uma referência de 2 Pe 3.5 -15.

Figura 33 [Seção C/10] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Figura 34 [Seção B2/1] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção C/10 (Figura 33), a figura descreve uma imagem que lembra uma cidade e é dourada com vários riscos em volta. O semicírculo é todo azul e tem uma abertura para o círculo anterior do fogo. Neste, está escrito “Séculos dos Séculos – Ap. 20.10”; “Deus tudo em todas as Coisas”. Fora do círculo e abaixo tem a letra “Ômega” do grego em alta e negrito. Identificamos o campus B2 como a segunda parte a ser analisada. Esse campo contém muitas informações. Da mesma forma que a seção anterior, continuaremos a descrever o quadro.

Na seção B2/1 (Figura 34), o fundo está azul e há uma figura humana de azul e de asas de cabeça para baixo com a mão direita levantada seguindo uma linha na vertical.

Na seção B2/5 (Figura 35), encontramos uma criatura de asas com o rosto de ser humano todo dourado. Ao lado, está escrito “Nínive”.

Na seção B2/6 (Figura 36), encontramos uma cidade dourada que tem próxima escritos “Cativeiro da Assíria”; “Babilônia – 70 anos de Cativeiro”. Duas datas estão abaixo da cidade, 721 A.C e 606 A. C.

Na seção B2/7 (Figura 37), encontramos uma figura de um ser humano com a mão direita mais levantada com alguns pontos pretos. O ser humano está de azul e vermelho. Há também 14 candelabros. Acima, existe um ser humano de azul e vermelho, envolto em uma nuvem azul. Do lado esquerdo, e como uma forma de um pergaminho rosa enrolando, está escrito “Livro do Apocalipse”, e embaixo “Título e saudação”.

Figura 35 [Seção B2/5] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

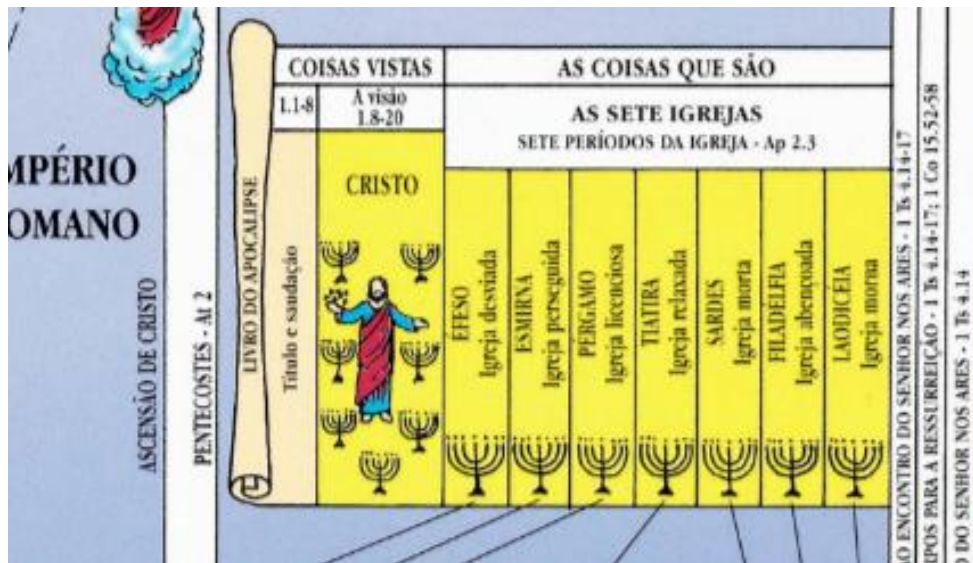
Figura 36 [Seção B2/6] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Dividido em nove retângulos, um sendo cor rosa e os outros com fundos em cores amarelas, lê-se: “Título e saudação”; “Cristo; “Éfeso – Igreja Desviada” – “Esmirna – Igreja Perseguida”; “Pérgamo” – Igreja Licenciosa; “Tiatira – Igreja Relaxada”; “Sardes – Igreja Morta”; “Filadélfia – Igreja Abençoada” e “Laodicéia – Igreja Morna”. Acima, em cores brancas, os retângulos e um quadrado está escrito: “Coisas Vistas”, As Coisas que São”; “A visão”; As setes Igrejas – sete Períodos da Igreja”, com uma referência bíblica do Apocalipse 2.3.

Figura 37 [Seção B2/7] - “O Plano Divino através dos Séculos”

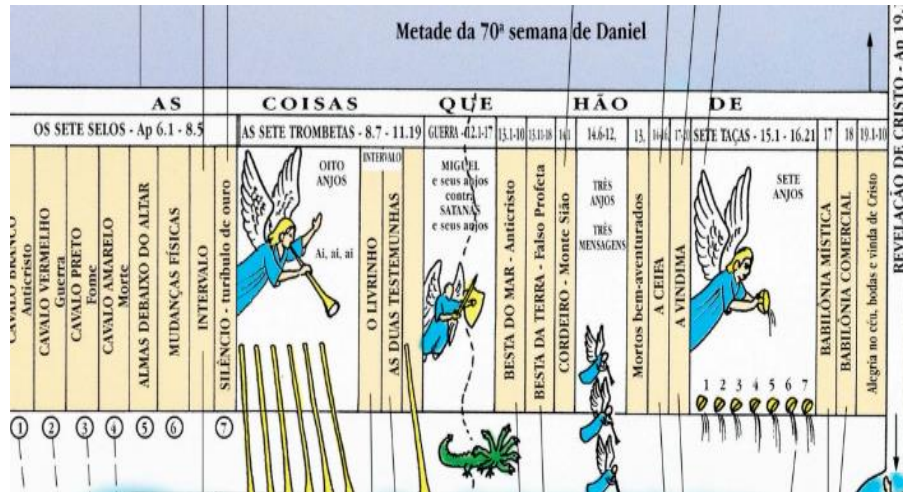


Fonte: Acervo pessoal

Na seção B2/8 (Figura 38), encontramos seres com asas, sendo que o primeiro tem asas, cabelo loiro, está vestido de azul, com a mão esquerda levantada e tocando uma trombeta dourada. Mais à frente, temos um outro ser, de asas com uma espada e escudo dourado. Entram mais três seres com asas e vestido de azul e um outro ser com roupa azul, de asas, cabelo loiro e virando algo dourado para baixo. Encontramos sete trombetas e sete cumbucas douradas. No meio da figura, temos uma criatura verde de seis cabeças, com rabo e duas patas. Encontramos vários escritos divididos em vários retângulos, que estão em cores brancas e bege. Na primeira parte está escrito: “Cavalo Branco – Anticristo”; “Cavalo Vermelho – Guerra”; “Cavalo Preto – Fome”; “Cavalo Amarelo – Morte”; “Almas debaixo do Altar”; “Mudanças Físicas”; “Intervalo”; “Silêncio – Turíbulo de ouro”. Acima está escrito “As coisas que hão de Suceder”; “Os sete selos”; “As sete trombetas”, “Guerra”; “Sete taças”. Todos com referências bíblicas. Ainda nos retângulos, está escrito: “Oito anjos”; “O

livrinho”; “As duas testemunhas”; “Intervalo”; “Miguel e seus anjos contra Satanás e seus anjos”; “Besta do Mar – Anticristo”; “Besta da Terra – Falso Profeta”; “Cordeiro – Monte Sião”; “Três anjos”; “Três mensagens”; “Mortos bem-aventurados”; “A ceia”; “A Vindima”; “Sete anjos”; “Babilônia Mística”; “Babilônia Comercial”; “Alegria no céu”, bodas e vinda de Cristo”.

Figura 38 [Seção B2/8] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção B2/9 (Figura 39), não encontramos imagem, apenas escritos. Em formas de retângulos brancos e beges, está escrito: “Armagedon”; “Satanás Amarrado”; “Satanás Solto”; “Gogue e Magogue”; “Satanás Destruído”; “Ressurreição dos Iníquos”; “Grande Trono Branco”; “Renovação do Céu”. Acima em destaque “Suceder”; “Os 1000 anos”. Abaixo, “Jerusalém Celeste”; “12 portas”; “Muro de jaspé”; “12 fundamentos”; “Quadrangular”; “Ruas de ouro”; Cordeiro é a luz”; “Suspensa sobre a terra”; “Rio de água da vida”; “Árvore da vida”. Entre algumas linhas, ao centro, “Escada de Jacó”. Nesta figura temos várias referências bíblicas. Na sétima figura (Figura 40 - B2/10), não temos imagem e encontramos escritos em retângulos brancos, beges e a última parte como um pergaminho enrolando: “Grande Trono Branco”; “Renovação da Terra e do Céu”. Acima, “Cap. 4-22”; “Eterno Perfeito Estado”; “Sete Coisas Novas”; “1 – Novo céu”, “2 – Nova Terra”, “3 – Novo povo”; “4 – Nova Jerusalém”; “5 – Novo Santuário”; “6 – Nova luz”; “7 – Novo Paraíso”. “Fim do Apocalipse”.

Figura 39 [Seção B2/9] - “O Plano Divino através dos Séculos”

REVELAÇÃO DE CRIS		SUCEDER			
19	20	OS 1000 ANOS - 21.9 - 22.17		20	20
17-20	33	<b>JERUSALÉM CELESTE</b> 12 portas Muro de jaspe 12 fundamentos Quadrangular Ruas de ouro Cordeiro é a luz Suspensa sobre a Terra Rio de água da vida Árvore da vida		74	89
ARMAGEDON SATANÁS AMARRADO				SATANÁS SOLTO GOGUE E MAGOGUE SATANÁS DESTRUÍDO	
		Escad de Jacó		RESSURREIÇÃO DOS INIQUOS JO BRANCO - Jo 5.28-29 JO BRANCO - Jd 6; 2 Pe 2.4 NO INFERNO E OS SALVOS DO MILÊNIO	

Fonte: Acervo pessoal

Figura 40 [Seção B2/10] - “O Plano Divino através dos Séculos”

NO INFERNO E OS SALVOS DO MILÊNIO		Caps 4-22	
20.11-19	20.11	ETERNO PERFEITO ESTADO	
GRANDE TRONO BRANCO RENOVAÇÃO DA TERRA E DO CÉU		<b>SETE COISAS NOVAS</b> (Ap 21.1-8,23)	
		1- Novo céu 2- Nova Terra 3- Novo povo 4- Nova Jerusalém 5- Novo santuário 6- Nova luz 7- Novo paraíso	
		FIM DO APOCALIPSE	

Fonte: Acervo pessoal

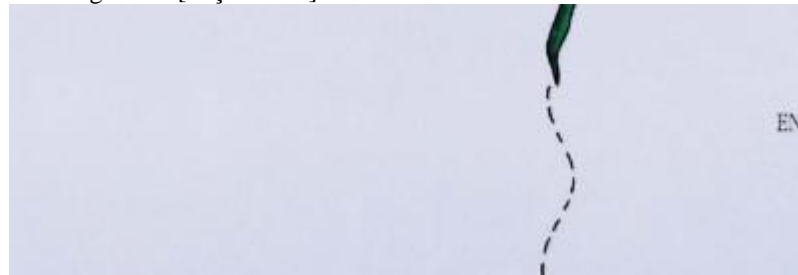
Na seção B1, colocamos como sendo a próxima sequência a ser analisada. A seção B1/1 (Figura 41) não traz imagens e somente escrito “Satanás – O querubim ungido que cobre”, com referência bíblica de Ez. 28. 14-19.

Figura 41 [Seção B1/1] - “O Plano Divino através dos Séculos”

<b>SATANÁS</b> "O querubim ungido que cobre" Ez 28.14-19
--

Fonte: Acervo pessoal

Figura 42 [Seção B1/2] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

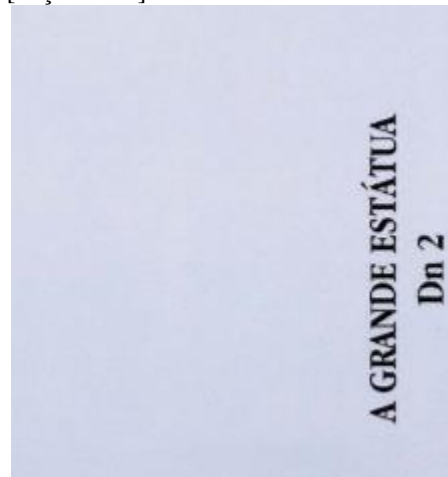
Na seção B1/3 (Figura 43), temos um ser humano, de azul e dourado, com os braços levantados, envolto em uma nuvem azul. Está escrito embaixo da nuvem: “Enoque Traslado – Gn 5.24” e uma linha reta abaixo.

Figura 43 [Seção B1/3] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Figura 44 [Seção B1/5] - “O Plano Divino através dos Séculos”



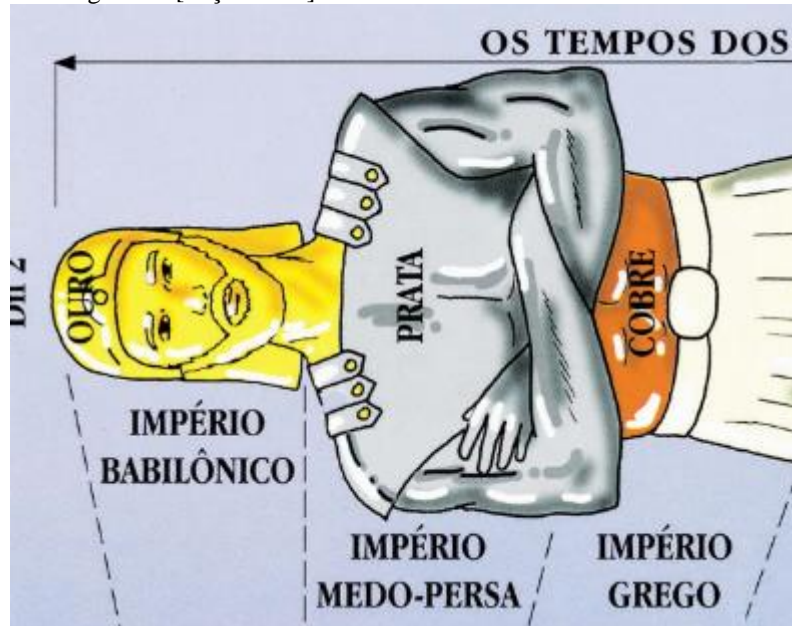
Fonte: Acervo pessoal

Na seção B1/5 (Figura 44), temos escrito: “A Grande Estátua – Dn. 2”.

Na seção B1/6 (Figura 45), encontramos a cabeça de um ser humano com barba e algo sobre a cabeça. Ela é totalmente dourada. Encontramos também esse ser humano de braços

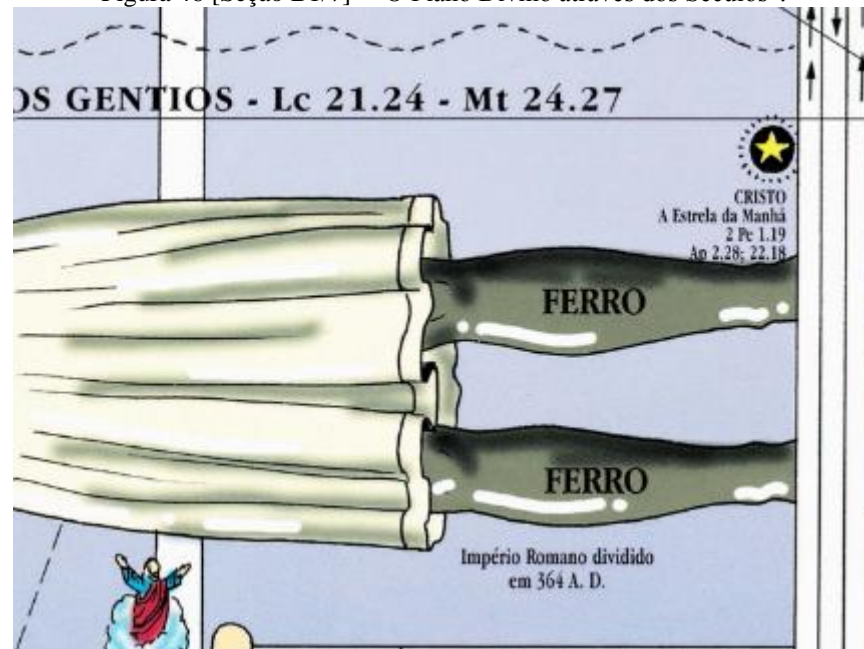
cruzados, os braços e o peitoral são totalmente prata. Essa figura também tem um cinto marrom. Nesta figura, está escrito: “Ouro”; “Império Babilônico”; “Prata”; “Império Persa”; “Cobre”; “Império Grego”.

Figura 45 [Seção B1/6] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Figura 46 [Seção B1/7] - “O Plano Divino através dos Séculos”.



Fonte: Acervo pessoal

Na seção B1/7 (Figura 46), encontramos a imagem de saia ou um vestido branco com duas pernas pratas. Acima, uma estrela dourada coberta por preto. Encontramos escritos em

cima: “Os tempos dos Gentios – Lc. 21.24 – Mt. 24.27”. Nas pernas, está escrito: “Ferro” e logo abaixo “Império Romano Dividido em 364 A.D”. Em cima, “Cristo – A Estrela da Manhã”, com referências bíblicas.

Na seção B1/8 (Figura 47), encontramos duas figuras retangulares que misturam as cores cinza e marrom. Esses retângulos contêm seis riscos. Há várias linhas que cruzam essa figura e também algumas setas. Em cima, dois personagens, um dourado e outro verde, ambos com asas e envoltos em uma nuvem. Os dois seguram uma foice na mão. No final da figura, uma pedra cinza e preta, seguida de várias linhas. Encontramos os seguintes escritos nessa imagem: “Visão do Trono – Cap. 4,5”; “Pés e Dedos Misturado com Barro – Representam os 10 Reis durante a Grande Tribulação”; “Metade da 70ª semana de Daniel”; “Cristo”; “Ceifeiros; “Anjo”. As imagens trazem referências bíblicas.

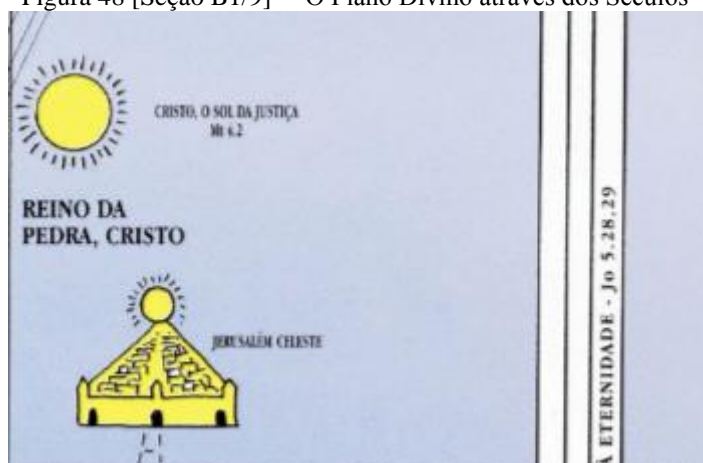
Figura 47 [Seção B1/8] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção B1/9 (Figura 48), encontramos um sol e uma cidade dourada com três portas pretas. Na porta do meio, saem alguns riscos. Encontramos também os seguintes escritos: “Cristo, o Sol da Justiça”; “Reino da Pedra, Cristo” e “Jerusalém Celeste”.

Figura 48 [Seção B1/9] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Figura 49 [Seção A/1] - “O Plano Divino através dos



Fonte: Acervo pessoal

Na seção A, encontramos detalhes em figuras e escritos que agora iremos analisar. Na seção A/1 (Figura 49), encontramos uma nuvem azul. Dentro dessa nuvem, um trono vermelho e dourado em cima de três degraus dourados. Existe uma reta da nuvem mais à direita.

Na seção A/2 (Figura 50), encontramos uma cobra verde, com linhas pontilhadas na frente e atrás. A figura tem o escrito: “Satanás Deposto”; “Tornou-se o chefe das potestades do ar”.

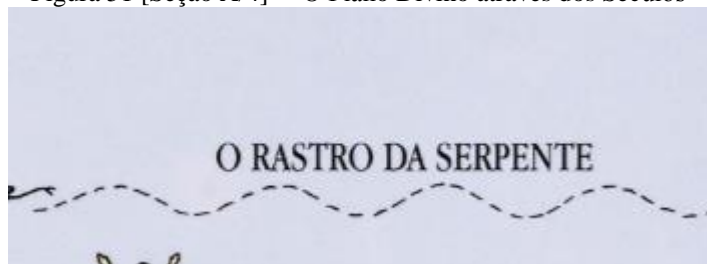
Figura 50 [Seção A/2] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção A4 (Figura 51), está escrito “O rastro da serpente”.

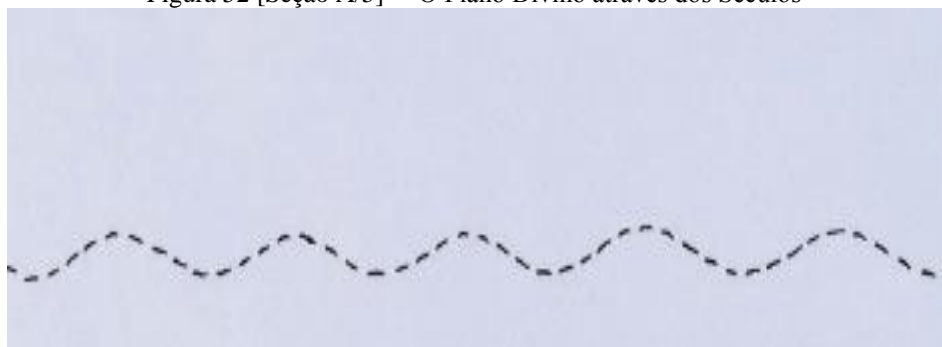
Figura 51 [Seção A/4] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção A5 (Figura 52), encontramos uma linha pontilhada.

Figura 52 [Seção A/5] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção A/7 (Figura 53), encontramos duas cadeiras douradas, uma está com um ser de azul e com uma coroa dourada sentado. Esse primeiro está envolto com alguns riscos. O segundo está com fundo vermelho e está vazio. Vemos duas árvores, dois candelabros dourados e uma caixa marrom e dourada com dois personagens encontrando as mãos.

Existem dois retângulos, um à esquerda e o outra à direita com setas para cima e para baixo. A figura traz o escrito “Sacerdócio de Cristo”; “Trono de Cristo”; “Sacerdote”; “Trono de Deus”; “Oliveiras”; “Candeeiros”; “Arca”; “Descida de Cristo”; “Paraíso desde a ressurreição de Cristo”; “Almas debaixo do altar”; com várias referências de textos bíblicos.

Figura 53 [Seção A/7] - “O Plano Divino através dos Séculos”

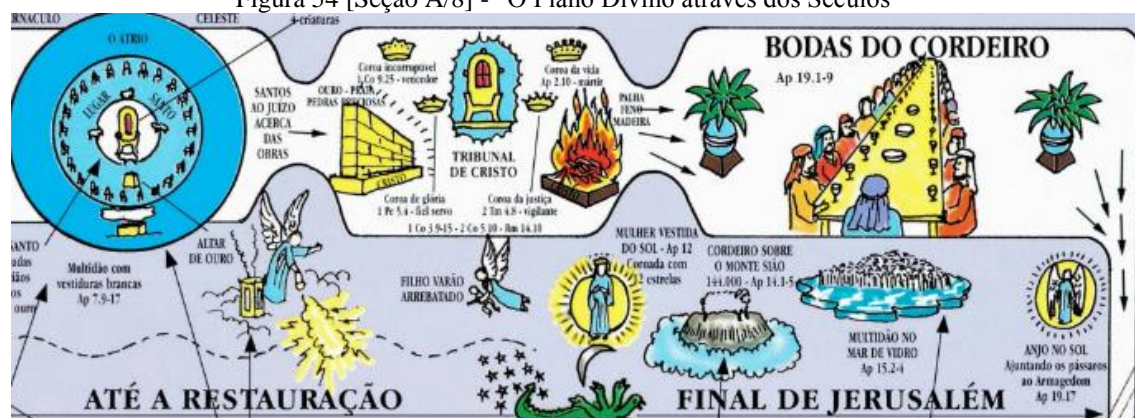


Fonte: Acervo pessoal

Na seção A/8 (Figura 54), encontramos um círculo azul com duas divisões e setas retas apontando. Dentro do círculo, um pequeno quadrado dourado, uma cadeira dourada com vermelho e um círculo branco e 24 pequenas cadeiras rodeando a maior. Encontramos também um personagem de azul com asas, em cima de uma caixa dourada e com sua mão direita soltando algo dourado com riscos. Um muro dourado, quatro coroas douradas, uma cadeira dourada ao centro envolto de um azul. Um pedaço de madeira com fogo, setas, dois vasos com plantas verdes e uma mesa dourada com alguns seres humanos vestidos de diversas cores. Um personagem com asas de azul segurando algo, uma nuvem azul com algo cinza em cima. E mais à direita, um azul mais brilhante com alguns riscos em cima, um personagem de azul com asas dentro de um círculo dourado e uma criatura verde de sete cabeças e uma cauda com 12 estrelas atrás.

A figura apresenta os seguintes escritos: “Tabernáculo”; “Igreja com Deus”, “Lugar Santo – 7 lâmpadas, 24 anciãos, tronos e altar de ouro”; “Multidão com vestiduras brancas”; “Átrio”; “Lugar Santo”; “Altar de ouro”; “Celeste”; “Lugar Santíssimo – Trono, Cordeiro, Arco-íris – 4 criaturas”; “Santos ao Juízo acerca das Obras”; “Ouro – Prata – Pedras Preciosas”; “Coroa incorruptível – Vencedor”; “Tribunal de Cristo”; “Coroa de Glória”; “Fiel Servo”; “Coroa de Justiça”; “Coroadada vida”; “Palha, Feno, Madeira”; Filho Varão Arrebatado”; “Mulher Vestida de Sol – Coroa com 12 estrelas”; “Cordeiro sobre o Monte Sião – 144.000”; “Bodas do Cordeiro”; “Multidão no Mar de Vidro”; “Anjo no Sol – Ajuntando os Pássaros ao Armagedon”; “Até a Restauração – Final de Jerusalém”. Existem muitas referências bíblicas.

Figura 54 [Seção A/8] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção A/9 (Figura 55), encontramos duas nuvens, uma menor e outra maior, ambas azuis. Na maior, existem três livros e uma folha escrita. Um personagem sentado em uma cadeira com fundo dourado e vermelho e um personagem ajoelhado à esquerda. Da nuvem maior, há três retângulos verticais com setas para baixo e para cima. Nesta figura, está escrito: “Livros abertos”; “Juízo do Grande Trono Branco”; “Livro da Vida” e uma referência bíblica.

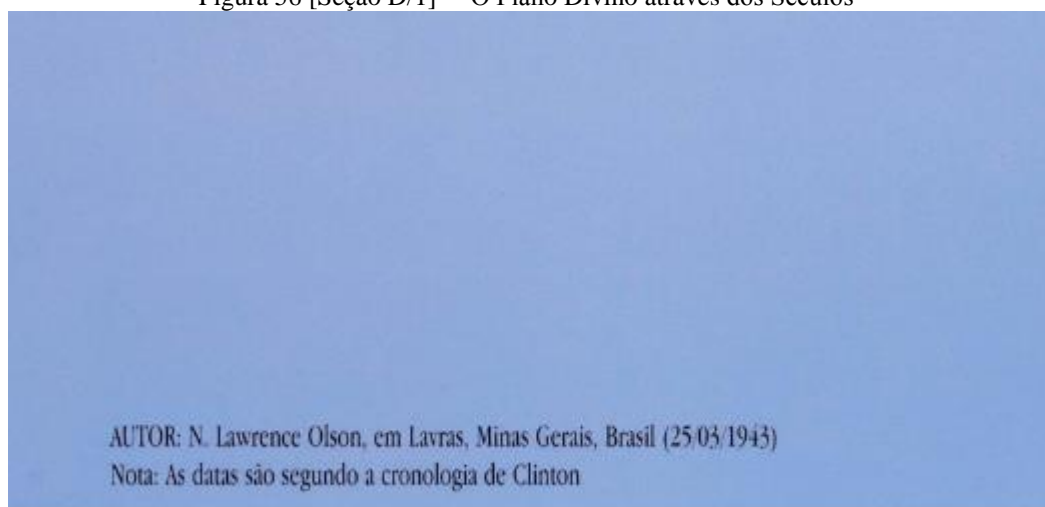
Figura 55 [Seção A/9] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção D, chegamos à última parte da análise pré-iconográfica. Na seção D/1 (Figura 56), encontramos os escritos: “Autor: N. Lawrence Olson, em Lavras, Minas Gerais, Brasil (25/03/1943) – Nota: As datas são segundo a cronologia de Clinton”.

Figura 56 [Seção D/1] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

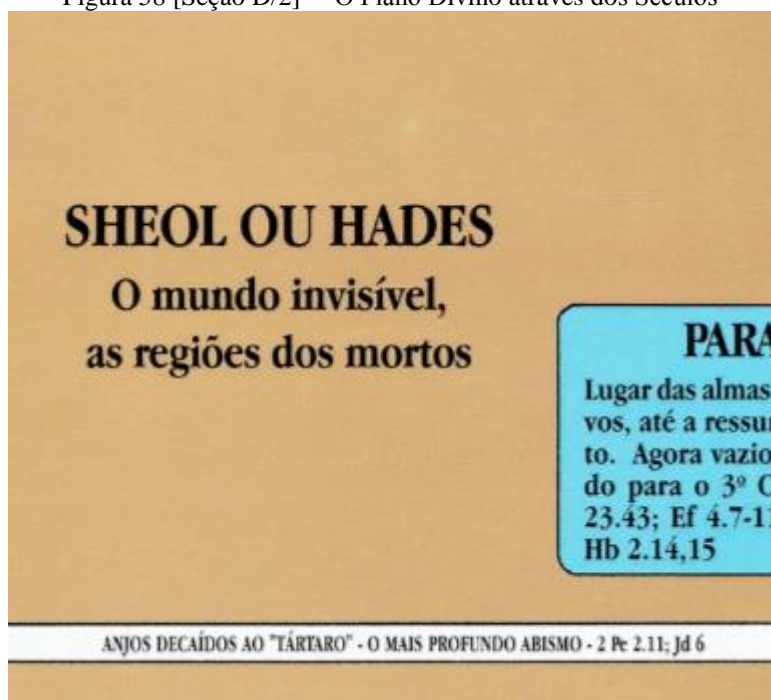
Na seção D/2 (Figura 57), encontramos escrito “A morte entra na Raça Humana”.

Figura 57 [Seção D/2] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Figura 58 [Seção D/2] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção D/2 e D/5 (Figura 58), temos que analisar, pois os escritos estão divididos. Temos escritos nessas figuras: “Sheol ou Hades – O mundo invisível, as regiões dos mortos”; “Anjos Caídos ao Tártaro – O mais Profundo Abismo”, com referências bíblicas.

Na seção D/5 e D/6 (Figura 59), encontramos uma retângulo totalmente azul com dois seres humanos de barba olhando para a direita. Um retângulo cinza e um círculo vermelho com três personagens azuis e de asas com uma criatura verde de sete cabeças e uma cauda. Nesta figura, está escrito: “Paraíso”; “Lugar das Almas dos mortos salvos, até a ressurreição de Cristo. Agora vazio. Foi transferido para o 3º céu”. Com várias referências bíblicas. “Abraão”; “Lázaro”. “O Grande Abismo”; “O Poço do Abismo”; “Satanás”; “Prisão dos anjos decaídos e espíritos maus”; com referências bíblicas.

Figura 59 [Seção D/5 e D/6] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção D/7 (Figura 60), encontramos um retângulo marrom, com um ser humano de azul com algo na cabeça e olhando para a esquerda. Dentro desse retângulo existe fogo. Um retângulo mais comprido sai de dentro do maior. Essa figura traz os seguintes escritos: “Inferno”; “o Rico”; “Alma”; “Hades, Sheol, o lugar das almas dos mortos não salvos até a 2º ressurreição”, com referências bíblicas. “Demônios soltos durante a tribulação”; “N.B. – Sheol (Hebraico), ou Hades (Grego), significa o lugar dos mortos, composto de duas partes: O Paraíso, ou seio de Abraão; para os salvos, e um inferno de sofrimento para os não salvos. O mais profundo inferno chama-se O Abismo, ou Poço do Abismo, e Tártaro, a prisão de demônios, anjos decaídos, Satanás e talvez outros espíritos maus”. “Anjos decaídos e demônios ao Juízo do Grande Trono Branco”, com várias referências bíblicas.

Figura 60 [Seção D/7] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Na seção D/8, (Figura 61), encontramos escrito: “Sheol ou Hades – O mundo inferior, dentro da Terra – Ef. 4.9”. “Para reunir com seus corpos à segunda Ressurreição”.

Figura 61 [Seção D/8] - “O Plano Divino através dos Séculos”



Fonte: Acervo pessoal

Para análise da próxima figura, precisamos fazer a junção das seções D/8, D/9, D/10 (Figura 61), pois a mesma é uma só. Tem um quase retângulo de cores vermelha e amarela. Encontramos uma criatura amarela de sete cabeças, uma criatura marrom de chifres, um ser de asas brancas e roupa laranja com as mãos e o corpo para a direita. Setas para a direita e setas para baixo. Encontramos também dez seres humanos escuros em várias posições, e dois

seres de azul com asas brancas, um para a direita e outro para a esquerda. A figura apresenta os seguintes escritos: “N.B – O Anticristo e o Falso Profeta serão os primeiros a entrar aqui”. “Lago de Fogo – Geena – 2º Morte”; “O Inferno Eterno, feito para o Diabo e seus anjos”; com referências bíblicas. “A Besta - Anticristo”; “Falso Profeta – Anti-Espírito”; “Satanás – Anti-Deus”; “Anjos Caídos”; “Todos os que não foram inscritos no Livro da Vida”.

Com essa descrição, finalizamos a apresentação de motivos, elementos visuais e símbolos, de passagens menores, frases ou palavras, que compõem, primeiro, cada um dos cinco campos (C, B2, B1, A e D), e assim, o quadro em sua totalidade. Em seguida, iremos apresentar a interpretação iconográfica do PDadS.

### **3.4 Segundo nível: A interpretação iconográfica**

Neste segundo nível de análise, a descrição iconográfica, voltada àquilo que Panofsky designa como significado secundário ou convencional, relacionamos motivos singulares, seus agrupamentos até a composição do quadro como tudo para identificar assuntos e conceitos. “A identificação de tais imagens, estória e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por “iconográfica” (PANOFSKY, 1979, p. 50,51). Entre outros, Panofsky entende também que a iconografia articula “conhecimento de fontes literárias e familiaridades com temas específicos” (PANOFSKY, 1979, p. 65). Nós acrescentamos: faz parte também desse conhecimento o conhecimento de fontes visuais e familiaridades com motivos e composições específicas. Assim, percebe-se de imediato, comparando o PDadS com alguns dos esquemas escatológicos apresentados no segundo capítulo, que o PDadS absolve elementos de diversas obras visuais que o antecedem. Pela “análise formal” como uma análise de motivos e das suas combinações, ou seja, composições (PANOFSKY, 1979, p. 51) do PDadS, reconhecemos também a “história dos tipos” e o desenvolvimento de ideias (PANOFSKY, 1979, p. 65).

Nessa fase de análise, olha-se não somente para cada motivo de forma individual, mas para o conjunto de motivos e a formação de unidades maiores. Estas unidades maiores que compõem o quadro como um todo são os dos cinco campos (C, B2, B1, A e D).

### **3.5 O campo C ou o conjunto de motivos que compõem o primeiro eixo da narrativa dispensacionalista**

O quadro utiliza de alguns textos bíblicos para nos informar sobre um planejamento e possível criação de seres angelicais antes da criação da Terra. Na Seção C1 (Figura 25), a

letra Alfa do alfabeto grego aparece como forma de entendimento de ser o princípio. Todos os textos bíblicos que aparecem nesta figura trazem a ideia de criação do universo, seres angelicais e mesmo da autoridade da Trindade.

Esse campus começa com essa estrutura para autenticar a ideia do PAdS. Continuando no segundo recorte da seção C1 (Figura 25), retrata-se a terra em que aparece a natureza sem se referir ao ser humano. Ela é seguida por um círculo de cor preta, para depois apresentar um círculo que retoma o motivo do primeiro dia da criação, segundo o livro de Gênesis. Vemos referências na figura de três terras com explicação dos textos bíblicos. A sequência visual de “criação – caos – criação” reproduz a chamada teoria da Lacuna. Segundo essa teoria, entende-se que entre os versículos de Genesis 1.1 e 1.2, passaram-se milhares de anos.

A teoria da lacuna foi proposta inicialmente por C. H. Pember, em 1876, na obra *As Idades mais Remotas da Terra e a Conexão delas com o Espiritualismo Moderno e a Teosofia*. Segundo ela, abre-se entre o versículo 1 e 2 do primeiro capítulo de Gênesis uma lacuna temporal durante a qual existia uma raça pré-adâmica que possibilitava imaginar a convivência do ser humano pré-histórico com os dinossauros. Essa ideia, formulada em 1876, foi posteriormente popularizada pela Bíblia de Referência de C. I. Scofield (1917). A ideia foi absorvida pelo pentecostal assembleiano Finis Jennings Dake e sua Bíblia de Estudos Anotada (*Dake's Annotated Reference Bible*) e, finalmente, divulgada no Brasil por Lawrence Olson em sua obra “Plano Divino Através dos Séculos”.<sup>22</sup> Nesse livro, Olson se refere à “Terra Caótica” da seguinte forma:

A descrição de Genesis 1.2, “a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo...”, significa que sobre a face da terra havia só água. Luz, calor, etc., não havia. Por quanto tempo durou essa condição não sabemos, mas presumivelmente podemos colocar neste espaço de tempo todas as eras geológicas que a geologia moderna ensina, e dizer que tudo isso existia antes dos “dias” de reconstrução da terra, mencionados no capítulo 1 de Genesis (OLSON, 2013, p. 38).

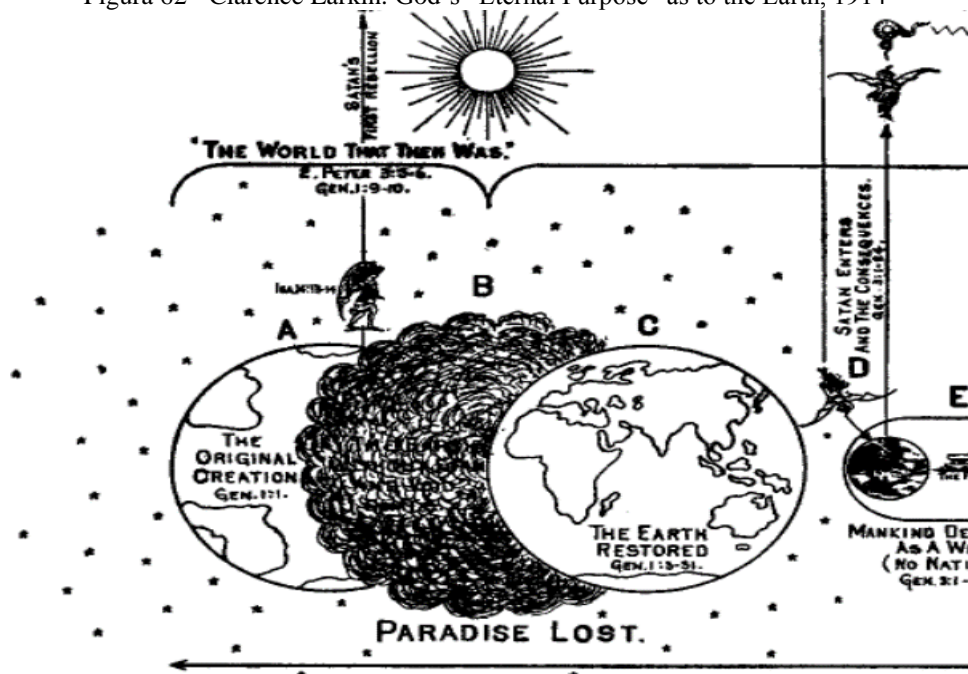
O assunto se mantém um elemento essencial e a sua expressão visual chega em Olson via Clarence Larkin e seu esquema escatológico de 1914.<sup>23</sup> Larken, inclusive, divide o “tempo da terra” em três períodos: “*The world that than was*”, “*The Heavens and the Earth which are*

<sup>22</sup> O motive também faz parte do “Chart on the course ff time from Eternity to Eternity” de 1896, publicado pelo Bible News Depot da cidade de Neptun em New Joursey, dos irmãos Loizeaux. (Cf. BOOTH, [19xx?], p. 18).

<sup>23</sup> Na edição ampliada do livro de 1920, a única em nosso alcance, encontram-se mais do que 40 esquemas visuais. Trata-se de uma verdadeira referência da cultura visual pentecostal.

now” e “We look for a New Heaven and New Earth”.<sup>24</sup> A “terra caótica”, então, é localizada entre a primeira e a segunda época (Figura 61).

Figura 62 - Clarence Larkin. God’s “Eternal Purpose” as to the Earth, 1914<sup>25</sup>



Fonte: Larkin (1920)

Outro aspecto surpreendente, segundo Larkin, é a designação do motivo como tudo sendo “*Paradise Lost*”, que lembra a famosa poesia do poeta inglês Milton. Além disso, apresenta Larkin todo texto do livro da Apocalipse como um quiasmo. Correspondem as primeiras partes (cf. as letras A, B, C, D e E na parte superior), às últimas e o texto como tudo se apresenta para Larkin segundo o modelo: A – B – C – D – E – F – G – X – G – F – E – D – C – B – A, sendo o “X” o momento histórico marcado pela crucificação de Jesus Cristo. Apesar que Olson não mantém a designação por letras, a referência à crucificação de Jesus continua ocupando o centro da horizontal.

Diversos outros elementos irão reaparecer no desenho de Olson: o anjo acima da terra “anterior”, o símbolo da serpente na parte superior como o “rastro da serpente (Figura 49 a 52 [Seções A/2; 4-5]). Fica óbvio que Olson integra esses – e outros elementos – no seu desenho, mas não tudo. Ainda na mesma seção C1 (Figura 25), Olson não reproduz um mapa do

<sup>24</sup> Tradução: “O Mundo que então existia”, “Os Céus e a Terra que existem agora”; “Buscamos um novo Céu e uma nova Terra”. As três épocas são ainda relacionadas com indicações bíblicas: 2 Pedro 3.5-6 / Gênesis 1.1-9; 2 Pedro 3.7; 2 Pedro 3.[10 ou 13?]. Dessas referências, Olson vai manter somente 2 Pedro 3.7 relacionada à “Terra Presente” (seção C1), junto a referência a Gênesis 1.3 – 2.3 (e não Gênesis 1.10ss)

<sup>25</sup> Tradução do título: “A ‘proposta eterna’ de Deus em relação à terra”.

mundo sem as Américas<sup>26</sup>, usada por Larkin, mas uma sequência dos sete dias da criação. Nela, Olson usa para sublinhar o conteúdo de cada um dos sete retângulos ou dias da criação um código de cores correspondente: identifica pelas cores, traz uma concepção da ideia da criação: “Luz Cósmica”, branco como a luz. O segundo retângulo, “Firmamento”, com cor azul, fazendo alusão aos céus. O terceiro retângulo, com a cor verde, remete à criação da vegetação. O quarto dia, “Luz Solar”, está em amarelo. O quinto retângulo, “Peixes e Aves”, está em azul, uma clara referência aos rios e mares. Referente ao sexto dia, “Animais Terrestres – O Homem”, encontra-se a cor marrom, provavelmente, uma referência à relação entre adão e adama, a terra.

Na seção C2 (Figura 25), temos a descrição do Jardim do Éden e o título da primeira Dispensação: “Inocência”.<sup>27</sup> A figura apresenta um resumo de Gênesis 3. Alguns detalhes são interessantes nesta figura. A figura descreve o casal, Adão e Eva, tanto próximo à serpente como sendo expulsos do Jardim do Éden. A figura não traz Eva cometendo o ato da “desobediência”, como é normal em muitas imagens sobre o tema da criação e da queda na Idade Média. Aparecem também duas árvores, uma do “Conhecimento do Bem e do Mal” e a outra da “Árvore da Vida”. No canto esquerdo, da figura, aparece uma Palmeira ou um Coqueiro. Essa árvore é, eventualmente, uma adaptação ao contexto tropical como lugar do lançamento da obra, apesar de que nos EUA também se encontram palmeiras. Mas, certamente, não seria comum em um Jardim no Oriente.

A seção C3 (Figura 26) descreve a segunda dispensação, a chamada “Dispensação da Consciência”. A figura apresenta uma cronologia partindo de Abel e Caim, com suas ofertas e suas genealogias, a história de Noé e as referências de quanto tempo teria durado essa dispensação. Um aspecto artístico interessante nesta figura se refere ao desenho dos altares. No caso da oferta oferecida a Deus por Caim e Abel, segundo Gênesis 4.1-8, a fumaça do sacrifício de Abel sobe ao céu e a fumaça do sacrifício de Caim desce e forma uma cidade. Aqui há uma clara alegação que, segundo Olson, deve se distinguir entre a linhagem dos “Filhos de Deus” como a descendência de Abel e a descendência de Caim como “Filhas dos Homens”, assim se explica a posição da fumaça do altar de Abel subir e de Caim não. Em seu livro, Olson chama “A linhagem piedosa de Sete” (OLSON, 2013, p. 61). Segundo o desenho de Olson, Noé é descendente de Abel e Lameque, descendente de Caim. O barco de Noé,

---

<sup>26</sup> No mesmo livro de Larkin, em outro esquema chamado “The types and the antitypes of scripture”, aparecem somente as Américas, mas sem Canadá.

<sup>27</sup> Também não se encontra na gravura “A proposta eterna de Deus em relação à terra”.

lembra mais uma casa em cima de um barco, onde chove. Na água, temos vários seres humanos com a mão levantadas, com referência aos homens e mulheres que não entraram na Arca.

A figura da seção C4 (Figura 27) descreve a terceira dispensação ou a dispensação do “Governo Humano”. Então, temos uma arco-íris com sinalização da aliança de Deus com Noé, um altar de Noé saindo fumaça, ao lado a vinha de Noé com a Torre de Babel ao lado. Ao centro, aparece a vinha plantada por Noé. O motivo da seção C/5 (Figura 28) descreve a dispensação patriarcal, ou quarta dispensação, e contém os elementos “Chamada de Abraão” e uma tenda marrom, dois perícopes bíblicos que apresentam de forma resumida acontecimentos que ocorreram depois da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra até a descida de Jacó para o Egito, representado pelo desenho das pirâmides, e a instituição da Páscoa, ilustrada pelo elemento de uma porta e muros que faz referência ao sangue que deveria ser passado aos muros e às portas, conforme o texto bíblico de Êxodo, apesar de que o desenho não reproduz o sangue. Já os retângulos brancos, que são dez, fazem referências às pragas do Egito.

A próxima e sexta dispensação (Figura 29 [seção C6]) tem diversas particularidades. Primeiro, dessa seção há o estabelecimento de uma forma ampla de relações com o campus B1 e a estátua deitada, uma referência ao sonho de Nabucodonosor, segundo o livro de Daniel, que propõe uma leitura desse livro a partir das proporções e dos membros da própria figura. Na direção inversa, o motivo na seção C6 (Figura 29) traz elementos do livro de Daniel e reproduz visões das quatro bestas, relacionadas com quatro impérios e da cova dos leões, da fornalha ardente e do sonho do futuro da loucura do rei Nabucodonosor, além de retratar utensílios do Tabernáculo.

No “entre” essa e a próxima seção C/7 (Figura 30) há uma referência ao lugar da crucificação de Jesus, o Gólgota, por sua vez mencionado em três dos quatro evangelhos, partindo da palavra aramaico “*gulgutá*”, transcrito na tradução grega por “*kranion*”, ou “crânio”, designação em Lucas 23:33. No motivo, a caveira aparece na parte da terra abaixo das três cruzes. Em seu motivo, Olson junta essas duas tradições bíblicas por um processo de harmonização<sup>28</sup>.

A seção C/7 (Figura 30) descreve a sexta dispensação. Nesta figura, quando o quadro fala sobre as setes igrejas do Apocalipse e, de forma literal, Olson atribuiu a sete períodos da

---

<sup>28</sup> A palavra caveira tem a mesma origem que calvário e designa o crânio e os ossos da face, descarnados. A elevação topográfica do Calvário, onde culminou o sofrimento de Jesus na cruz, tinha essa forma arredondada e lisa de um crânio.

história da Igreja. A igreja que aparece na figura mostra um templo com aspectos de uma igreja já moderna. Uma clara adaptação para o entendimento da figura. Além disso, a figura faz um resumo de toda a história da igreja até os dias atuais, mostrando perseguições dos Imperadores Romanos, ruptura com protestantismo e um pequeno destaque para a figura de Ezequiel e os vales dos ossos secos.

A próxima seção do campo C, a seção C8 (Figura 31), visualiza o que se chama na teoria dispensacionalista de a “Grande Tribulação”. Quatro cavalos com cores diferentes representam os quatro cavaleiros do Apocalipse. Essa constelação evidencia que o quadro PDadS retrata uma visão pré-tribulacionista que culmina na dispensação do Milênio. Olson explica no livro:

*A Grande Tribulação representa um período de juízo ou ira sobre um mundo ímpio, a “igreja” apóstata e Israel em rebelião. Os juízos mais terríveis desse período são justamente os sete “flagelos”. Em Apocalipse 15.1 e 16.1,19 nota-se as seguintes fortíssimas expressões: “pragas... porque nelas é consumada a ira de Deus” (OLSON, 2013, p. 146).*

A seção faz um resumo do período de sete anos da grande tribulação. Conforme colocamos, são apresentados os quatros cavaleiros e Jesus com um livro em sua mão. Também aparecem as “duas testemunhas” de Apocalipse 11, 3-12. Apesar de o texto bíblico não ter informado quem seriam esses personagens, Olson identificou no seu quadro essas duas testemunhas como as personagens de Elias e Moisés. Aparecem também nesta figura a “Besta que emerge do mar”, “Besta da terra” e o “Dragão”, que o próprio quadro designa como “Trindade Satânica”. Aparecem a cidade da Babilônia, com soldados e um tanque de guerra do tipo que se usava depois da 1ª Guerra Mundial, e, em especial, como nova arma tática, na 2ª Guerra Mundial. Assim, estabelece-se à iconografia uma relação direta entre o 2ª Guerra Mundial, seu fim, os setes anos de tribulação e o fim do mundo.

A seção C/9 (Figura 32) nos dá mais uma vez um bom exemplo de como Olson interpreta o texto bíblico. Para ele, a última parte do livro do Apocalipse não trata de acontecimentos que iam ocorrer “em breve” quando ele foi escrito, mas ele traduz o “breve” para seu mundo e contexto da década de quarenta do século XX. O quadro “congelou” esse duplo anacronismo, tanto em relação ao passado como em relação ao futuro, vistos a partir da época da publicação do livro. De fato, encontra-se no campo C ainda uma outra compreensão temporal da história, escondida nas afirmações cronológicas entre as dispensações. Transparece aqui a velha tradição cristã da mediação do tempo não segundo o modelo do *anus*

*domini*, o ano do senhor, mas do *anus mundi* I e II, dos anos do mundo ou da idade do mundo (o que segue o modelo do calendário judaico). Da esquerda à direita, Olson junta as seguintes datas e anos de duração:

Seção	Data	Anos de duração	Observação
Entre C2 e C3	4138 a. C.		Primeira data
C3		1656 anos	
Entre C3 e C4	2482 a. C.		
C4		427 anos	
Entre C4 e C5	2055 a. C.		
C5		215 anos [no Egito]	
Entre C5 e C6	1625 a. C.		Primeira data
C6		1657 anos [de Moises a Cisto]	
Entre C6 e C7	32 a D.		Muda para <i>anus domini</i>
C7		100-[589] Idade Antiga 590 – 1517 Idade Média [1518]-1900 Idade Moderna	Designação a. C. ou a. D. desaparecem
C8-C10		Sem números	

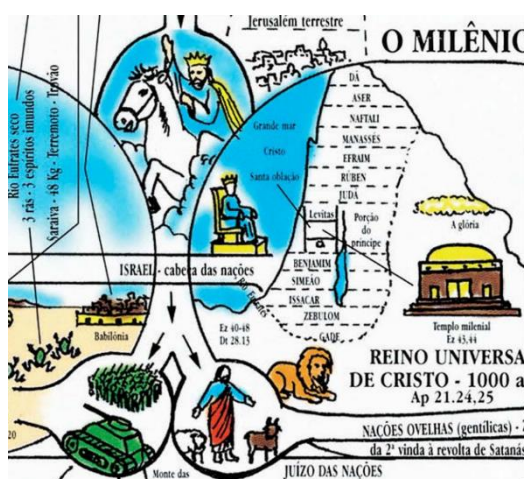
Para chegar em uma previsão da suposta data do fim do mundo, costumava-se combinar ainda um cronograma da idade da terra com o esquema dos sete milênios, sendo o início do sétimo milênio marcado pelo começo do reinado de Cristo ou como tempo da igreja cristã (pós-milenarismo: o milênio inicia com a ressurreição e finaliza com a volta de Cristo) ou como tempo depois das tribulações (pré-milenarismo). Combinam-se os dados usados no PDadS com esse modelo de previsão.

A previsão seria a seguinte: partindo do ano 4138 a. C., os 6000 anos iam-se completar em 1862, ou seja, trata-se de uma data no passado no momento da criação do PDadS.<sup>29</sup> Olson, de certo modo, mantém e, ao mesmo tempo, abandona essa forma de previsão do fim do mundo, a substitui à sua forma da década de 40 e cria o desafio de reler o tempo a partir da imagem inalterada.

Entre a seção C8 referente à grande tribulação e C/9 referente ao milênio encontra-se a visualização da volta de Cristo. A figura do homem de azul montado no cavalo branco com a mão levantada e com uma coroa dourada e uma capa dourada seria Jesus voltando para salvar o povo de Israel no chamado Armagedom.

<sup>29</sup> A data é próxima as previsões de Joseph Morris do Church of the Firstborn (previsão 1861) e John Wroe (1782- 1863) fundador da Christian Israelite Church em 1820 (previsão: 1863).

Figura 63 (seção C/8-9) - A volta de Cristo



Fonte: Acervo pessoal

Olson comenta em seu livro:

O próprio Cristo voltará literalmente a esta terra onde esteve durante 33 anos, reinará pessoalmente sobre a mesma por um espaço de 1000 anos, e consigo trará a sua igreja dos redimidos que voltará dos céus para onde foi levada na hora do arrebatamento e da primeira ressurreição (OLSON, 2013, p. 163).

Na seção C/9 (Figura 32), são visualizadas as 12 tribos de Israel (pelos nomes), um templo, um leão e a figura de Cristo no meio entre uma ovelha e um bode. A figura ainda usa o texto de 2 Pedro 3.5-15 para fazer alusão a uma renovação da terra pelo fogo.

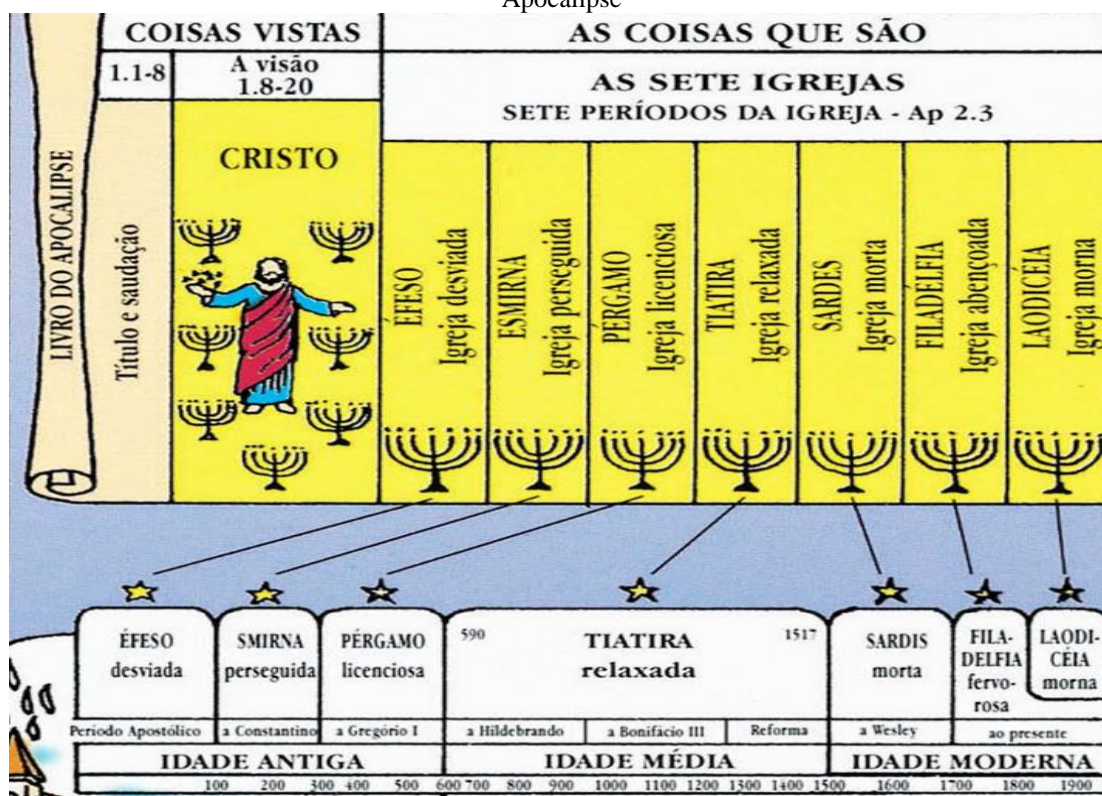
Já seção C/10 (Figura 33) seria segundo o quadro de Olson o fim do milênio e o início de uma era eterna. A figura mostra Jerusalém como uma cidade santa e usa a letra ômega dando indício ao fim de tudo.

### 3.6 Os campos B1 e B2 ou o conjunto de motivos que relacionam a narrativa dispensacionalista com os livros da Apocalipse e de Daniel

Nestes dois campos, as informações se concentram nas seções B2/7-10 e B1/6-8 e se distinguem por uma linguagem mais textual em B2 e visual em B1. Apesar da evidente concentração de informações em certas seções, há pontualmente, algumas referências nas seções anteriores.

Na seção B2/1 (Figura 34), há a imagem de um anjo em queda, de cabeça para baixo, acompanhado pelos textos bíblicos de Ezequiel 28. 14-19 e Isaias 14.13,14 que se referem à queda de Cherubim e de Lúcifer. Esse anjo cai direto na “terra caótica”, ou no motivo totalmente preto. Retrata-se aqui a chamada queda de Lúcifer. Esse motivo é um dos casos em que o PAdS vai além do texto do livro de Olson que não trata especificamente disso. Na seção B2/7 (Figura 37), iniciam-se as referências ao livro da Apocalipse. Mais uma vez, encontra-se a hermenêutica da atualização. O texto não fala mais para a igreja na época da sua criação, mas constrói uma narrativa capaz de alcançar os anos quarenta do século XX. As sete igrejas do apocalipse são transformadas em sete períodos da igreja.

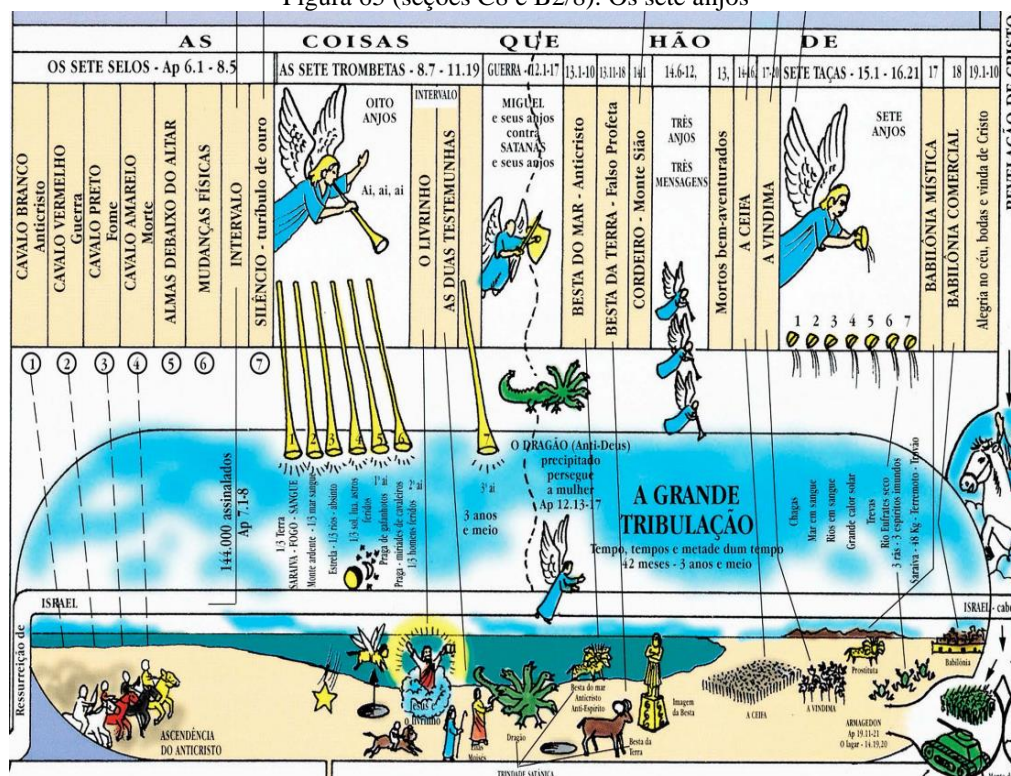
Figura 64 (seção C/7 e B2/7): A dupla menção das sete Igrejas no livro do Apocalipse



Fonte: Acervo pessoal

A seção B2/8 (Figura 38) também acompanha a seção C8 (Figura 31). As imagens se relacionam. Os setes anos da grande tribulação mostram o que está acontecendo na Terra e no céu (Figura 65).

Figura 65 (seções C8 e B2/8): Os sete anjos



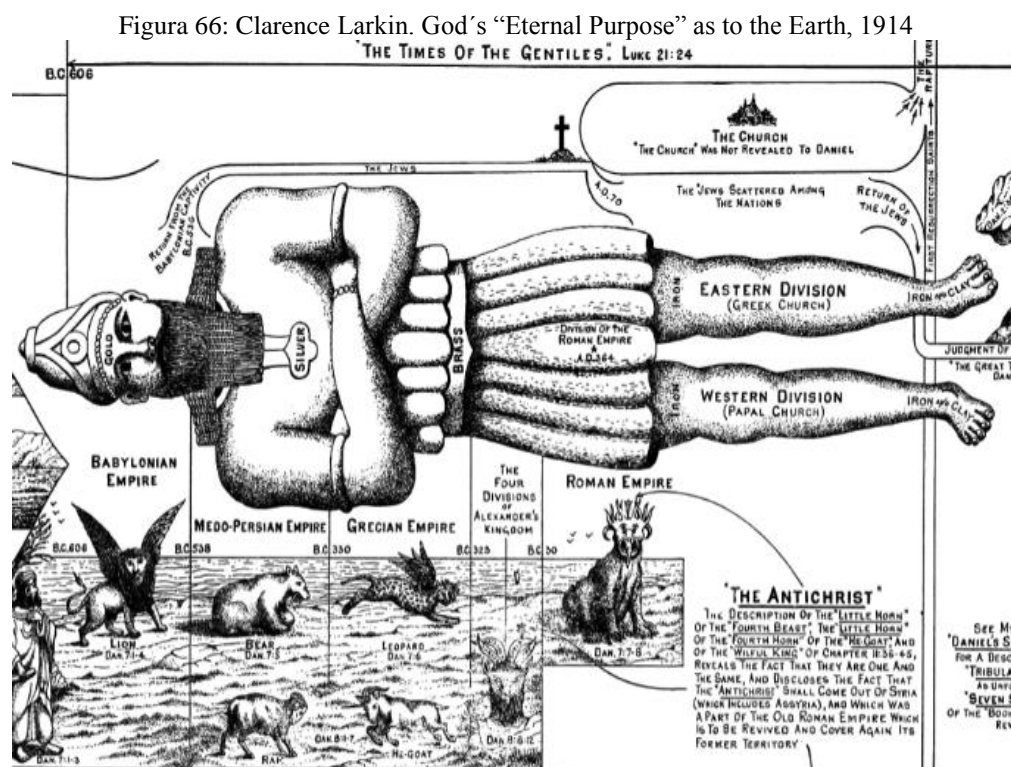
Fonte: Acervo pessoal

Os mesmos sete anos da grande tribulação mostram o que está acontecendo no céu. Então, os cavaleiros do Apocalipse estão descritos, assim como os anjos com as trombetas e com os cálices. Aqui há um detalhe interessante. No centro, há um destaque para a luta de Miguel com o Dragão, que o quadro representa como Satanás.

As seções B2/9 e B2/10 (Figuras 39 e 40) constroem uma relação entre o tempo depois do milênio, como tempo restrito, e a eternidade; que a ela segue. Para isso, traz o motivo da Jerusalém Celeste e das suas características. O quadro descreve que no final tudo vai ser renovado e fecha descrevendo o fim do Apocalipse.

O campo B1 abre a seção B1/1 (Figura 41) com a palavra “Satanás” e o texto bíblico de Ezequiel 28.14-19. O quadro segue uma decisão de Olson que interpreta o texto bíblico de Ezequiel referindo-se a Lúcifer ou Satanás, apesar de que o texto trata do rei de Tiro. Segue o próximo motivo na seção B1/3 (Figura 43). Ela mostra a figura de “Enoque Traslado” ou “arreatado”. Os que estudam o quadro, ou mesmo aqueles que explicam o seu conteúdo em aulas para a igreja, constroem uma analogia entre Enoque e o arrebatamento da Igreja. Entendem que seria uma tipologia do que está para acontecer antes da Grande Tribulação. As seções B1/6-7 (Figuras 45 e 46) se dedicam ao livro de Daniel e descrevem a estátua que

aparece no sonho de Daniel (Dn 2) e que acompanha também o motivo encontrado na seção C6 (Figura 29). Essa figura deitada encontra-se na publicação de Larktin que, por sua vez, relaciona as partes do corpo com a história da igreja até a divisão entre a Igreja Ortodoxa e Ocidental (pernas).



Fonte: Acervo pessoal

Olson integra a figura no seu PDadS, mas faz uma releitura da atribuição da época que corresponde às pernas. Também relaciona animais a partes da figura deitada e a impérios, mas acrescenta cores. A cabeça de ouro faz referência ao Império Babilônico. O peito prata vincula-se com o Império Medo-Persa. O cinto de cobre corresponde ao Império Grego, e a saia com as pernas com o Império Romano, e não à igreja do ocidente e oriente, como o Larkin.<sup>30</sup> Todas essas referências, no quadro, estabelecem vínculos com os animais da Figura

<sup>30</sup> A primeira aparência da figura deve ser de William Miller (1842) em seu *A chronological chart of the visions of Daniel and John* (anexo II). Nele, as pernas se referem somente à “Roma pagão”. Ou seja: quando Olson publica seu plano, já há uma tradição de mais do que cem anos de representar teorias dispensacionalistas por meios, no caso, parcialmente, visuais. Não se trata de um desenvolvimento do século 20. A propagação de ideias dispensacionalistas ocorreu desde seu início também de forma visual, e os esquemas visuais diversificaram-se com a crescente difusão dos modelos dispensacionalistas. Confere também a página *The Jenks Memorial Collection of Adventual Materials*, da Universidade Aurora e a *Prophetic chart Gallery*. Ela começa com o

29. A seção B1/8 (Figura 47) apresenta os pés da estátua. Trata-se do período antes do Milênio. A própria figura descreve que os pés e dedos de ferro misturados com barro representam os 10 reis durante a Grande Tribulação. Uma pedra aparece sobre os pés da estátua, como se estivesse caindo. Olson não fala sobre essa pedra, porém há na tradição oral pentecostal a compreensão de que essa pedra seria Jesus, esmagando os pés – e seus governos ou impérios correspondentes – e inaugurando o Milênio.

A seção A/1 (Figura 49) apresenta um trono vermelho com escadas douradas e envolto em uma luz dourada, dentro de uma nuvem azul. Abaixo do trono, um anjo azul com coroa dourada e duas asas. Em suas mãos, uma espada dourada. No livro, Olson não trata desta figura, mas ao que parece, esse anjo seria Miguel. Outro detalhe, é que no trono não há uma representação de Deus, ou qualquer figura que poderia ser Deus, aparece o trono vazio e o quadro não traz nenhuma iconografia sobre Deus.

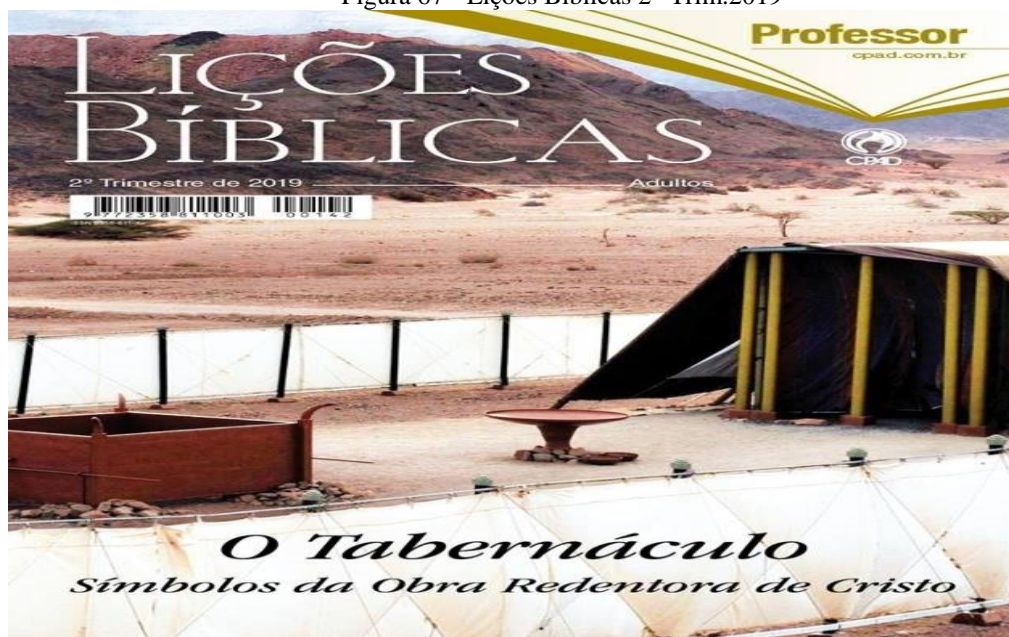
Na seção A/2 (Figura 50), aparece uma serpente verde que está olhando para a direita. Essa serpente, que no quadro fica claro que é Satanás, também aparece no Jardim do Éden, tanto que na figura 25, seção C2, a serpente aparece no jardim, próximo a Adão e Eva e da árvore do conhecimento do bem e do mal. Uma linha pontilhada sai da figura 25 e passa pela serpente. Esta linha pontilhada, chamada de “Rastro da Serpente”, continua em várias seções e se encerra na Figura 32, C/9, onde aparece um dragão verde de sete cabeças e um anjo azul. Interessante perceber a importância que se dá para a serpente, tanto no início como em boa parte do quadro.

A seção A/7 (Figura 53) apresenta o “Sacerdócio de Cristo”. O quadro traz dois tronos, um chamado trono de Cristo, com um ser humano sentado de coroa dourada, e outro trono vazio, com o título “Trono de Deus”. Mais uma vez, Deus não aparece em imagens no quadro. Ainda nesta figura, aparecem duas árvores, dois candelabros e a Arca da Aliança.

A seção A8 (Figura 54) apresenta um círculo azul com um trono dourado no centro, mais uma vez vazio. Quatro criaturas ao redor do trono e vinte e quatro tronos onde estão os vinte e quatro anciãos ao redor das quatro criaturas. Há embaixo do trono um altar dourado com um quadrado dourado e uma nuvem branca, que o quadro chama de “Multidão com Vestiduras brancas”. Olson, nessa seção, faz uma referência de situações que estariam acontecendo no céu enquanto na terra está acontecendo a Grande Tribulação de sete anos. O

estudo sobre o Tabernáculo e as referências com Cristo, na Assembleia de Deus, é muito pesquisado. Todo ano pelo menos alguma lição da EBD trata do estudo do tabernáculo. O próximo trimestre de 2019, data posterior a entrega dessa dissertação, uma lição estudará o Tabernáculo. Há também um quadro que é muito utilizado sobre o Tabernáculo nas Assembleias de Deus.

Figura 67 - Lições Bíblicas 2º Trim.2019



Fonte: Cpad.com

Ainda nesta seção, um anjo de azul com asas com a mão direita esticada solta algo dourado que rompe uma parte do rastro da serpente. Acima, um muro dourado que tem como referência “Santos ao Juízo acerca das Obras”. Olson usa um muro dourado para relacionar com a obra dos santos. Aparecem quatro coroas, “uma coroa incorruptível – vencedor”, “coroa da vida – mártir”, “coroa de glória – fiel servo e “coroa da justiça – vigilante”. Ao centro, mais um trono dourado vazio e chamado de “Tribunal de Cristo”. Um altar com fogueira. O entendimento é pré-tribulacionista, ou seja, após o arrebatamento, os cristãos passarão pelo tribunal de Cristo, onde todos os cristãos serão julgados por seus feitos na terra. Olson assim comenta:

Sem dúvida, muitos crentes ficarão cabisbaixo perante esse tribunal, cheios de remorso e em pranto, pensando como durante seus poucos dias no mundo foram tão preguiçosos e negligentes em obedecer às ordens do Mestre (OLSON, 2013, p. 189).

Finalizando essa seção, o quadro apresenta as “Bodas do Cordeiro”. Uma grande mesa com seres humanos está dos dois lados, com um personagem. Ao lado, dois vasos azuis com duas plantas.

A seção A/9 (Figura 55) apresenta duas nuvens azuis, uma menor e outra maior. A maior tem um círculo no meio. Dentro, existe um trono onde há um ser humano com aspecto de Rei sentado. Atrás do trono, duas cortinas vermelhas e dois seres humanos ajoelhados. Um pergaminho está atrás do trono. Olson coloca o título da figura como o “Juízo do Trono Branco”, e vai ser a única vez em que Deus é apresentado em uma figura.

A seção D1 (Figura 56) começa com as informações sobre a autoria do quadro. Está escrito: “Autor: N. Lawrence Olson, em Lavras, Minas Gerais, Brasil (25/03/1943). Nota: as datas são segundo a cronologia de Clinton”. Como vimos, várias referências aparecem no quadro e não no livro. Olson não menciona em seu livro quem e o que seria essa cronologia de Clinton. Em nossa pesquisa, achamos um livro chamado “Ordo Saeculorum. A Treatise on the Cronology of The Holy Scriptures: And The Indications Therein Contained. Divine Plano of Times and Seansons: Together With na Appendix”.

O livro é de um autor inglês, Henry Browne, e foi publicado em Londres em 1844, mas nunca reeditado ou novamente lançado fora da Inglaterra. O livro trabalha com alguns autores e, entre eles, F. H. Clinton.<sup>31</sup> Mas há indícios que Olson lê diretamente as obras de Clinton, já que uma edição dessas obras tinha sido reeditada nos EUA ao redor de 1900 (CLINTON, 1834, 1850, 1900)<sup>32</sup>. Repare que se trata de cálculos bastante antigos que ainda transparecem no PDasD, apesar de perder seu sentido de emergência.

Na próxima seção, fazemos a junção das D/2 (Figura 57), D/5 e D/6 (Figura 59), e D/7 (Figura 60). A figura se apresenta como o lugar dos mortos. O quadro começa descrevendo o local de “Sheol” ou “Hades”, “O mundo invisível dos mortos”, e apresenta o “Paraiso”, onde vemos Abraão e Lázaro, conforme a parábola de Jesus no texto bíblico em Lucas 16.22. No meio, o “Grande Abismo” que separa o rico da parábola. Abaixo, um lugar chamado “O poço do Abismo”. Neste lugar, o quadro apresenta três seres azuis com asas e uma criatura verde que tem sete cabeças. O nome da criatura é Satanás. Ao lado, no “inferno”, se apresenta o rico, olhando para a esquerda. Na direção de Lázaro e Abraão. Duas linhas pontilhadas saem

---

<sup>31</sup> Em 23 páginas, às vezes, mais do que uma vez só (BROWNE, 1844, [3, 6, 8 e 9] e 169, 173, 176, 203, 205, 207, 215, 216, 217, 221, 335, 462, 488, 509, 517, 553 e 556)

<sup>32</sup> Posterior a essa data há segundo o WorldCat edições em 1965, 1968, 1985, 2013, 2015 e 2016.

do “Poço do Abismo” e da criatura de sete cabeças, e uma vai até o final da Grande Tribulação na figura 31 e seção C/9, e a outra linha vai até o final do Milênio na figura 32 e seção C/10. O entendimento de Olson é de forma literal, Satanás será preso durante o Milênio e posteriormente será solto para depois ser lançado no lago de fogo e enxofre.

Na seção D/8 (Figura 61), seção D/9 e D/10, o quadro apresenta o “Lago de Fogo e Enxofre – Geena – 2º Morte”. O quadro dá o destaque desse lugar “O inferno, feito para o Diabo e seus anjos. Neste lugar de fogo, tem uma besta de sete cabeças “A besta-Anticristo”, um bode de chifre “Falso-Profeta – Anti-Espírito”, e um anjo diferente dos outros do quadro. Esse anjo está vestido com uma cor laranja e com asas grandes e tem o nome de “Satanás – Anti-Deus”. Aparecem sombras de seres humanos caindo neste lugar e ao lado anjos azuis com asas que são chamados “Anjos Decaídos”. Convém analisarmos que o lugar de sofrimento que se apresenta na seção D, em comparação com outras seções, é maior e tem um destaque bem considerável. O juízo e o destino dos que não foram inscritos no livro da vida no quadro é bem perceptível.

A relação da Assembleia de Deus com o fogo se mostra pelos estudos, pregações e cultos de ensino. O entendimento do Batismo com Espírito Santo é com fogo, é entendido como revestimento de poder. Por exemplo, o símbolo da CPAD e da CGADB tem fogo em suas logomarcas.

O Inferno e o Lago de Fogo são muito mais trabalhados e desenhados do que a Cidade Santa ou Nova Jerusalém. Mesmo com muitas referências no Novo Testamento sobre as águas, o PDAS dá um destaque representativo para o fogo.

### **3.7 Terceiro nível: A interpretação iconológica**

#### **Considerações intermediárias**

A análise e interpretação do PDaS como representação da cultura visual pentecostal trouxe-nos alguns resultados. Primeiro, percebe-se que em diversos momentos a imagem traz informações ou menciona aspectos que o próprio livro de Olson não comenta. Segundo, a imagem não é uma criação originária, e sim uma construção de algumas imagens que Olson foi adaptando e chegando em sua versão de 1943.

### 3.7.1 A interpretação iconológica

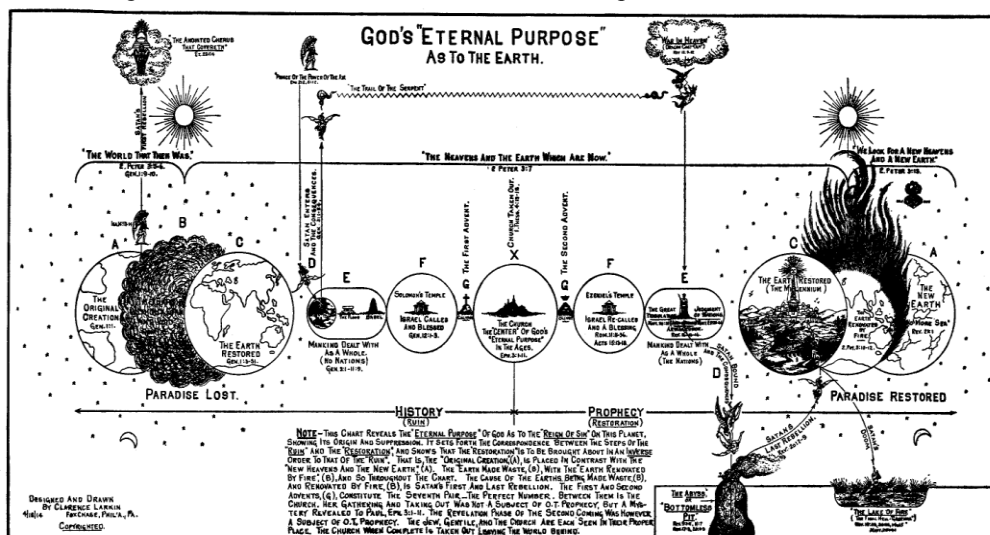
Na análise iconológica do quadro o PDadS, procuraremos daqui adiante compreender a obra como um todo. Até então vimos que o PDadS de Olson foi criado em diálogo e dependência iconográfica e iconológica direta de várias imagens desenhados por Larkin para compor o seu livro *Dispensational Truth or God's Plan and Purpose in the Ages* de 1914. Mas mesmo que Larkin tenha dito que desenhou as ilustrações com as suas próprias mãos, ele mesmo também integrou imagens de terceiros. Por exemplo, a primeira aparência da figura humana deitada deve ser de William Miller (1842), em seu *A chronological chart of the visions of Daniel and John* (anexo II). Enquanto a designação desse motivo varia, a imagem se mantém intacta. Segundo Miller, as pernas da figura se referem somente à “Roma pagão”, segundo, Larkin, trata-se da igreja do ocidente e do oriente (Figura 68), e segundo Olson, do tempo da tribulação. Ou seja: quando Olson publica seu plano, já há uma tradição iconográfica de mais do que cem anos de representar teorias dispensacionalistas, por meios, no caso, parcialmente, visuais, enquanto a interpretação iconológica evolua em base desses particulares. Não se trata de um desenvolvimento do século 20. A propagação de ideias dispensacionalistas ocorreu desde seu início também de forma visual, e os esquemas visuais diversificam-se com a crescente difusão dos modelos dispensacionalistas. Conforme também a página *The Jenks Memorial Collection of Adventual Materials*, da Universidade Aurora e a *Prophetic chart Gallary* que começa com o esquema de Miller.

Parecido também Allan Marcedo de Novaes (2018, p. 38-61), em sua breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860, apesar de ele focar no adventismo. Podemos até dizer: enquanto a narrativa cronológica aparentemente se deve muito de autores ingleses, a narrativa visual parece ser mais uma narrativa estadunidense. Essa narrativa visual dispensacionalista, porém, não chega de imediato ao Brasil, tampouco com o discurso dispensacionalista se demonstra em todos os tempos como discurso único na Igreja Assembleia de Deus. Certamente, nunca é ausente, mas sua presença ainda não é dominância. Essa dominância parece se instalar aos poucos com a chegada e a acolhida do livro de Olson em 1943 e a crescente importância e aceitação do PDadS nas comunidades. O que podemos perceber é a importância que o quadro teve desde sua construção em 1943 até os dias de hoje. A sua visível dependência iconográfica e iconológica de Larkin não levou ao longo do tempo a uma substituição do livro e da litografia da PDadS de Olson pela obra de Larkin. Pelo contrário, que permanece até os dias atuais e ainda é utilizado a versão de Olson. Não houve

variações do quadro do missionário americano utilizados pelas Assembleias de Deus. É Olson ou nenhum outro.

Algumas peculiaridades são bem interessantes e claras. Tendo como base os desenhos de Larkin, Olson adapta o quadro PDaS para o contexto brasileiro. Veja, por exemplo, a figura 68:

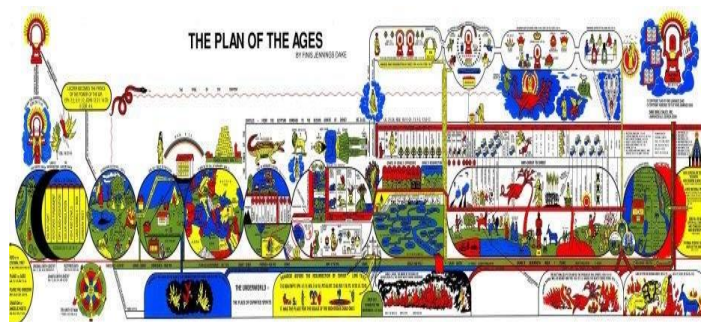
Figura 68 - Clarence Larkin. God's "Eternal Purpose" as to the Earth, 1914



Fonte: Acervo pessoal

Em uma versão de Larkin de 1914, ele desenha um mapa que contém muitas figuras que Olson utilizou. Porém, na criação do mundo, ele omite as Américas, contendo somente a África, Europa, Ásia e Oceania. Conforme analisamos, em sua versão, Olson trata de adaptar o quadro para um entendimento “tupiniquim”. As palmeiras desenhadas no jardim do Éden são uma prova disso. Mesmo o quadro de Dake, já discutido neste espaço, vem com figuras e cores muito vermelhas. Muitos personagens são vermelhos.

Figura 69 - The Plan of The Ages – By Fins Jennings Dake



Fonte: Google

Por essa construção do quadro de Olson, o PDadS popularizou-se no Brasil. Nosso estudo se encontra dentro da Assembleia de Deus, porém, ele é utilizado por muitas denominações. Conforme informamos, o quadro criado em 1943 permanece da mesma forma até os dias atuais.

A figura de nº 7, onde o pastor Nirton dos Santos ensina o quadro de Olson, mostra essa importância. Uma versão do quadro que cobre uma parede. Hoje temos versões menores do PDadS, porém trata-se da mesma versão sem alterações. O aspecto da inalteração do quadro, por um lado, no decorrer do tempo, vai provocar novas leituras do quadro que precisam renegociar a relação entre a obra, o seu cronograma escatológico, a relação entre as figuras e esse cronograma, e a função social e religioso do quadro numa linha de tempo que se distancia cada dia das previsões do fim anteriores. As necessárias releituras temporais levaram a uma releitura da representação de nações pelas pernas e pelos pés que vimos antes.

Vimos que o quadro é utilizado por várias denominações e não somente pela Assembleia de Deus. No YouTube, várias igrejas mantem vídeos com explicações sobre o PDaS. Em pesquisa nos canais da internet, temos igrejas como a Assembleia de Deus de vários ministérios (Figura 76 [anexo 2]), Igreja Quadrangular (Figura 77 [anexo 2]), Igrejas Batistas (Figura 78 [anexo 2]) e comunidades evangélicas independentes. O interessante é que em todas os vídeos pesquisados, em sua maioria, não faz menção ao livro e já parte para o ensino do quadro. Mais um ponto, os vídeos demonstram as diferenças de interpretações por parte de quem ensina. Não segue uma mesma linha. No caso dos vídeos das comunidades evangélicas, o estudo é mais direto, sendo tratado passo a passo o quadro. Por exemplo, nos vídeos das Assembleias de Deus (figura 79 [anexo 2]), em que o quadro é ensinado, em sua grande maioria, desde a liturgia do culto como cânticos, leitura da Bíblia e orações, são feitas

na perspectiva do que será ensinado. O que justamente afirma que a cultura visual possibilita as variações de estudos através do quadro. Todo o ambiente é preparado para que o estudo do mapa.

Figura 70 - Estudo “O Plano Divino através dos Séculos” ministrado pelo Pastor João A. de França no Templo Sede das Assembleias de Deus de Alta Floresta - MT



#### O PLANO DIVINO ATRAVÉS DOS SECULOS QUARTA-FEIRA

Fonte: Youtube

O pastor João A. de França na Assembleia de Deus do Mato Grosso demonstra a importância do quadro ainda nos dias de hoje para a Assembleia de Deus. Esses vídeos têm duração de 1:27:44 e são quatro vídeos no total. Percebe-se o tamanho do quadro que está apoiado sobre duas cadeiras. Enquanto o pastor João explica, usa um bastão para identificar os lugares no quadro. No caso destas séries de vídeo, o pastor começa com dois hinos, logo depois mais um hino para tirar oferta e em seguida leitura da bíblia. Em seguida, começa o estudo do quadro. O pastor João ensina, mas os membros podem interromper o estudo para fazer perguntas, o que é feito várias vezes durante esses vídeos. Cada igreja que ensina o quadro pela internet tem uma dinâmica diferente. O discurso e o imaginário mudam dependendo da pessoa que está ministrando a aula, por possuir ela mesma suas próprias percepções sobre o quadro. É um aspecto da análise que precisa ser pensado em pesquisas

futuras, a análise do discurso dos pastores sobre o quadro através dos vídeos do YouTube. As chaves de interpretação vão então além do livro do Olson.

Assim, por ser uma imagem, e não um texto, e somente por causa disso, o quadro tem um efeito, aparentemente, oposto. Por um lado, o quadro monopoliza as leituras escatológicas na Igreja Assembleia de Deus como uma escatologia dispensacionalista e, dessa forma, ajudou a unificar o discurso antes de 1943 ainda um pouco mais diverso. Por outro lado, possibilita a imagem pelo seu caráter imagético a partir de releituras. E isso o distingue do texto. A razão para isso é simples: quanto mais o tempo avança, o livro, que é de 1943 e que foi pela última vez revisado no final da década de setenta do século passado, fica mais no passado, pela escolha de linguagem, pela escolha de exemplos, pela escolha de referências. E, por causa disso, não é por acaso que se pode observar que desde 1943 o quadro acaba lentamente emancipando-se do texto e do livro de Olson:

- Inicialmente, o quadro é apresentado como parte do livro;
- Depois o quadro cresce em tamanho e é vendido como cartaz junto com o livro, numa perspectiva de sua divulgação em encontros de grupos [essa versão ainda é dobrável];
- Na próxima fase, o quadro cresce mais e ele não pode ser mais dobrado, mas enrolado. Ai se emancipou tecnicamente do livro, sem se separar plenamente dele;
- Finalmente, usa-se o quadro, já fixado ou colado na parede, ou numa moldura, ou fixado com cordas, e sua interpretação já não faz mais referência ao livro ao qual ele uma vez pertencia e transcende, inclusive as fronteiras denominacionais.

Quanto ao teor comum dessas diversas releituras e interpretações iconológicas da obra, elas contemplam a compreensão da história da humanidade como organizado ao redor de dispensações, e elas afirmam que a humanidade esteja na sua última suspensão, antes do evento por eles intitulado e entendido como “retorno de Cristo”. Já o PDasD, apesar de que nem na década de 70 foi atualizado, ou seja, ele é idêntico ao plano de 1943, é pela sua característica visual polissêmico, isso é, ele sempre requer uma interpretação e não resiste a ela.

A imagem acompanha os tempos, o texto fica na história. A lenta “substituição” do texto – ou do livro de Olson – pela imagem, – ou o PDasD, ocorre, justamente, porque a imagem resiste mais ao tempo e sobrevive às mudanças ocorridas durante o avanço do tempo do que o texto.

Considerando a importância, primeiro, do livro e, segundo, do quadro do Olson, podemos resumir a transição do texto para a imagem que contribuiu profundamente para a fixação da escatologia dispensacionista como única escatologia na Assembleia de Deus, como também possibilitou suas contínuas adaptações nas décadas depois de 1943.

A opção pelo quadro tornou-se uma escolha eficaz para narrar uma identidade institucional e é difícil acreditar que sem o quadro o mesmo efeito teria ocorrido. A força da imagem, reafirmada pelo seu contínuo uso para um grande grupo de pessoas que pertencem a uma comunidade ou uma igreja, cria um sentido de identidade ao redor da ênfase escatológica, a ênfase dispensacionista. A imagem, mesmo que de fato não seja adorada ou venerada, articula elementos fundamentais daquilo que se crê e deve crer na Assembleia de Deus, o quadro é, na última instância, um tipo de credo.

E, por ser tão presente, inclusive, presente além das fronteiras da própria igreja, podemos concluir que essa expressão da cultura visual assembleiana não se restringe mais ao uso de uma imagem como um simples tipo de ilustração, mas o transcende: o quadro articula e provoca esperança e – eventualmente – desespero; alegria e – possivelmente – angústia; certezas e – com certeza – incertezas. A relação com esse quadro não é meramente racional, mas parcialmente passional.

## **Considerações Intermediárias**

A análise do quadro PDAd feita sobre uma perspectiva do autor Erwin Panofsky demonstra a importância da cultura visual dentro de um grupo como os pentecostais. Essa importância fica evidente dentro do sucesso que o quadro alcançou entre as igrejas evangélicas brasileiras, não somente dentro da Assembleia de Deus e em várias denominações. E ainda continua sendo muito utilizado.

Quando o quadro é analisado na forma de Panofsky, em um primeiro momento, a pré-iconografia demonstra todos os elementos que contém na obra. Não há preocupação com o significado das figuras e texto, e sim, apenas o que está contido na obra. Em um segundo momento, a análise iconográfica demonstra que os elementos têm um significado, porém podem se correlacionar ou não com as outras figuras e escritos. E um terceiro momento, a iconologia que demonstra como um todo a importância do quadro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, trabalhamos o conceito do imaginário assembleiano a partir do quadro chamado “O Plano Divino através dos Séculos”. Analisamos a maneira como foi criada uma cultura visual pentecostal religiosa. Apesar do esforço na análise do tema, temos por certo que as questões aqui tratadas ainda comportam pesquisas mais aprofundadas.

A pergunta que orientou esta pesquisa tratou a respeito da representação da cultura visual em uma Assembleia de Deus. Para isto, optamos pelas seguintes abordagens: a importância da teoria dispensacionalista para a construção do imaginário escatológico da Assembleia de Deus; o quadro “O Plano Divino através dos Séculos”, como expressão chave da cultura visual pentecostal, sua origem e sua importância; e o quadro “O Plano Divino através dos Séculos”, como narrativa visual da escatologia Assembleiana, dentro de uma análise Panofiskiana.

Num primeiro momento, o dispensacionalismo se construiu no século XIX através do inglês John Nelson Darby. Mesmo tendo alguns aspectos parecidos na história do cristianismo, foi através do inglês que o sistema se popularizou. A ligação com o futurismo dos Jesuítas torna o dispensacionalismo mais amplo do que apenas um sistema popular entre os pentecostais ou cristãos evangélicos, e sim, cria um elo com o catolicismo romano, e mesmo havendo discussões, há essa influência em Darby.

Apesar desses fatos, o que fica certo é que Darby popularizou o dispensacionalismo através de suas conferências em solo estadunidense. Foram muitos encontros influenciados pela pós-guerra civil americana e o liberalismo teológico que estava surgindo. Essas conferências colaboraram fortemente para que o dispensacionalismo se institucionalizasse.

O quadro sistematizado por Olson aparece na década de 40. E mesmo o dispensacionalismo já estando no contexto da Assembleia de Deus, desde os primórdios, conforme analisamos com os jornais e a declaração de fé, foi o PDadS que moldou e ainda molda a forma de ver as dispensações e a escatologia assembleiana. E não só na denominação pentecostal, mais em muitas outras igrejas que utilizaram o quadro.

Num segundo momento, fica muito claro a criação de um imaginário de uma cultura visual pentecostal. Ela nasceu pela divulgação do quadro de Olson, tanto que, conforme tratamos, o PDaDS teve mais acesso aos membros do que o próprio livro. Muitos não leram o livro, ou por falta de condições ou por ser analfabeto, porém, mantinham o quadro como

moldura em suas salas. Mesmo com antecedentes como os esquemas de Larkin e de Dake, foi com o quadro do Olson que o imaginário se institucionalizou.

Num terceiro momento, e usando Panofsky como referencial teórico, analisamos o quadro PDaDs de forma pré-iconográfica, iconográfica e iconológica. Dentro de uma visão pré-iconográfica, todos os elementos contidos no quadro são citados, incluindo as figuras e os textos. Não se faz uma análise sobre os significados ou conclusões.

Na parte iconográfica, analisamos o quadro com seus significados. Muito do que Olson usa no quadro não está no livro. A perspectiva do quadro vai muito além das dispensações, como por exemplo, o título do livro do Olson. Dentro do quadro, existem questões que acabam mostrando que algumas teorias, como a teoria da Lacuna, estão embutidas no quadro, não sendo tão perceptível.

Por fim, adentramos na forma iconológica, em que o quadro foi analisado como um todo. A iconologia demonstra a importância do quadro para o contexto brasileiro, entre os assembleianos e também em outras igrejas. A forma que Olson adapta para uma compreensão dos brasileiros, tanto nas questões de imagens como nas cores, explica também o sucesso do quadro. O PDaDs foi feito em 1943, em Lavras, Minas Gerais. E, nos dias de hoje, conforme vimos a partir das pesquisas em vídeos do YouTube, o quadro ainda é muito utilizado. E o mesmo que foi produzido por Olson permanece sem variações, mostrando que há uma extensão da cultura visual pentecostal brasileira desde a década de 40.

Outro ponto que analisamos e que abre perspectivas para a continuação da pesquisa do quadro, é o discurso dos homens e mulheres que explicam o quadro nos vídeos do YouTube. O quadro é o mesmo, porém o imaginário dos discursos varia de igreja para igreja e de quem está ensinando. Essa perspectiva, demonstra que o quadro ainda é utilizado por muitos grupos evangélicos e ainda há uma tradição de uma didática pentecostal presente nesse ensino.

O que demonstra nesses vídeos e tratamos na pesquisa, é que o quadro vai além do livro de Nelson Lawrence Olson. O livro não é citado nesses ensinamentos, conforme os vídeos do YouTube, mas, vai além. O quadro acaba se tornando independente e fazendo com que tenha uma importância maior na catequese escatológica e dispensacional dos assembleianos.

Sem dúvida, moldou o *PDaDs* o imaginário dos/as adeptos/as das Assembleias de Deus no Brasil. Ele representa um elemento essencial da cultura visual pentecostal brasileira, com ecos até além da Igreja Assembleias de Deus. A sua aceitação se deu por diversas razões. Primeiro, especialmente para a promoção da doutrina dispensacionista já se tinha criado uma tradição centenária do vínculo entre narrativas religiosas textuais e linguagens religiosas

visuais. Segundo, aparecia-se o aspecto visual justamente nas missões, entre outras razões, para superar problemas de língua e problemas de leitura, já que dessa forma, os/as menos letrados/as ou analfabetos/as poderiam acompanhar o estudo ministrado pelo/a pastor/a ou o/a líder leigo/a com mais facilidade. Terceiro, o *PDadS* chega no momento de uma nova fase de expansão pentecostal no Brasil e a acompanha. Mas, o *PDadS* não somente lança as ideias centrais dispensacionistas, mas, ele tem um efeito duplo e até antagonista. Por um lado, ele acaba acentuando e blindando aspectos da doutrina dispensacionista, como por exemplo, a ideia de duas criações (círculo preto nas dispensações), resultado de uma leitura extremamente literalista de Gênesis 1. Por outro lado, o formato visual permite a sobrevivência da doutrina dispensacionista, pelo fato que ele facilita contínuas atualizações orais da previsão dos cumprimentos das profecias. O mundo muda, as previsões do cumprimento das profecias se adapta, mas, não há mais um texto cuja contínua atualização causa um desgaste maior – no mínimo para quem acompanha as mesmas por vinte, trinta ou quarente anos, sempre sobre o preceito da imanência do fim.

Uma releitura, entretanto, será necessária, já que as diferenças dos mapas propostas por Miller (1843/1863, Larkin (1920), Dake (1927) e Olson (1943) lidam com cronogramas e sua vinculação com pessoas, nações e eventos históricos até a época do seu cotidiano, mas, não além disso. Com outras palavras, quanto aos seus cronogramas propostas, nada pode impedir seu envelhecimento no decorrer da história; entretanto, não necessariamente, quanto a sua visão da história e escatológica, onde até agentes clássicos podem perder seus papéis e assumir novos; como, por exemplo, no caso da substituição da Rússia pelo Iraque, pelo Irã ou pela China.

A omissão do *Plano de todas as eras* de Dake e sua substituição pelo *PDadS* de Olson representa um movimento até iconoclasta, já que se trata do conflito entre duas imagens destinadas para o mesmo lugar. No Brasil, essa omissão e ausência fática de alternativas, por um bom tempo, acabou favorecendo e fortalecendo a ideia da unicidade ou singularidade do modelo proposta de Olson o que sua vez, tendencialmente, pode colocar o *PDadS* num patamar extraordinário. Em comparação com outras partes essenciais da doutrina pentecostal, como a doutrina do batismo no ou pelo Espírito Santo, o aspecto visual pode até sinalizar um peso maior do aspecto dispensacionista ao lado do aspecto pneumatológico. Certamente favoreceu o deslocamento do *PDadS* do livro um tipo de inversão da subordinação da imagem ao texto em 1943 para a possibilidade da subordinação do texto à imagem: ainda que o livro, aparentemente, não pode existir sem o plano, o plano acaba conquistando o tempo, o espaço e

os corações independentemente do texto. In consequência pode se identificar a Igreja Assembleia de Deus com o *PDadS* como as Igrejas Protestantes históricas com a imagem dos dois caminhos de Charlotte Reihlen.

Constata-se que a cultura visual pentecostal brasileira é um campo que merece ser explorado. Ainda há muito o que pesquisar sobre a cultura visual religiosa no seio protestante e ainda mais no movimento pentecostal. O Quadro “O Plano Divino através dos Séculos” é uma prova clara disso.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

\_\_\_\_\_. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia – 1911-2011**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENATTE, Antônio Paulo. **Recepção popular e imputação de literalidade: sobre a leitura pentecostal da Bíblia no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/247.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BOOTH, A.E. **The course of time from eternity to eternity: key to a chart**. 3 ed. Neptun, NJ: [19xx?]. Disponível em: <<https://books.logos.com/books/7923#content=%20books/7923>>. Acesso em: 26 fev.2018

BROWNE, Henry **Ordo Saeculorum**. A Treatise on the Cronology of The Holy Scriptures: And The Indications Therein Contained. Divine Plano of Times and Seansons: Together With an Appendix”. London: J.W. Parker, 1844.

BLOCH, M. [1941-42]. **Apologie pour l’histoire ou métier d’historien** Colin: Paris, 1949.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução: Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARVALHO, Oziel Lourenço; SOUZA, Sandra Duarte (org.). **Fundamentalismos Religiosos Contemporâneos**. Fundamentalismo Protestante. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada. **Revista USP**, n.67, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios da Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CLINTON, Henry Fynes. **Fasti Hellenici: the Civil and Literary Chronology of Greece from the 55th to the 124th Olympiad**. Oxford: Oxford at the University Press, 1834. [Coletânea Fasti Hellenici, vol. 1]

\_\_\_\_\_. **Fasti Hellenici: the civil and literary chronology of Greece, from the earliest accounts to the death of Augustus**. Oxford: Oxford at the University Press, 1834. [Coletânea Fasti Hellenici, vol. 2]

\_\_\_\_\_. **Fasti Romani**, the Civil and Literary Chronology of Rome and Constantinople from the Death of Augustus to the Death of Heraclius. Oxford: Oxford at the University Press, 1834-50. 2. vol.

CONARD, Willian W. **O movimento dos irmãos: uma história inconclusa**. Vila Velha: Jabesmar Aguiar Guimarães, 2004.

CGADB. Declaração de Fé das Assembleia de Deus. **CPAD**. Rio de Janeiro, 2017

DALEY, Brian E. **Origens da Escatologia Cristã: A Esperança da Igreja Primitiva**. Tradução: Paulo D. Siepierski. São Paulo: Paulus, 1994.

DAYTON, Donald W. **Raízes teológicas do Pentecostalismo**. Tradução: Paulo Ayres Mattos. Natal, RN: Carisma, 2018.

EDWIN, Sandys. *The Sermons of Edwin Sandys, To Which Are Added Miscellaneous Pieces, by the Same Author*. Edited for The Parker Society by John Ayere. Cambridge: The University Press, 1842.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 2009.

FERES JÚNIOR, João. **Spanish America como o Outro da América**, Revista Lua Nova, n. 62, São Paulo, CEDEC, 2004, p. 69-89.

FERREIRA, Maycon Sanches; OLIVEIRA, Vilmar Diniz; OLIVEIRA, David Mesquiat; SERENO, Samuel Goulart; SOUSA, Antonio Junio Alves de. “O Dispensacionalismo no Pentecostalismo Brasileiro: Introdução ao Estudo de Recepção da Obra “O Plano Divino através dos Séculos”. In: **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória-ES, v. 4, n. 2, p. 155-172, jul-dez., 2016.

FILGUEIRAS, Silas G. **Os irmãos: notas históricas sobre o grupo evangélico conhecido como os "irmãos"**. Petrópolis: Silas G. Filgueiras, 1991.

FROOM, Le Roy Edwin. **The Prophetic Faith of ours Fathers**. The Historical Development of Prophetic Interpretation. New York: Review and Herald, 1946.

GONZALEZ, Justo L. **A era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GONZALEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Vinte séculos de Pensamento Cristão. São Paulo: Hagnos, 2008.

GORDON, Tamar. Introduction: visual culture of Pentecostalism. In: **Material Religion**, vol. 1, n. 3, p. 308-313 (jul./set. 2011).

GRAY, Wood. **Panorama dos Estados Unidos**. Publicação do Departamento Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América. Rio de Janeiro, 1973.

HOBSBAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. 9. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

LARKIN, Clarence. **Dispensational Truth or God's Plan and Purpose in the Ages**. 2. ed. ampliada. Glenside, PA, 1920.

LARKINESTATE.COM. **Biografia**: Rev. Clarence Larkin Estate. Disponível em: <<http://larkinestate.com/biography.htm>>. Acesso em: 30 dez.2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1.ed. Campinas. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola,1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a Inserção do Protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 376 p.

\_\_\_\_\_. **Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos**. O campo religioso e seus personagens. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. 223 p.

MOLTMANN, Jurgen. **A Vinda de Deus**: Escatologia Cristã. Tradução: Nélio Shmeider. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MORGAN, David. **The forge of vision**: a visual history of modern Christianity. University California Press, 2015.

MOUNTJOY, Shane. **Manifest destiny**: westward Expansion. Milestones in American History. Infobase Publishing. New York, 2009.

OLSON, Lawrence Nelson. **“O Plano Divino através dos Séculos”**. Minas Gerais, Lavras: CPAD, 2013.

OLÍMPIO, Marise Magalhães; MAIA, Jorge Henrique. **Estados Unidos e o Destino Manifesto**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/historia-geral/estadosunidosdestino-manifesto.htm>>. Acesso em: 01 ago.2017.

O’SULLIVAN, John. "Annexation" United States Magazine and Democratic Review. **Folha de S. Paulo**. v.17, n.1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2011/05/909911-assista-e-leia-discurso-de-obama-sobre-a-morte-de-bin-laden.shtml>. Acesso em: 05 ago.2017.

O’MALLEY, John W. **Uma História dos Jesuítas**: de Inácio de Loyola a nossos dias. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PANOFSKY, E. “Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença”. In: **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PEPELIASCOV, Antonio. **História da Assembleia de Deus Santo André: 1934-1997/63 anos**. Santo André: Editora Mensagem para Todos, 1997.

RAMOS, André L. A., MIRANDA, Augusto R. A. **Religião Civil, Destino Manifesto e Política Expansionista Estadunidense**. Ameríndia, v. 4, n.67, 2007.

RYRIE, Charles Caldwell. **Dispensationalism Today**. The Moody Bible Institute os Chicago, 1965.

RENDERS, Helmut. “O fundamentalismo na perspectiva da teoria da imagem: distinções entre aproximações iconoclastas, iconófilas e iconólatras às representações do divino”. In: **Estudos da Religião**, ano XXII, n°35,87-107 (jul/dez.2008). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/174/184>. Acesso em: 20 nov.2018.

ROCHA, Daniel. **Fim dos Tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980)**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

ROMEIRO, Paulo. **A bíblia Dake**. Centro Apologético Cristão de Pesquisas - CACP. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/a-biblia-dake/#respond>>. Acesso em: 16 nov.2018.

SACHALY, Harald. **O Pré-milenismo Dispensacionalista à luz do Amilenismo**. 2º ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

SHEDD, Russel P. **Escatologia do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

SILVA, Rayfran Batista. **Nosso Cremos**. Uma Introdução às Principais Doutrinas da Fé Cristã Ensinadas pelas Assembleias de Deus. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.

SILVA, Esequias Soares (org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SILVA, Rayfran Batista. **Nosso Cremos**. Uma Introdução às Principais Doutrinas da Fé Cristã Ensinadas pelas Assembleias de Deus. São Paulo: Reflexão, 2018.

UNFRIED, Rosana Aparecida Reineri. **Fotografia e Documentação Urbana: As imagens de Oswaldo Leite como auxiliares na recuperação de fragmentos históricos de Londrina**. 2016. Mestrado (Dissertação em Comunicação), Universidade Estadual de Londrina.

UNIÃO.NET.COM. Igreja Evangélica Assembleia de Deus. **SIMECC**. Disponível em: <<https://www.uniaonet.com/ieadcacadorsc.htm>>. Acesso em: 20 nov.2018.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de Genero sobre a Trajetória da vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Mackenzie, SP.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Fundamentalismo**: matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.

VLACH, Michael J. **Dispensacionalismo**: Crenças Essenciais e Mitos Comuns. Tradução Germano Ribeiro – Eusébio, Ceará: Editora Peregrino, 2016.

XAVIER, Pikaza; NEREO, Silanes. **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

WEBER, Timothy. **Living in the shadow of the Second Coming**: American premillennialism. New York: Oxford University Press, 1979.

WEBER, Timothy. **On the Road to Armageddon**: How Evangelicals Became Israel's Best Friend. Baker Academic, 2004.

WILKINSON, Paul Richard. **For Zion's Sake**. Cristian Zionism and the Role os John Neson Darby. Studies in Evangelical History and Thought. Colorado Springs Paternoster, 2007.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**. Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Tradução Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013. 216 p.

## Vídeos

OLSON, Lawrence Nelson. **“O Plano Divino através dos Séculos”**. Minas Gerais, Lavras: CPAD, 1943.

Figura: Estudo “O Plano Divino através dos Séculos”, ministrado pelo Pastor João A. de França no Templo Sede das Assembleias de Deus de Alta Floresta – MT Fonte: Vídeo do YouTube – Publicado em 18/03/2014 – Link do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=MOKt7Zp3xgo>. Acesso em: 03 out.2018.

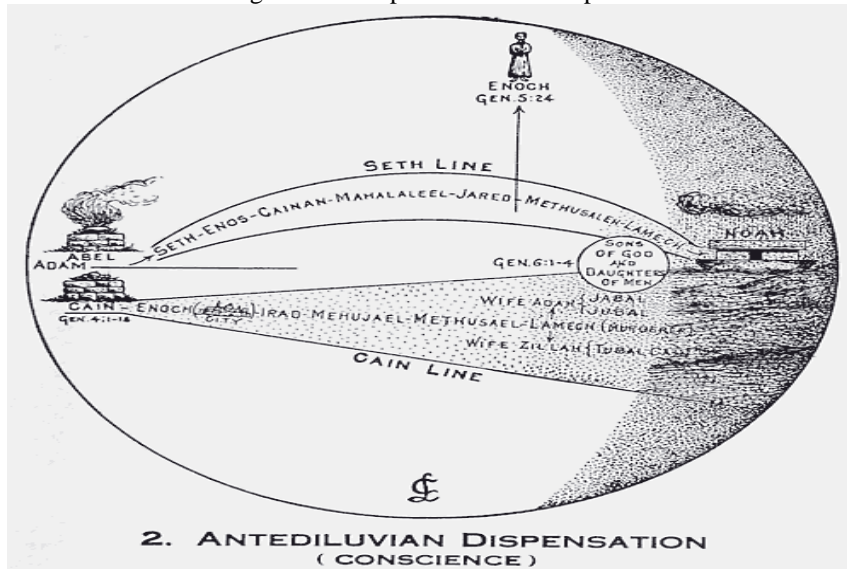
Figura: O Pastor Nirton do Santos ensinando “O Plano Divino através dos Séculos” na década de 60. Fonte: site Fonte Memórias das Assembleias de Deus. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com>>. Acesso em: 03 nov.2018.  
Fonte: Vídeo do YouTube – Publicado em 24/05/2013 – Link do vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=VuLoYc4h96U>

Figura: Estudo “O Plano Divino através dos Séculos” Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Missões- Campo Filiado a COMADEGO e CGADB. Pastor Vicente de Paula  
Fonte: Video do You Tube – Publicado em 08/07/2017 – Link do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=KM25ir-f05Q> acesso em 03/10/2018.

# ANEXOS

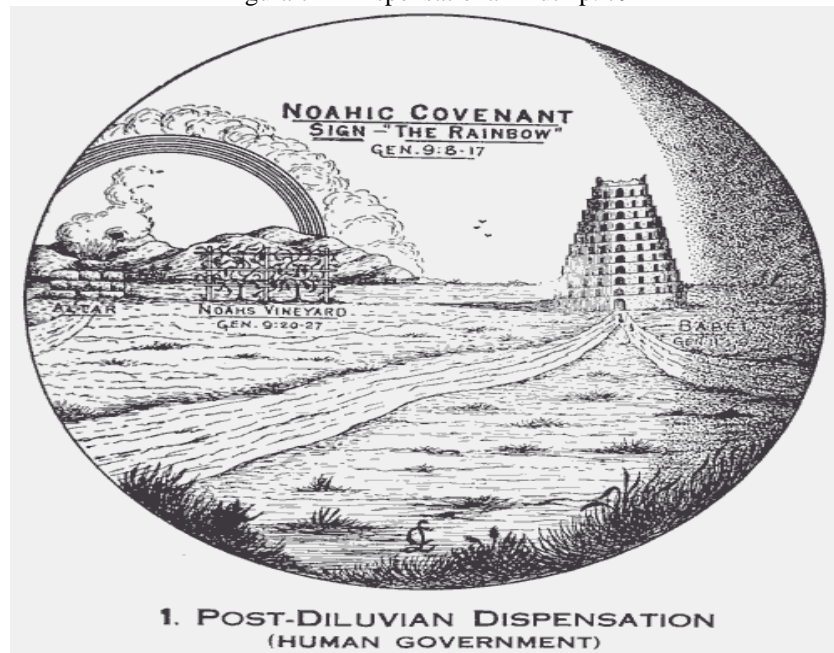
## Anexo 1

Figura 71 - Dispensational Truth p. 73



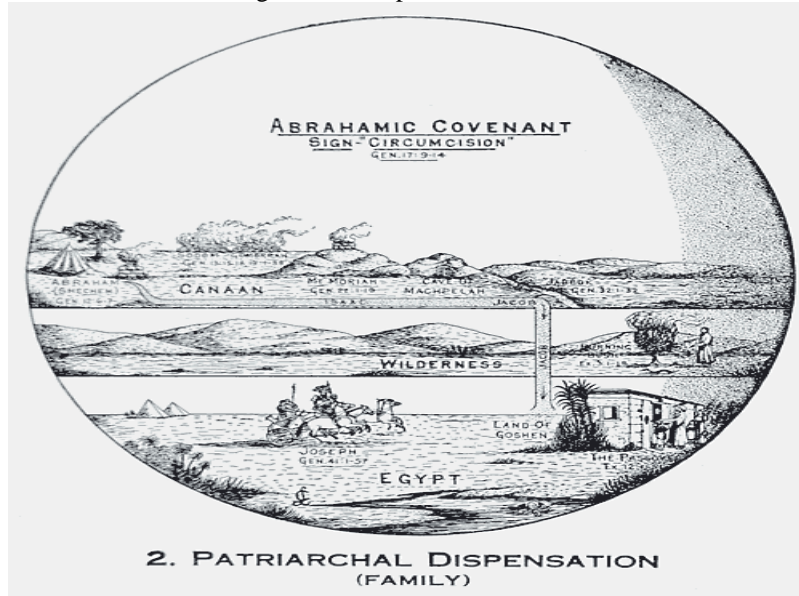
Fonte: Acervo pessoal

Figura 72 - Dispensational Truth p. 79



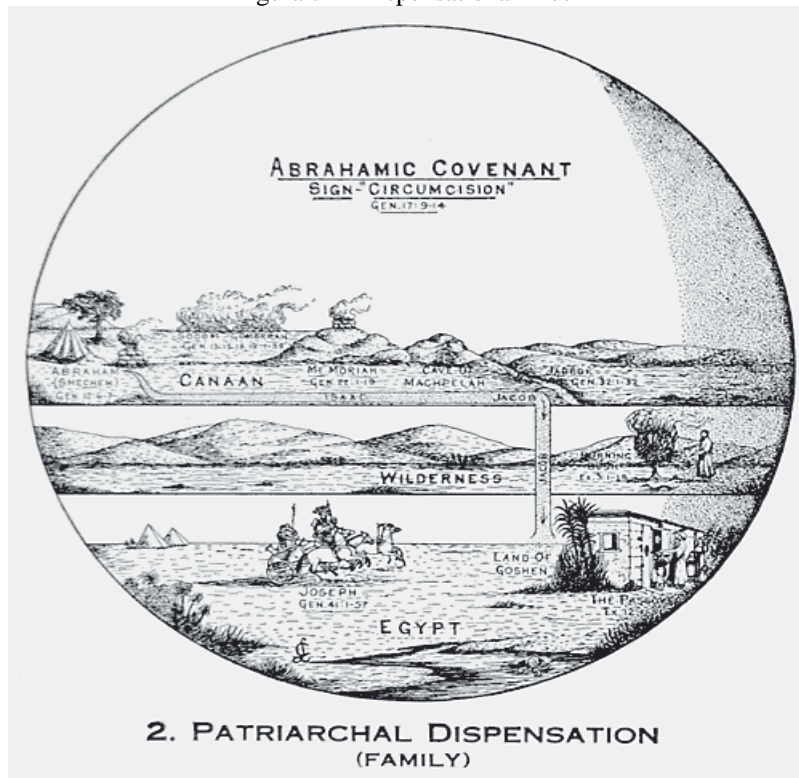
Fonte: Acervo pessoal

Figura 73 - Dispensational Truth



Fonte: Acervo pessoal

Figura 74 - Dispensational Truth



Fonte: Acervo pessoal

## Anexo 2

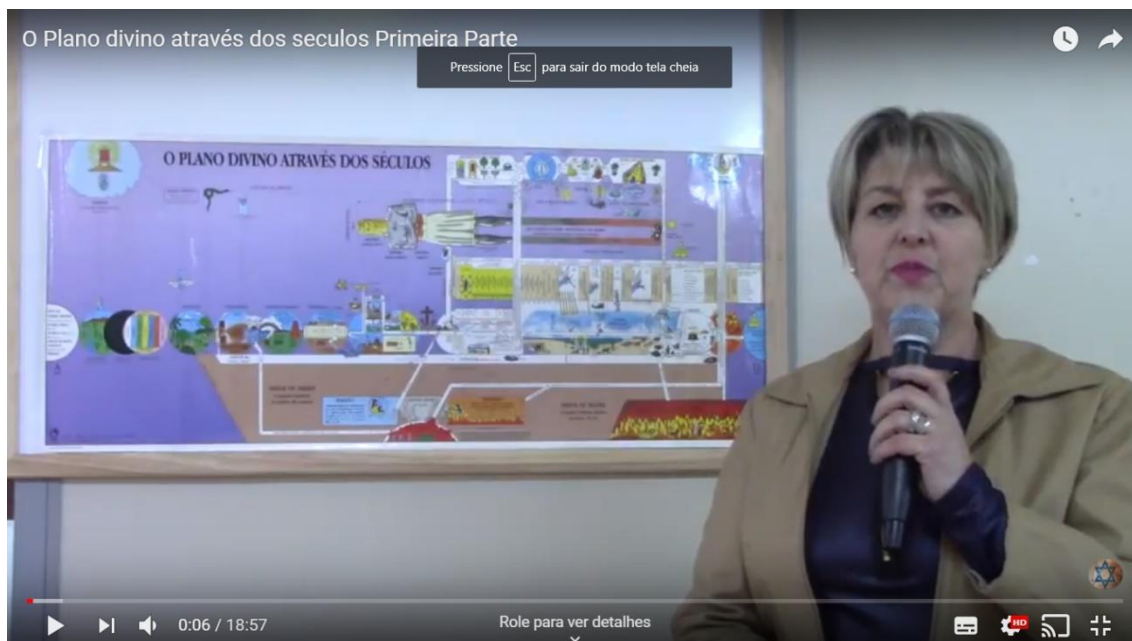
Fotografias e Vídeos contemporâneos do uso do “Quadro “O Plano Divino através dos Séculos”

Figura 75 - Estudo das sete dispensações e sete festas de Israel



Fonte: Youtube

Figura 76 - Pastora Donizete da Igreja Quadrangular



Fonte: Youtube

Figura 77 - Estudo “O Plano Divino através dos Séculos” Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Missões- Campo Filiado a COMADEGO e CGADB. Pastor Vicente de Paula



Fonte: Youtube

Figura 78 - Igreja do Evangelho Quadrangular



Fonte: Google

Figura 79 – Culto de Ensino

**CULTO DE ENSINO**  
**O Plano Divino Através dos Séculos**

2 Timóteo 4:8

Pr. Marcos Amorim  
 Toda Terça-Feira às 19:30  
 Avenida Professora Dina Rizzi, 1998

Fonte: Youtube

Figura 80 - Igreja Evangélica Quadrangular Chamada para curso de Escatologia e sobre “O Plano Divino através dos Séculos”.

**Curso GRÁTIS!**  
em Cosmópolis

# Escatologia

a visão bíblica sobre o fim dos tempos

Venha aprender o livro de **Apocalipse**  
e o **Plano Divino Através dos Séculos**

**DATA DAS AULAS EM FEVEREIRO**

DIA	DIA	DIA	DIA	Horário
5	12	19	26	19:30 às 22:30 hs

Endereço  
Rua Sete de Setembro, 639  
Centro - Cosmópolis/SP

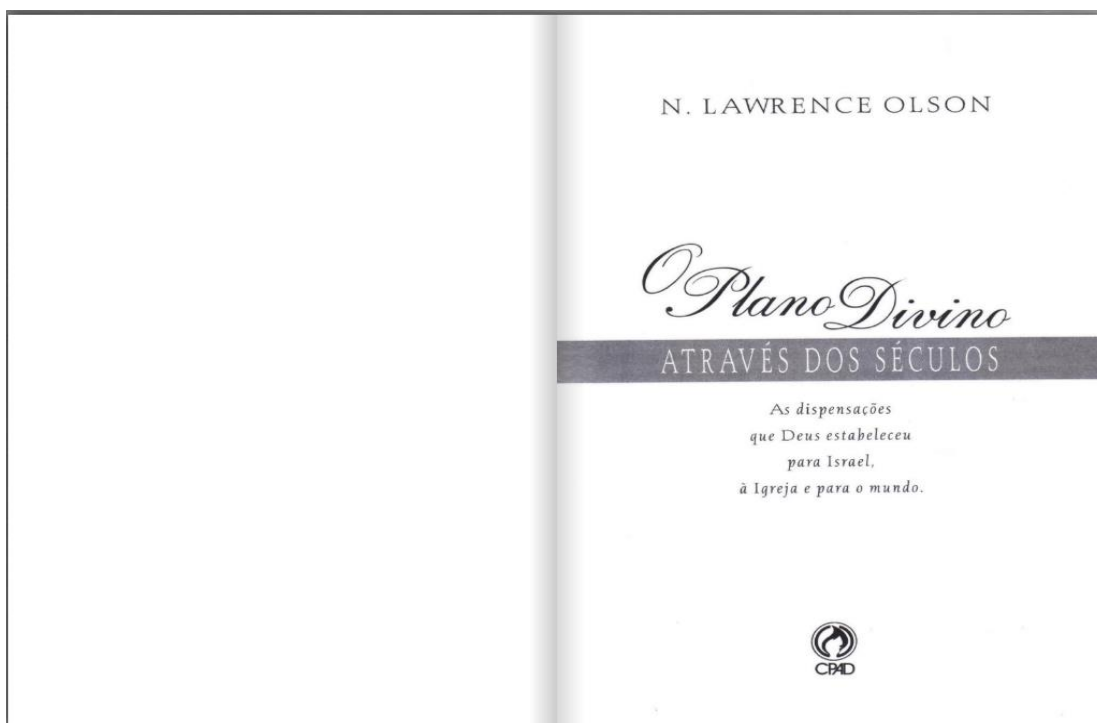
www.iceacosmopolis.com.br  
@iceacosmopolis  
iceacosmopolis@gmail.com  
19.99394-1464

Prof. Fr. Reinaldo Pinheiro  
IBICAMP - Campinas/SP

...cresce na graça e  
no conhecimento...

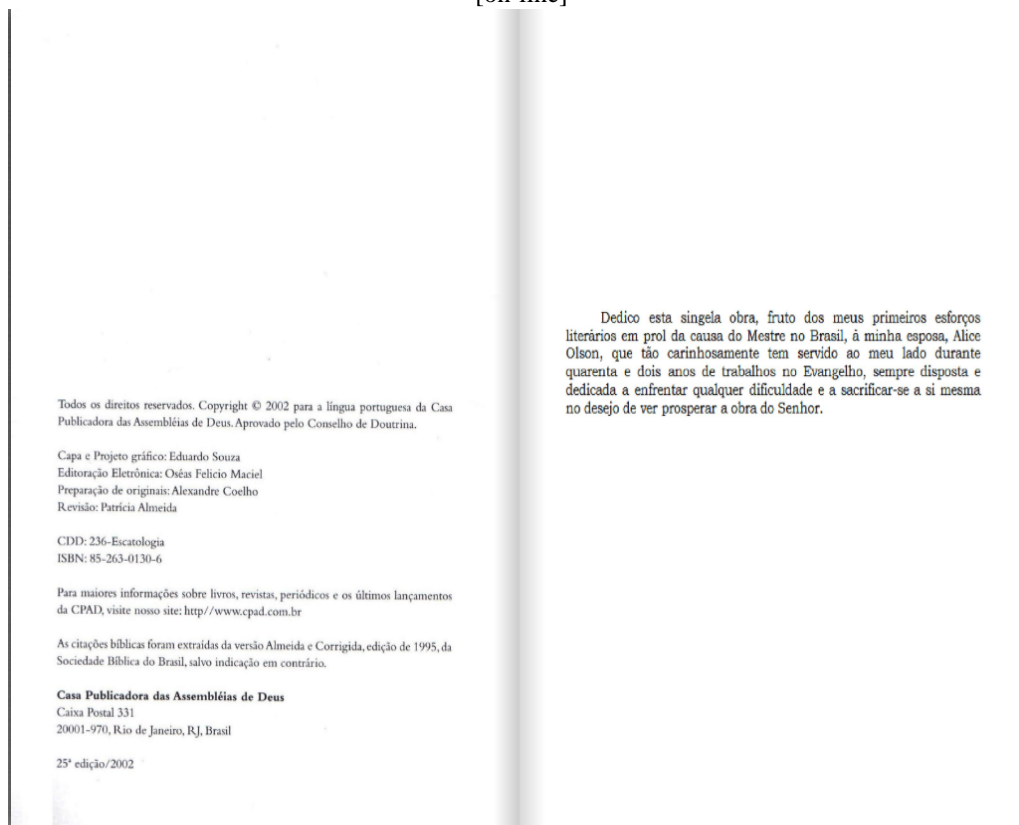
Fonte: Google

Figura 81 - N. Lawrence Olson. “O Plano Divino através dos Séculos”. 25ª ed. CPAD, 2002 [on-line]



Fonte: Youblisher.com

Figura 82 - N. Lawrence Olson. "O Plano Divino através dos Séculos". 25ª ed. CPAD, 2002 [on-line]

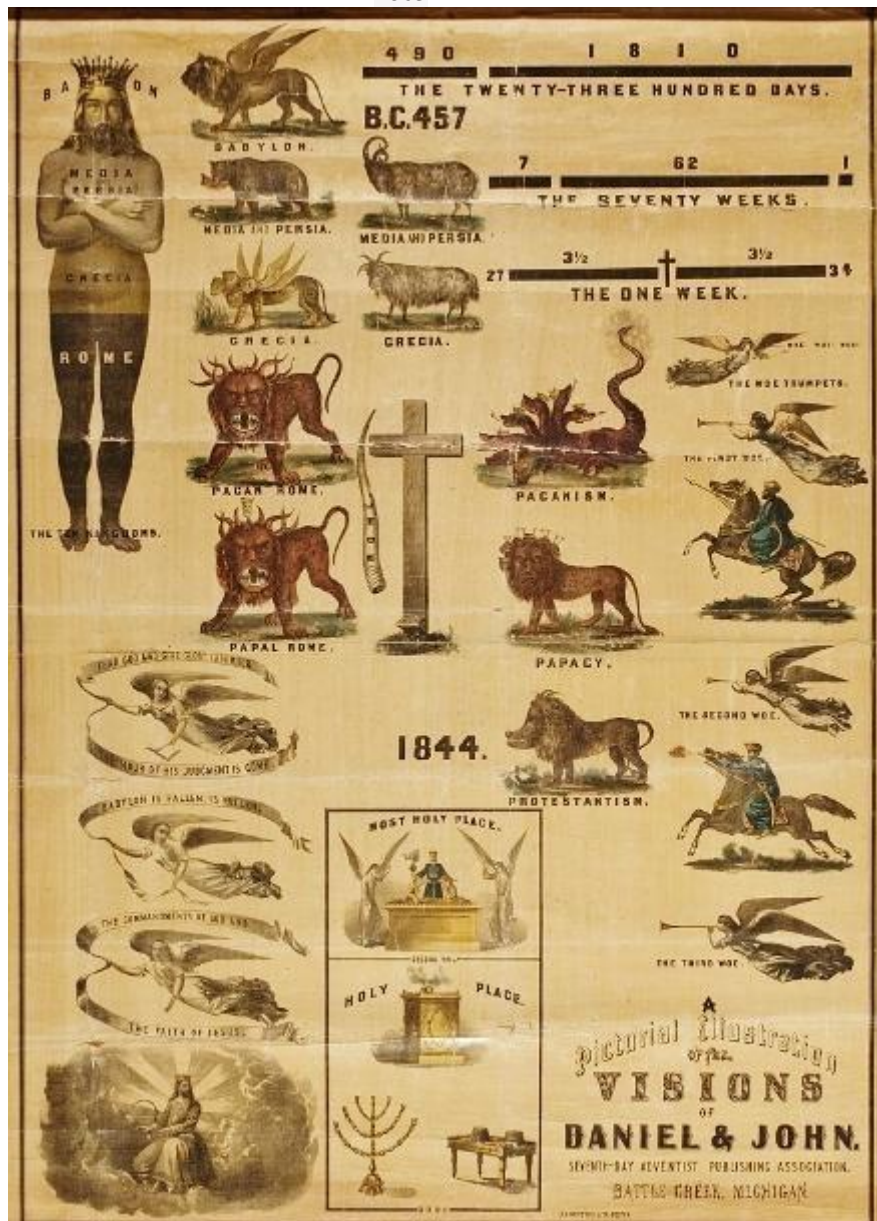


Fonte: Youblisher.com

Figura 83 - William Miller, A chronological chart of the visions of Daniel and John. Alamy, 1842



Figura 84 - William Miller, A chronological chart of the visions of Daniel and John. Alamy, 1863



Fonte: Independent.co.uk